

REVISTA BRASILEIRA DE
SEXUALIDADE HUMANA

VOL. 7 - ED. ESPECIAL 1 - 1996

ISSN 0103-6122 - CODEN RBSHE5



sbrash
↑
+

Revista
Brasileira
de
Sexualidade
Humana

Volume 7 - Edição Especial 1 - Março de 1996
Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana - SBRASH

Sumário

Editorial	11
1. A construção social da perversão	13
2. Fantasias sexuais dos “travestis”	26
3. Ser homossexual no Brasil e não, o “ser” homossexual brasileiro	44
4. CAOS: o retorno do forcluido social	57
5. Contribuições a formação de uma identidade travestista.....	61
6. Há uma santa com seu nome?	70
7. O rochedo e a lírica	74
8. Identidade masculina: paradoxos na sexualidade	84
9. Prostituição masculina - as alternativas de uma política sexual: uma abordagem semiótica.....	94
10. As químicas do amor.....	99
11. A dialética do corpo em análise	104
12. Os casais gays criam beleza!.....	113

Editorial

Nossos leitores mais antigos devem lembrar-se que desde os primeiros números de nossa Revista temos expressado, em vários editoriais, a intenção (ou ao menos a esperança) de passar nossa periodicidade de semestral para trimestral.

De início a carência de bons textos não recomendava que essa mudança fosse feita, pois não conseguiríamos trabalhos de elevada qualidade em quantidade suficiente para fazer mais de dois números por ano. Há já alguns anos, entretanto, isso não ocorre mais, chegando as nossas mãos textos (de muito boa qualidade) em número suficiente para publicarmos 3 ou até 4 números por ano.

No entanto, por motivos meramente financeiros, ainda não foi possível alterar a periodicidade, tendo-se em vista o elevado custo que a Revista representa (edição, composição, impressão e distribuição) para nossa Sociedade.

Graças ao patrocínio de algumas Casas farmacêuticas, encontramos agora uma solução intermediária, capaz ao menos de mitigar a pressão que alguns autores vem exercendo, reclamando (com toda razão, aliás) da demora da publicação de seus textos. Assim, além dos números habituais, distribuídos no final de cada semestre, programamos edições extraordinárias, a serem editadas nos meses intermediários (março e setembro).

Tendo em vista serem esses números publicados em caráter extraordinário, a Comissão Editorial resolveu imprimir-lhes características diferentes, fazendo com que sejam monotemáticos.

Chega agora às mãos de nossos leitores o primeiro dessa série de números extraordinários, graça a gentileza e a compreensão dos profissionais da *Boehringer De Angeli - Química e Farmacêutica Ltda.*, tendo como tema o homoerotismo.

Para o segundo semestre de 1996 estamos programando (e procurando patrocínio) para outro número extraordinário, que será dedicado a textos sobre Educação Sexual.

Esperamos assim estar cumprindo as expectativas de nossos associados.

Nelson Vitiello
Editor-chefe

A construção social da perversão¹

1

Carlos André F. Passarelli²

“Eu sou vítima dos cartazes e vítimas de vítimas de cartazes”

Jean Genet

O psicoterapeuta está a todo momento embrenhado nessa difícil tarefa que é a compreensão e a relação com o outro, diverso de si. A ciência positivista e a filosofia de subjetividade só dão como parcialmente de subsidiar a atividade psicoterápica, que é eminentemente intersubjetiva. Explicar a perversão de cada um, isto é, saímos de um pressuposto clínico, e o de chegada, já antevejo a partir de agora, é a construção social do fenômeno.

Freud, não nos esqueçamos nunca disto, era um fervoroso cientista, trilhando nos rumos da neurofisiologia e munido de quase todas as prerrogativas do objetivismo de sua época. Assim, a investigação psicanalítica da sexualidade esta permeada da tradição positivista da ciência e

1. Comunicação apresentada em 21/10/1995 no Núcleo de Estudos de Relações de Gênero e Minorias Sexuais.

2. Psicólogo graduado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pós-graduando do Programa de Psicologia Social da PUC-PR, pesquisador do Projeto Bela Vista.

da arcaica e rigorosa educação judaica. Em *Os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, nosso bom judeu não conseguirá romper com a casa dos horrores sexuais herdada de Kraft-Ebing, nem com os conceitos de anormalidade/normalidade oriundos do evolucionismo darwiniano, preconizando assim que a sexualidade no homem segue um curso progressivo, da perversão à saúde, em outras palavras, do anormal para o normal. Não é em vão que seu primeiro ensaio trata justamente das “*aberrações sexuais*”, a saber: as inversões sexuais, o bestialismo e as perversões. Por mais impregnados de preconceitos que estes conceitos estejam, não podemos deixar de admirar a grande sacada de Freud, isto é, que a origem do que se convencionou chamar de “sexualidade saudável” está nas vicissitudes da pulsão erótica, capaz de inverter e perverter seus objetos e objetivos. E, mais ainda, além de afirmar que toda normalidade contém em si uma anormalidade potencial e estruturante, ele desloca o ponto de partida da sexualidade.

Assim, contrário à crença reinante em sua época de que a sexualidade iniciava-se na adolescência, Freud observa que a infância não é tão imaculada como se pensava (e ainda de pensa) e que o sexo é um corte que se instaura nos seres humanos no momento da ruptura do cordão umbilical.

Ao colocar em pauta a “sexualidade infantil”, Freud opera um verdadeiro *tour de force* na ampliação do conceito de sexualidade, mostrando que a mais mistério entre o desejo sexual a sua satisfação do que sonham as possibilidades genitais. Ou seja, a sexualidade é muito mais que a conjunção entre um pênis e uma vagina, mesmo que, esta ainda seja a forma mais *saudável* (ou evoluída) de encontro sexual.

Mas quais os passos desta evolução?

Ao nascer, a criança dispõe de poucos recursos motores, perceptivos e expressivos para adaptar-se a este nada admirável mundo novo em que repentinamente foi colocada. Sua forma de relação com o exterior é mediada pelas sensações internas de prazer e desprazer, de satisfação e insaciabilidade, de conforto e desconforto. Assim, a fome, a sede, a dor, o sono são sentidos pelo bebê, atuando como excitação que era uma demanda, e a maneira como a mãe (ou uma figura substituta) supre ou não estas demandas instaura na criança sentimentos de prazer ou desprazer, que vão estruturando a realidade ao longo da vida.

A cada fase do desenvolvimento físico da criança temos um correspondente psíquico ou emocional. Nos primeiros meses temos uma excitação que se expressa em termos de oralidade. Isto é, na satisfação das necessidades de alimentação opera-se uma erotização da boca, que desta

3. FREUD, SIGMUND. Três ensayos para uma teoria sexual in *Obras Completas*. Madrid. Biblioteca. Nueva, 1981. v. 11.

forma. além de ser um órgão simplesmente para a introdução da comida, passa a ser carregado de significados às sensações de prazer e desprazer.

Estamos então no início do desenvolvimento emocional, denominado por Freud de *Fase Oral*, onde encontramos a origem de muitas atividades sexuais do comportamento adulto, tais como: o sexo oral, fumar cigarros e charutos, comer ou drogar-se, ou seja, atividade cujo o fim, entre outros, é a busca do prazer através da incorporação de algo ou alguém, desvinculada ou não de necessidades biológicas ou orgânicas.

Dentro do raciocínio evolutivo proposto pela teoria freudiana, observamos que esta fase (assim como a *fase anal*) será considerada por Freud como uma das formas de organização da vida sexual de status *pré-genital*, dado que a sexualidade, nesta primeira fase, está deslocada dos genitais para a boca. Nisto vemos a curiosa capacidade humana de extrair prazer de uma função fisiológica, processo este denominado por Freud de "*Teoria de Apoio*".

A partir desta teoria, a psicanálise propõe a transcendência do psíquico em relação ao biológico, ou seja, o organismo com suas exigências impulsiona o sujeito a significar suas satisfações e perdas através de palavras, que vem de um Outro (a mãe, representante inicial da Cultura). Portanto, não é mais somente o leite quente que o bebê exige com seu choro infernal, mas é todo o estofado que o cerca, isto é, o bico do seio, os tapinhas nas costas, o colo doce e suave, os sons de uma voz produzindo frases enigmáticas e misteriosas, mas cheias de ternura ou dor, tais como, "*que bonitinho*", "*não chora, não*", "*gutcho-gutcho da mamãe*", "*ai que moleque, pára de chorar*", "*dorme, nenê, dorme*".

No curso da vida, estas palavras ficarão como doces ou amargos ecos de um passado que jamais descola da carne; apenas são recalcados, e, quando voltam. explodem em discursos de ira e poder, em gozos pretensamente ilimitados ou em vozes que se calam diante da vergonha de um amor.

É na literatura que vou buscar os exemplos de tudo isto que a-ora descrevo, a partir de passagens do texto de Jean Genet, *Querelle*⁴, esperando que as palavras deste autor nos interprete e nos remeta aquilo que um dia fomos ou quisemos ser.

Descrevo agora, com a pobreza inevitável de qualquer descrição, a cena que acontece no quarto de Madame Lysiane-a dona do Bordel onde se passa grande parte dos acontecimentos desta trairia -, deitada com seu amante Robert, irmão de Querelle, o herói de nossa história. Lysiane está impressionada e intrigada com a semelhança os *dois irmãos*, semelhança está que não pode ser colocada em palavras pelos irmãos.

4. GENET, JEAN. *Querelle*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.

Sempre tão distante, seu olhar subiu um pouco e, fixou-se na boceta peluda de Lysiane imóvel. Robert viu aquele tufo com nitidez; com nitidez pensou:

Sua moita, seu moitão.

Mas não abandonou a dupla e única imagem dele e do irmão. (p. 173)

Diante da monstruosidade representada pela fusão destes dois homens, Lysiane vai perdendo a pose de matrona, de dona de bordel:

O rosto não convencia mais. Não passava de uma mulher madura, sem maquilagem e sem beleza, mas transbordando de doçura, repleta por um longo tempo de reservas de ternura real contida, tremidas e que só pediam para escorrer no quarto, primeiro sobre os pés de Robert encantado, em ondas longas e quentes atravessadas de peixes sutis ou maliciosos. (...) A cena estava morta. Robert se aconchegou contra a amante. Ele não soube por um instante se era seu filho ou seu amante. Seus lábios imóveis não abandonavam a face ainda empoada, onde rolavam lágrimas. (p.173)

A partir de então, a cena desdobrava-se num ato quase alucinatório, onde Madame Lysiane resolve, na tentativa de exorcizar o espírito de Querelle do corpo do seu amante, praticar um ato nunca antes por ela praticado. Parte para aquilo que ela considera a entrega máxima de uma pessoa ao ser amado.

... seu amor compreendera que ele próprio devia descer às épocas mais cavernosas, a fim de voltar aquele estado indeciso, protoplasmático, larvar a, fim de escorrer melhor entre os dois outros, depois misturar-se a eles como uma clara de ovo a outras claras de ovo. O amor de Lysiane devia fundi-la. Reduzi-la a nada, a zero, destruir então essa armadura moral que fazia dela tudo o que ela era e conferia-lhe sua autoridade. (...) Lysiane desceu mais ainda- Robert subiu... e, decisivo, imperioso e apressado, a empurrava com firmeza pelos ombros.

Muito desajeitada, Madame Lysiane chupou o amante. Engoliu a porra. (...) Quando o rosto de Lysiane emergiu dos lençóis, o dia entrava pelas cortinas mal fechadas. (...) Então ela soube de fato que tudo havia mudado pela primeira vez em sua vida, após ter feito amor - ter feito um macho gozar - ela não se lavava. (...) Ficou perturbada pelo insólito de tal situação, ficar deitada sozinha, na beira da cama, (...) enquanto Robert vai se lavar. O que ela iria lavar? Bochechar ou gargarejar seria risível após ter engolido a

porra. Ela teve o sentimento de estar suja. Olhou Robert lavar o pau, ensaboá-lo (...). Ela teve este pensamento cômico que não a divertiu:

Ele tem medo que minha boca o envenene, É ele quem solta o veneno e sou eu que o enveneno.(p. 174-5)

Aqui, vemos Madame Lysiane passando de mãe para mulher e de mulher para criança. Sua ira e ciúmes diante do amor entre os dois irmãos pedem uma prova de sacrifício que serve como aniquilamento e redenção simultaneamente. O amor da criança que suga o leite, aqui se transmuta num eloqüente jato de porra, que pede para ser engolida e assimilada, um leite que azeda e se transforma em veneno. O ato de chupar é reflexo deste imperioso desejo de incorporar o outro pela boca ao mesmo tempo em que nos aconchega nos braços da morte - êxtase estático. O sexo oral é vil e necessário. rebaixa para elevar a um estágio de não-ser e, denominados, dominados o gozo do outro. É o poder do humilhado.

Vejamus um outro exemplo, agora entre dois homens: uma cena entre Querelle e Mario, um policial.

Com a voz perturbada, quebrada, o policial acrescentou:

Me faz gozar. A raiva tomou conta de Querelle, que beijou Mário furiosa e desesperadamente, na boca. Com mais ardor e precisão que o habitual, exigiu ter consciência da penetração de sua garganta pela pica do tira. Mário sentia esse desespero. Ao temor que pairava acima de que o marujo, fora de si, cortasse seu membro com um golpe de mandíbula, o policial acrescentava pelo acúmulo de suspiro eróticos e de uma perigosa confissão, liberada sob a forma de gemidos ou de súplicas. Certo de que seu amante gozava por estar ajoelhado diante de um tira, Mario exalou sua ignomínia. (...) À medida que evocava sua abjeção, os músculos retesavam-se endureciam, impunham a Querelle uma presença imperiosa, dominadora, invencível e boa.

Quando, ficaram novamente face a face, em pé, abotoando-se, de novo homens, nem um nem outro ousou evocar o delírio... (p. 245-6)

Se um ou outro evocasse o delírio, ambos correriam o risco de assumir o prazer transformar em palavras um ato “que não ousa dizer o seu nome”, pois isto conferir-lhes-ia uma identidade que não suportariam carregar. Depois do gozo, o marujo e o tira são novamente homens. E antes, o que eram? Animais? Macho e fêmea? Respostas impossíveis, acredito, pois no momento em que a boca e o sexo se encontram, somos enviados ao que Genet denomina de estado protoplasmático, isto é, onde a biologia e a psicologia se amalgamaram num terreno tornado incerto pela Cultura, de onde as identidades foram banidas.

Assim, vamos percebendo que a psicanálise freudiana vai “*desnaturalizado*” a sexualidade humana. Fica difícil, depois dela, pensar em “*sexualidade normal*”, ainda mais se pensarmos no sexo como prática de incorporação do outro. A partir da sexualidade oral somos levados a pensar na indiferenciação comumente verificadas nos adultos *amantes*, definindo este não a partir dos sentimentos que portam (amor, paixão, ódio ou qualquer coisa que o valha), mas das práticas sexuais que exercem, onde o limite entre a dor e o prazer é tênue.

É no início do desenvolvimento psico-sexual que encontramos as origens de diversos comportamentos sexuais, confusamente chamados *perversos*. Isto é, estamos na base das práticas masoquistas, capacidade *demasiadamente humana* de extrair o prazer da própria dor. Trata-se de uma vontade de dominar, sujeitando-se. É o *veneno da porra*, pois, incorporada, aniquila o desejante com o seu próprio gozo.

Assim, dentro do raciocínio evolucionista da psicanálise, vamos construindo nossas vidas trazendo sempre como potencialidade estas *aberrações sexuais*.

Se a psicanálise pode revelar a construção de uma identidade sexual do sujeito chamada perversa, ao escolher a construção social da perversão como tema para esta apresentação, minha preocupação principal pode ser definida com a seguinte pergunta: afinal, para que serve a perversão, enquanto categoria clínica? Ou ainda, de que nos serve a identidade sexual? Não é necessário dizer que talvez estas questões não se encontrem respondidas ao final desta exposição, mas pelo menos espero que valha a pena estes devaneios.

Passemos, então, à definição, não como ela se encontra na clínica, mas tal como ela se apresenta no dicionário:

Verbetes: perversão

[Do lat. *perversione*.]

S. F.

1. Ato ou efeito de perverter(-se).

2. Corrupção, desmoralização, depravação.

3. Alteração, transtorno.

4. Med. Desvio ou perturbação de uma função normal, sobretudo no terreno psíquico.

Perversão sexual.

1. *Qualquer anomalia do comportamento sexual.*

(grifos nossos)

5. FERREIRA. AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA, Novo dicionário da língua portuguesa, Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1988.

O que nos chama a atenção nesta definição é a inclusão de um adereço, intitulado *perversão sexual*, sendo que no tocante à definição do termo na medicina, o autor já havia sublinhado o carácter psíquico do fenómeno. Então, por que enfatizar o aspecto sexual da questão, ou do termo? A resposta para isto vamos encontrar em Foucault, em sua história de sexualidade. Logo no primeiro volume desta coletânea de textos⁶, Foucault irá situar no final do século XVII, uma modificação na forma como os seres humanos encaravam o cuidado do corpo e o uso dos prazeres.

Segundo este autor, nesta época são cunhadas tramas lingüísticas, que ainda hoje nos influenciam e orientam nosso modo de estar no mundo e, inclusive, de fazer ciência. Como sua brilhante *História da Loucura*, Foucault, na obra em que estamos nos pautando, vai nos mostrando como, no final do século XVII, nascem políticas de saúde coletiva onde a sexualidade passa a ter papel preponderante. Assim como o doente mental, categoria criada para dar conta dos parias do trabalho e do capital, surge uma verdadeira galeria de tipos sexuais, que vai desde o homem e a mulher que se unem sexualmente com a função reprodutiva, única finalidade da prática sexual para os moralistas desta época, até aos aberrantes seres que gozam com animais.

Talvez o pai desta categorização seja o alemão Kraft-Ebing, autor de um compêndio, que em tamanho pode ser comparado às Sagradas Escrituras, intitulado *Psicopatia Sexualis*, que pode ser resumido na seguinte simplificação: de um lado temos a grande maioria de homens e mulheres que relacionam-se sexualmente com pessoas do sexo oposto e do outro os perversos e fetichistas, que buscam prazeres sexuais com animais e coisas. No meio do campo, ou, para dizer as palavras de Jurandir Freire Costa⁷, no terreno sexual de ninguém, estão os invertidos, ou seja, aqueles que, apesar de se satisfazerem sexualmente com seres humanos, relacionam-se com pessoas do mesmo sexo.

Herdeira de Kraft-Ebing, a psicanálise vai dar um lugar ao homossexualismo, colocando-os junto com os perversos, diferenciando-os dos fetichistas. E aqui faço um parêntese, voltando ao início da minha exposição, quando versava sobre as origens perversas do desenvolvimento psíquico, a fim de mostrar que o psicanalista, embora os lacanianos sejam uma exceção a esta regra, invocando o nome de Freud, desimplicam-se de seus pacientes orientados pelo mesmo sexo, abandonando a atenção flutuante, e postulam uma estrutura psíquica dita homossexual, que soma-se a histeria, à obsessão e à psicose. Há até aqueles que, em nome de uma sexualidade saudável ou normal, apregoam a impossibilidade de um sujeito homoeroticamente inclinado assumir a posição de analista, dado que não

6. FOUCAULT. MICHEL, *História da sexualidade (a vontade de saber)*, Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

7. COSTA. JURANDIR FREIRE. *A inocência e o vício - estudos sobre o homoerotismo*, Rio de Janeiro. Relume-Dumará. 1992.

permitiria ao analisando identificar-se com o protótipo de conjugalidade oferecido pelo casal parental.

Quando situo os lacanianos fora desta regra, é porque eles situam a homossexualidade fora do âmbito das psicoses. como fazem os Kleinianos, não acreditando na estrutura clínica dita homossexual, mas acabam por situá-la estrutura perversa, apesar de suas ressalvas a respeito de uma homossexualidade neurótica. No entanto, o que falha, no meu entender, nesta postura teórica, é a própria definição de perversão. Muitos dos tornados perversos pela teoria psicanalítica, passam pela mesma configuração, no nível do desejo, que um obsessivo ou um histérico. Basta ler, a título de exemplificação, no livro de Serge Andre⁸. *A Impostura Perversa*, principalmente nos capítulos onde aborda a suposta perversão de Mishima a de Genet, o equívoco teórico de perscrutar na obra de arte a sintomatologia psíquica de seu autor. O equívoco está justamente no fato de que a obra de um artista fala por si, ela não fala de seu autor, como quis Freud com Leonardo da Vinci⁹ - que, diga-se de passagem, o próprio Freud admitiu que era um obsessivo, e não um perverso, apesar de homossexual. Retomarei este tema mais adiante.

Fechando este parêntesis. vejo que coloquei a homossexualidade como foco de meu discurso. E advirto-os que este será o mote desta apresentação, isto é tentar entender por que a homossexualidade, dentro da clínica, oscila entre a perversão e psicose. A primeira resposta que tento dar é que, exposta aos mesmos percalços que a ciências positivista, a psicanálise não goza da pretensa neutralidade científica, e, desta forma, está sujeita as mesmas injunções que qualquer outra formação discursiva com relação a isto, o próprio Freud ao longo de sua obra, postula cinco formas de explicar a homossexualidade, formas contraditórias entre si. não conseguindo chegar a um consenso final. que vão desde o polimorfismo perverso, dos *Os ensaios sobre a teoria da sexualidade*, passando pelo narcisismo, pela passividade, pela hostilidade e pelo masoquismo de *Além do Princípio de Prazer*¹⁰.

Assim passo a analisar junto com vocês dois beijo na boca trocados entre homens tentando verificar onde se dá a perversão em relação a estes encontros de bocas.

O filme de Bruno Barreto a partir da peca “*O Beijo no Asfalto*” de Nelson Rodrigues inicia com uma bela imagem: durante os créditos, um lento zoom vai aproximando o rosto de uma menina que esta dentro do ônibus que atropelou um homem e que em seguida por outro foi beijado. Beijo na boca. A criança assistindo a este beijo no asfalto. Seu olhar interroga abre questões,

8. ANDRE, SERGE. *A impostura perversa*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

9. FREUD, SIGMUND. *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci*, in *op cit.*, v. II.

10. Ver COSTA, JURANDIR FREIRE. Freud e a *homossexualidade* in *A face e o verso - estudo sobre o homoerotismo II*, São Paulo. Editora Escuta, 1995.

em contraponto ao “preconceituado” olhar dos personagens desta trairia, que conduz o beijo a uma condição de crime o de ato delinqüente.

Ao debruçar-se sobre uma obra de arte, o psicanalista pode lançar mão destas duas formas de olhar. Ou seja, ele pode usar dos conceitos psicanalíticos e analisar a obra como um discurso/sintoma do artista, tentando assim encontrar a verdade do autor. Foi o Freud fez com Leonardo da Vinci em “*Uma Recordação da Infância*” (1910). Outro caminho, seria analisar o impacto que a obra provoca no discurso da psicanálise ou do psicanalista que a contempla, fazendo da contemplação uma relação transferencial. Ou ainda, transformando a relação sujeito/objeto numa troca entre dois sujeitos, dado que a obra fala por si. Este outro olhar, trilhado por Freud diante do *Moisés de Michelângelo*, (1913) é o que tento compartilhar nesta exposição. Trabalho difícil, pois trata-se de coloca-los como ouvintes de um discurso no qual eu estou implicado. É literalmente uma exposição, aqui mediada por dois textos de Nelson Rodrigues: “*O Casamento*”¹¹, romance inicialmente publicado em 1966 e “*O Beijo no Asfalto*”¹², tragédia carioca em três atos, encenada pela primeira vez em 1961.

E o que me causa impacto com leitura destes textos é justamente a forma como neles é abordada a questão da “exposição da intimidade” (isto a que assistimos por prazer e por ofício em nossos gabinetes de analistas), exposição daquilo que tem a ver com o sujeito - e somente com ele - mas que, através do olhar alheio, acaba por transformar-se em domínio público. São posicionamentos subjetivos - aqui representados por dois beijos - que caem na boca do povo e assim são descaracterizados no que diz respeito às suas intenções, codificados pelo imaginário social como gestos transgressores à ordem sexual vigente. Isto é, estes beijos, a que assistimos por intermédio dos personagens criados por Nelson Rodrigues, questionam e ameaçam a estrutura familiar e o comportamento sexual dito “normal”, que só pode ocorrer dentro das quatro paredes do quarto do casal. São beijos malditos.

O romance “*O Casamento*” principia com a sentença: “*Todo cana-lha é magro*”. Esta frase solta é ouvida por Sabino, o protagonista -ele um magro - que o faz pensar que os magros não podem amar nus ou no claro. Logo vemos que em Nelson Rodrigues não há acaso, ou, nas palavras de Sabino, “*não há coincidência burra*”, pois cada significante é logo captado por um ouvinte. remetendo-o aos seus desejos e frustrações. Sabino, apesar de magro, não é canalha, mas cumpre o destino traçado pelo pai no leito de morte que o seria “*um homem de bem*”. No entanto este desejo paterno que nada mais é do que uma interdição, acarreta em Sabino uma

11. RODRIGUES. NELSON. *O Casamento*. São Paulo, Companhia das Letras. 1993.

12. RODRIGUES. NELSON. *O beijo no asfalto*, in *Teatro Completo*, Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1990, v. 4.

impotência sexual com prostitutas. E por isto decide-se casar. Deste casamento nascem quatro filhas - quatro mulheres. Sabino busca uma explicação para isto. E nada melhor do que um ginecologista - um especialista em mulheres - para dar-lhe esta resposta. Dr. Camarinha - o ginecologista em questão - bêbado diz a Sabino: “*É mil vezes melhor uma filha puta do que um filho puto*”. Este enunciado, que Sabino interpretará como uma apologia do lesbianismo, é um alerta do médico pois, segundo ele, “*em Copacabana a pederastia pingava do teto, escorria das paredes*”.

As teorias deste médico bêbado, por mais insólitas que nos pareçam, merecem nossas considerações. Aliás, é um especialista quem fala. Para masculinidade e um alto senso de inteligência. Assim, a pederastia é a ruína do Brasil, que é formado por um povo jovem, macho e burro. “*A fome mata e não destrói. Mas a pederastia é a nossa autodestruição*”.

Estas colocações, até o momento, foram tiradas literalmente do primeiro capítulo do romance, que acaba com a reprovação de Sabino a isto que ele denominou “*o porre pornográfico do Dr. Camarinha*”, a conclui: “*qualquer um pode ser obsceno, menos o ginecologista*”. Faz sentido, pois o que temos é um pai atormentado pela idéia do defloramento da filha mais moça, um dia antes do casamento da menina.

Também esta recordação do porre pornográfico não é casual. Na realidade funciona como uma espécie de profecia. Às vésperas do casamento de Glorinha - a filha predileta de Sabino - ele é surpreendido pela notícia trazida pelo próprio Dr. Camarinha: o futuro genro fora visto pelo médico beijando um rapaz na boca. Na narrativa, esta cena é relatada pelo médico ao pai da noiva, sendo que o noivo não aparece, neste momento, diante do leitor ou de Sabino para justificar o seu ato. As palavras do noivo, bem como o seu beijo, estão na boca do médico que examina mulheres, que prontamente diagnostica o rapaz como “*pederasta*”. A partir da visão de um beijo entre dois homens configura-se uma identidade homossexual e, por tabela, uma doença, mesmo que o rapaz, ainda segundo o médico, tenha afirmado que havia sido a primeira e terá sido a última vez que isto ocorria em sua vida. “*Sou normal - sexualmente normal*”. Mas o beijo é imperioso em relação ao discurso.

A reação de Sabino diante das palavras do médico é o motor do romance e num certo sentido, desta minha exposição. Diz o texto: “*E o pior é que precisa falar (...) Estava sabendo que o genro é pederasta e precisava falar. Precisava falar e não tinha palavras, eis a verdade, não tinha palavras*”.

A partir de então, Sabino irá em busca das palavras que lhe faltam, compondo assim este romance instigante. As palavras de Sabino, ele irá encontrar no seu passado, na morte do pai em meios às fezes, nos seus casos extraconjugais, no quarto alugado para receber as amantes (em casa de família), na violação da sobrinha de treze anos durante um ataque epilético, numa experiência homossexual onde ele teria feito o papel de

“mulher”, isto é, receber o pênis, ao mesmo tempo em que escancaram de forma brutal o desejo incestuoso entre pai e filha.

Esta, por sua vez, na flor de suas dezoito primaveras, parece não se importar muito com o beijo do noivo na boca de outro homem, dado que seu desejo aponta para outra direção: Antonio Carlos, filho do Dr. Camarinha, morto num acidente suicida um dia depois de deflorá-la. O sangue não escorreu com a ruptura do hímen lavou de morte o amado.

Notamos que as flechas do cupido desta quadrilha rodrigueana apontam para todos os lados, mas, ao invés de ligar as pessoas, vão afastando-as de suas satisfações, colocando o desejo cada vez mais além do casamento. Glorinha sabe que não irá se casar com o homem que ama, assim como Sabino reconhece que Eudóxia, sua esposa, não é a mulher de seus sonhos.

Impressiona-me, tanto nestes textos como na totalidade da obra de Néelson Rodrigues, esta radiografia às avessas do desejo, que vai delimitando áreas onde esse não está ou acabou de passar, ao mesmo tempo em que, toda vez que ele - o desejo - se impõe, parece sempre estar às margens do casal conjugal e nunca legitimando-o enquanto relação de amor. Será criatividade delirante ou *a vida como ele é?*

Talvez por causa deste inconformismo do desejo em relação ao conforto doméstico o beijo do noivo na boca de outro homem, divulgado no seio familiar pela boca do ginecologista, aparece na trama como o retorno do recalçado, pois é ele que impulsiona os personagens a depararem-se com seus desejos mais íntimos. Claramente desviados, estes desejos assustam quem os carrega, exigindo a eleição de um bode expiatório, que neste caso vem a ser a homossexualidade, o desvio sexual por excelência. Assim se amaldiçoa o beijo.

Em escala maior, reproduz-se em “*O Beijo no Asfalto*” a exposição pública de um beijo trocado entre dois homens. É o beijo de Arandir na boca de um homem agonizante que acabara de ser atropelado por um ônibus. Ele diz: “*O rapaz estava morrendo. Morrendo junto ao meio fio. Mas ainda teve voz para pedir um beijo. Agonizava pedindo um beijo. Toda cidade estava ali, espiando*”.

A partir do beijo no asfalto, surgem as especulações: teria Arandir empurrado o pobre coitado para frente do loteação? Perplexo diante do interrogatório a que é submetido pela polícia, pela imprensa, pelos colegas da repartição, pela esposa, pela cunhada e pelo sogro, Arandir foge como um culpado, duvidando dele próprio de suas intenções com o beijo, tentando dar provas de sua masculinidade. Mas, ao fazê-lo, coloca-se cada vez mais, não somente como autor do crime passionai mas, principalmente, como praticante do “nefando vício da pederastia”.

As explicações de Arandir, como não são ou não podem ser escutadas, não dão conta de conter a expansão do fato jornalístico. Cria-se um relacionamento íntimo entre ele e o atropelado, toda uma história da qual ele não participou mas que é nela incluído como agente e parceiro.

Por que Arandir não consegue explicar o seu beijo, que, segundo ele foi um gesto de salvação? O beijo de Arandir é puro ato que, tornado público, é significado pelo imaginário social, imaginário este que já tem cristalizada uma ética sexual que compartimentaliza com rótulos muito fixos toda e qualquer prática de relação entre as pessoas, criando identidades que muitas vezes pouco ou nada tem a ver com os sujeitos.

Parece-nos impossível saber se Arandir é ou não portador de um desejo homoerótico, ou mesmo se ele é isto ou aquilo, pois, ele sendo ou não sendo qualquer coisa seu beijo já não mais lhe pertence e sempre será. Embora ninguém que não o desejo saiba bem ao certo o que este beijo seja. Confuso, confesso. Mas não poderia ser de outra forma, dado que estamos falando da própria confusão do desejo - esta desorientação sexual que permeia a galeria dos personagens rodrigueanos, para falarmos no lugar de um outro -do desejo que não se satisfaz com uma identidade, emblema de um estado permanente de enunciação "eu sou", mas que, insatisfeito, segue fazendo daquele que o reconhece em si um sujeito, no estado atemporal e evanescente do "eu guero".

No seu texto sobre "*O Beijo no Asfalto*", Hélio Pelegrino¹³ aponta para a projeção da homossexual idade dos personagens no gesto de Arandir. Quanto à projeção, não temos a menor dúvida. Mas o preferido fenômeno projetado não é tão claro assim. Em "*O Casamento*" e "*O Beijo no Asfalto*", a homossexualidade não é uma questão absoluta, nem para os *beijogueiros*, nem para os outros personagens, mas sim as possibilidades de prazer que se expressam fora dos outros personagens, mas sim as possibilidades de prazer que se expressam fora da ordem familiar. Estes beijos entre homens concentram tudo aquilo que o discurso da moral sexual relegou, perversamente, para o plano da anti-norma, do não-familiar, e que, em praça pública, estampados nos jornais, servem como tela onde o imaginário social se projeta. É um filme mudo, beijos sem palavras, beijos que não ousam dizer o seu nome, porque não se deixam totalmente dizer". Beijos não-ditos. Beijos malditos.

É interessante notar como Néelson Rodrigues desloca estes beijos para as *coxias*, onde o leitor/espectador não pode vê-los. Deles só ficamos sabendo da boca destes corifeus modernos: o reporter em "*O Beijo no Asfalto*" e o ginecologista em "*O Casamento*". Mais do que um simples

13. PELEGRINO, HÉLIO. *A obra e o beijo no asfalto*, in NELSON. RODRIGUES. *op. cit.*, 1990.

relato, o anúncio destes beijos trágicos é a exposição de intimidades forjadas, que sela o destino dos “*beijantes*” ao mesmo tempo em que sentenciam todos os personagens ao silêncio sobre o seu prazer. Afinal, não há como escapar à condenação enunciada alhures pelo próprio Nélson Rodrigues: “*Toda a nudez será castigada!*”

Há alguma saída? Nélson Rodrigues aponta para a morte, a estagnação ou o exílio. Arandir é assassinado pelo sogro que o amava (talvez o crime passionnal que toda a imprensa ansiava desde o início da peça). O noivo e Glorinha se casam de forma bem convencional. E Sabino entrega-se a polícia como autor de um crime passionnal, que ele não cometeu. Palavras do texto: “*Era feliz.*”. Quando Freud foi *mais além do Princípio do prazer*, causando um verdadeiro *mal-estar na civilização* dos bem-pensantes de sua época, ele estava diagnosticando esta trágica associação que Nélson Rodrigues não cansou de descrever: sexualidade e morte estão de mãos dadas, beijando-se no asfalto.

Uns pensam que tal destino é inexorável e tem a ver com a natureza deste lobo em pele de cordeiro, chamado *homem civilizado*. Mas uma outra leitura da psicanálise leva-nos a ver que este estado das coisas é resultado da capacidade humana de transcender à natureza e criar interdições, que impeçam o gozo com a morte (a própria ou a do outro). Estas talvez sejam necessárias, mas quando começam abarcar beijos muitas vezes inofensivos, devemos perceber que estamos construindo uma civilização no mínimo neurótica, se perversa lhes parecer muito forte.

É na leitura que fazemos destes beijos que encontramos uma verdadeira trama perversa. ou seja, a perversão não está no relacionamento afetivo sexual entre pessoas do mesmo sexo, mas na atitude ideológica do observador, seja ele o analista com seu paciente, ou um passante que vê um morto sendo beijado por outro homem. Muitas vezes compactuamos com discursos totalitários sobre a sexualidade alheia, como aqueles proferidos pelo Dr. Camarinha e pelo reporte do beijo no asfalto, elaborando convicções e interpretações em cima de beijos que não vêm de nossas bocas. Mas um dia será possível pedir um beijo àquele(a) que se ama, cantando com Louis Armstrong: “*give me kiss to build a dream on*”.

Fantasiais sexuais dos "travestis" 2

Maria José de Oliveira Benites*

INTRODUÇÃO

Este estudo tem a pretensão de abordar dois temas extensos e envolventes. A fundamentação teórica dos mesmos foi possível, com base na bibliografia disponível e que se teve acesso no momento.

FANTASIA, é um tema relativamente explorado por diversos autores, que desenvolvem pesquisas e escrevem sobre suas experiências e descobertas. É um tema fantástico, que não se esgota por si mesmo, principalmente quando se aborda as fantasias sexuais. Considerando-se que uma de suas principais características, é a ausência de limites e a magia que a envolve “dissolve as repressões e restrições da realidade. Como todo imaginário erótico, ele se enfoca na satisfação do prazer”. (PARKER, 1991, p. 169).

TRAVESTI, surge no estudo com as definições utilizadas pelos estudiosos que diferem do significado popular do termo. Mas, no decorrer do texto aparece entre aspas, porque está sendo usado conforme o entendimento popular. Também é um tema fascinante e curioso, que possibilita vários tipos de estudos e pesquisas. “O universo dos travestis não é mais e

1. Pós-Graduada do II Curso de Pós-Graduação *Lato sensu* em Educação Sexual, da SBRASH.

nem menos complexo que nenhum outro. Apenas como qualquer outro, contém especificidades que exigem cuidados específicos”. (SILVA, 1993, p. 82).

A pesquisa apresenta outra ilustração do texto, na realidade foi um questionamento sobre as fantasias sexuais dos “travestis”, que se dedicam à prostituição nas ruas de Blumenau e que estão envolvidos no projeto de “Assistência à Prostituição”, desenvolvido pela Secretária Municipal de Saúde.

FANTASIAS SEXUAIS

Fantasia

A palavra fantasia é originária do grego “phantasia” e do latim “phantasia”. No Dicionário Aurélio, fantasia é definida como:

1. Imaginação. 2. Obra ou criação de imaginação, concepção. 3. Capricho da imaginação; devaneio. 4. Capricho esquisitice, excêntrica... 5. Paráfrase de uma ópera... 6. Vestimenta usada pelos carnavalescos a que imita palhaços, tipos populares, figuras mitológicas, etc... 7. Jóia falsa ou de pouco valor. 8. Assombração, imagem, fantasma. Rasgar e fantasia. Mostrar a verdadeira face de sua personalidade, depois de haver tentado dissimulá-la. (FERREIRA, 1986, p. 757).

Através do Dicionário de Psicologia, verifica-se que a definição de fantasia, está voltada claramente para a:

A construção mental consciente de imagens, de eventos ou objetos. Geralmente é uma atividade prazerosa que pode indicar saúde psicológica e pode ser útil na exploração criativa de possíveis cursos de ação. O conteúdo da fantasia, como sonhos pode refletir importantes conflitos não resolvidos e um excessivo investimento na fantasia indica problemas psicológicos. (STRATTON & HAYES, 1994, p. 103).

Alguns autores colocam que a diferença entre fantasia, devaneio e o sonho, é que quando se está sonhando (durante o sono) não se tem controle consciente do conteúdo. Enquanto que durante a fantasia ou devaneio,

é possível criar e recriar cenas, situações, episódios, mudar, tirar, colorir ao bel-prazer, ou seja de forma consciente.

Através da fantasia pode-se reviver situações, comportamentos e experiências satisfatória e prazerosas. expressar criatividade, satisfazer os mais variados desejos.

Fantasia Sexuais

Entendidas como:

Imagens eróticas de relações sexuais, incluindo variações como encontro homossexuais, sexo grupal ou sadomasoquiscno. Estudos indicam que a maioria das pessoas tem sete ou oito dessas fantasias todo dia, e que as mais comuns são substituição do parceiro usual, encontros sexuais forçados e observação de atividades sexuais. Elas não são necessariamente a chave para a orientação sexual básica de uma pessoa, mas podem revelar as necessidades de psicoterapia, como nos casos em que se verificam problemas de intimidade ou obsessão por estupro e imagens sádicas. (GOLDENSON & ANDERSON, 1989, p. 107).

A evocação de cenas eróticas, durante as fantasias sexuais, é o alimento da libido ou seja do desejo sexual.

As fantasias podem acompanhar a masturbação solitária, o coito heterossexual e homossexual. Ocorrendo ainda quando se está quieto, Ouvindo música, caminhando e em muitas outras situações.

A variedade das fantasias é infinita e diversificada. podem ser construídas sobre Situações imaginárias ou reais. Cada indivíduo constrói as imagens que lhe são mais excitantes e as faz desfilar por sua mente. A imaginação não impõe limites. O homem se realiza na fantasia, pois aí, ele reina absoluto. Só acontece o que ele realmente quer e como quer, porque tudo é permitido. “O bonito da fantasia é que ela dá liberdade para experimentar várias situações sexuais, além dos limites da realidade. (HEIMAN & LOPICOLLO, 1992, p. 89).

Mas apesar das fantasias não terem limites, além dos impostos pelo próprio indivíduo, não quer dizer que todas fantasias tornam-se reais.

Os indivíduos, em sua grande maioria, têm fantasias sexuais desde a tenra idade, que se prestam a várias funções e a uma variedade de reações, que podem se satisfatórias, embaraçosas, desconcertantes ou até mesmo chocantes.

A criatividade e curiosidade são elementos marcantes da fantasia sexual, em qualquer fase da vida. Se, na infância as fantasias sexuais podem ser vistas como brincadeira após a mesma ocorre ao contrário. Possivelmente esta atitude esta presente porque o sexo é tratado como assunto sério. Como por exemplo, algumas instituições religiosas vêem o pensamento como ação. portanto o indivíduo que têm fantasias sexuais ou desejos quando esta acordando é pecador e necessita de penitência. como se tivesse praticado a ação.

Os psicanalistas, formaram por algumas décadas o único grupo que se dedicou ao estudo da fantasia. Acreditavam que as fantasias sexuais “desviantes” (as que iam além dos atos heterossexuais), eram expressões imaturas do impulso sexual e eram obstáculos para o desenvolvimento da sexualidade sadia do adulto. Muitos acreditavam que as fantasias sexuais, fossem o início de algum comportamento desviante.

Fazem parte do ato de fantasiar, como já foi anteriormente descrito, a imaginação, a criatividade, a curiosidade e também a diversão. Mas, se a fantasia torna-se uma força controladora da vida de indivíduo, a diversão como elemento pode ser eliminada. A situação torna-se semelhante a do indivíduo viciado em jogo, esporte competitivo e outros, que se deixa dominar completamente, eliminando o lado divertido da situação.

Muitas vezes torna-se difícil diferenciar a fantasia do desejo sexual. A fantasia pode ser aliviada como ficção e irreal, o desejo é real. Em muitas situações a fantasia sexual expressa o desejo sexual, em outras situações provoca o desejo sexual. Mas, não requer que o que se fantasiou, vá se consumir.

Como as fantasias não têm limites de cenários, circunstâncias, espaço e tempo muitas vezes são provocadas intencionalmente para passar o tempo; outras vezes para sair do aborrecimento. da rotina e ainda para simplesmente provocar o excitamento. Podem surgir na consciência de forma aparentemente casual, através de pensamentos ou sentimentos sobre os quais se tem pouca consciência e controle.

Normalmente quem está fantasiando quase sempre é o personagem e ou desempenha o papel principal na estória que está se desenvolvendo.

Muitas fantasias ocorrem com freqüência e tornam-se preferidas. Podendo ocorrer que o indivíduo tenha preferência por algum tipo de fantasia sexual, porque contribui para a estimulação sexual. Também pode ocorrer que o indivíduo prefira ou sinta prazer em desempenhar o papel de diretor. controlando as cenas, enredo, atores, etc. Este tipo de fantasia devido e sua complexidade, é mais adequada para situações solitárias, do que durante as praticas sexuais.

Outros tipos de fantasias sexuais, que também podem ser preferenciais, é a Pratica de sexo em grupo, sem nenhum personagem específicos ou linha de história ligando uma fantasia a outra.

As fantasias sexuais preferenciais, em duas situações podem se tornar problemáticas. Para alguns indivíduos o uso repetitivo e exclusivo da fantasia leva a uma situação, em que ela se torna indispensável para despertar o desejo sexual. Se o desejo depende só da fantasia, o indivíduo deixa de corresponder a(o) sua(eu) parceira(o). As fantasias sexuais raramente tornam-se obsessivas, a ponto de interferirem no pensamento e no comportamento.

As fantasias obsessivas merecem atenção e orientação específicas, porque interferem diretamente no pensamento e comportamento do indivíduo.

Como a curiosidade e a criatividade são elementos fundamentais da fantasia, o desejo de conhecer algo não experienciado, proibido e/ou inatingível, é com freqüência o ponto-chave das fantasias sexuais.

No que diz respeito à curiosidade, a fantasia pode ser excitante e intrigante, mas também pode incluir cenas completamente fora a realidade. A criatividade nas fantasias não está ligada somente à curiosidade, mas pode também estar vinculada à lembrança de experiência sexual já vivenciada. Comparando o que se passou, a fantasia pode ser melhorada a suavizada: os defeitos, falhas, cansaço e distrações desaparecerem, enquanto o prazer e ação aumentam.

O indivíduo que está fantasiando, programa a ação e também as emoções e sensações dos personagens principais. Na vida real é impossível controlar o caráter ou emoções de alguém.

A maioria dos indivíduos acham que as fantasias sexuais são íntimas e privadas, e não as compartilham. No caso de casais, sugere-se que ao compartilhar as fantasias sexuais, os parceiros contribuem entre si para a melhoria dos relacionamentos, porque promove a intimidade e aumenta a compreensão.

Indivíduos com baixos níveis de desejo sexual, tem poucas fantasias sexuais. Estes, podem se beneficiarem de tratamento para formarem fantasias positivas. Algumas vezes as fantasias sexuais são usadas para despertar ou aumentar o desejo sexual. Também são usadas juntamente com a masturbação, e durante as práticas sexuais com parceiros.

KAPLAN, em seu livro "A Nova Terapia do Sexo", faz várias descrições de casos onde fantasias orientadas pelo terapeuta podem funcionar como ajuda para os indivíduos que estão se submetendo à terapia sexual.

As fantasias sexuais podem contribuir de várias maneiras, para a resposta sexual satisfatórias, tanto psicologicamente como fisiologicamente: age contra o aborrecimento; converge pensamentos e sentimentos; promove a auto-imagem e propicia imaginar o parceiro ideal (ou vários parceiros).

As fantasias sexuais são privadas e fictícias, fornecendo ambiente seguro e protegido para deixar a imaginação e sentimentos vagarem sem limites ou censuras. Podendo também abruptamente serem interrompidas sem se tornarem desconfortáveis ou ameaçadoras. A segurança que tais

fantasias não serão descobertas, é o elemento chave para que se dê continuidade às imagens eróticas.

As fantasias sexuais de todos os tipos funcionam como válvulas de escape psicológicas que descarregam tensões ou ansiedades internas, de uma forma relativamente indolor. (MASTERS & JOHN-SON, 1988, p. 274).

Durante as fantasias podem surgir situações que contribuam para superar temores e medos infundados ou não, controlar ação e emoção, e ter recompensas por desvantagens pessoais que interferem na vida real.

Normalmente surgem fantasias sexuais inoportunas, onde situações ou condutas podem ser consideradas anormais (mesmo sendo excitantes), podendo incluir alguma forma de punição ou dano. Nas fantasias podem ser incluídas aflições físicas como doenças, prisão, maldades e outros.

Algumas fantasias sexuais podem retornar repetidas vezes de boa vontade, mas às vezes apesar de serem invocadas elas retornam e provocam culpa, conflitos, ansiedades, etc. Podendo diminuir ou inibir completamente os sentimentos sexuais.

Quando as fantasias sexuais são aflitivas e retornam seguidamente, faz-se necessário orientação e apoio psicológico.

FUNÇÕES DAS FANTASIAS SEXUAIS

A utilização das fantasias sexuais é bem variada, funcionando em diferentes níveis: incentiva a auto-confiança; como válvula de escape para sentimentos reprimidos; aumenta a excitação sexual.

As fantasias sexuais, muitas vezes são meios significativos e importantes que se tem para esclarecer e lidar com confusões e ou conflitos sexuais; uma vez que não costume falar e discutir sobre comportamento sexual. Elas podem ser um canal para antever uma experiência e preparar-se para ver como vai agir. Na adolescência essa situação ocorre com freqüência.

Ao visualizar, certas formas de atividade erótica, permite-se perceber alguns problemas que podem ocorrer. Repetindo uma cena inúmeras vezes, o indivíduo que está fantasiando pode desenvolver melhor a idéia, minimizar dificuldades e dessensibilizar parcialmente para os sentimentos de inadequação, embaraços e surpresas. Se a fantasia torna-se real, muito do imaginado acontece diferente, principalmente em relação a sentimentos, ritmos, cor, som e outras particularidades.

Os valores sexuais e pessoais podem diferir consideravelmente do real e das fantasias sexuais. outros não estão propensos a realizá-las.

Alguns fatores que podem ser relevantes para um indivíduo, querer ou não transformar em realidade suas fantasias:

(1) quão poderoso é o interesse erótico envolvido. (2) Quão receptivo, digno de confiança e compreensivo se percebe que o parceiro seja, (3) como a pessoa se sente sobre si mesma, e (4) quão inusitada ou bizarra parece a fantasia. (MASTERS & JOHNSON, 1988, p. 278).

Ao optar por realizar suas fantasias sexuais o indivíduo. muitas vezes fica desapontado, pois a transformação da fantasia em fato é insatisfatório, resultando às vezes numa perda significativa do valor erótico da fantasia ou fantasias.

FANTASIA SEXUAL E PROSTITUIÇÃO

Os homens. geralmente procuram os indivíduos de ambos os sexos (principalmente os do sexo feminino), para com eles vivenciarem uma ou várias fantasias sexuais. A situação freguês/prostituto(a) é relativamente segura do ponto de vista psicológico, por algumas razões: o profissional do sexo é alguém experiente, e que não estranha qualquer pedido “diferente”; o relacionamento freguês/ profissional do sexo, é protegido; a privacidade é assegurada e a experiência é isolada das vivências diárias; o relacionamento é primariamente sexual em vez de pessoal; o homem que solicita a um profissional do sexo práticas sexuais “fora do comum”, não arrisca a perda da autoestima ou reputação sexual. se ele pode pagar o preço.

CONTEÚDO DAS FANTASIAS SEXUAIS

Como as fantasias sexuais não tem parâmetros de limite, há uma grande variação em seu conteúdo. que é diferente de indivíduo para indivíduo.

As fantasias de experimentação são usadas às vezes para minimizar o ênfase sexual. Podendo-se visualizar experiências que nunca foram vivenciadas na realidade. Seu conteúdo pode enfocar situações novas, explorar formas incomuns de práticas sexuais. Para alguns indivíduos, a evocação do proibido é importante, para outros o desejo pelo singular ou pelo não experienciado é mais significativo e satisfatório.

O poder é o elemento e a essência de todas fantasias de conquista. É expresso na habilidade para comandar, forçar ou seduzir alguém a manter relacionamento sexual. Se a força física estiver envolvida, a fantasia pode ser classificada como estupro ou sadomasoquismo.

A idéia de ser conquistado, dá o tom na fantasia de conquista. Os papéis que podem ser assumidos neste tipo de fantasia são variados e inúmeros. A dominação/humilhação, também fazem parte da fantasia de conquista/conquistado. Além do poder, as circunstâncias criadas podem ser embaraçosas ou deprimentes.

As fantasias sexuais com um parceiro diferente é a mais comum das fantasias. O imaginado pode ser alguém conhecido anteriormente ou alguém considerado desejável. O sexo com celebridades, é um subtipo de fantasia, troca de parceiro.

O sexo em grupo é outro tipo de fantasia que se enquadra como troca de parceiros. podendo envolver orgias bem elaboradas, amigos, profissionais do sexo, práticas sexuais hetero e/ou homossexual.

As fantasias de observação, também são relativamente comuns. O indivíduo que tem este tipo de fantasia, normalmente não participa da ação. Estas fantasias são comuns entre conjugues, onde uns dos dois fantasia o outro realizando práticas sexuais com outro parceiro.

As fantasias de estupro ocorrem mais com a mulher, mas alguns homens heterossexuais fantasiam serem violentados por homossexuais.

Existem, as fantasias romaneadas e mais calmas, onde ocorre encontro com uma pessoa desconhecida em condição e lugar perfeitos; onde desabrocha a atração romântica e acontece o encontro sexual. Depois, cada qual segue seu caminho sem obrigações e felizes.

As fantasias sexuais sadomasoquistas, apresentam imagens que envolvem indivíduos sendo amarrados, surrados, chicoteados, sofrendo cócegas, algemados e outras formas de agressão. Força física e dor são elementos presentes nestas fantasias. O poder de excitação está ligado com os protestos da vítima.

DIFERENÇAS ENTRE AS FANTASIAS MASCULINAS E FEMININAS

Pesquisas indicam que os indivíduos de ambos os sexos possuem semelhanças de conteúdo em suas fantasias sexuais. As fantasias femininas são claras explicitas e detalhadas sexualmente. Para ambos os sexos as fantasias sexuais ocorrem, mais freqüentemente durante a masturbação, do que durante as práticas sexuais, com parceiro. Mas tanto homens como mulheres usam as fantasias para intensificar a excitação sexual.

Pensava-se que as mulheres não tinham fantasias sexuais, mas inúmeros trabalhos com base em pesquisas, comprovam que as mulheres fantasiavam e muito.

O conteúdo diferencia em parte em relação ao conteúdo das fantasias masculinas. As mulheres são mais propensas a “romancear” as fantasias, os homens são mais “diretos”, no que diz respeito às questões sexuais.

Mesmo assim, estão presentes nas fantasias de ambos os sexos, ingredientes ligados ao poder, sedução, conquistas e outros.

TRAVESTI

Devido ao interesse pelo tema, buscou-se em várias fontes, o significado de TRAVESTI e TRAVESTISMO.

Travesti origina-se do francês - travesti.

No Dicionário Aurélio, travesti é definido como: “1. Disfarce no trajar. 2. Indivíduo que, geralmente em espetáculos teatrais, se traja com roupas do sexo oposto. 3. Homossexual que se veste com roupas do sexo oposto”. (FERREIRA, 1986, p. 1707).

No Dicionário de Psicologia, a definição que de encontra é:

Os travestis são pessoas que gostam de se vestir como membros do sexo oposto e fazem isto de modo elaborado. Embora o travestismo possa estar muitas vezes associado a homossexualidade, a maioria dos travestis é heterossexual. De modo geral os travestis tendem a estar contentes com o seu próprio sexo e papel sexual e não experimentam papel de identidade sexual. (HAYES & STRATTON, 1994, p. 238).

A definição encontrada no Dicionário de Sexo é a seguinte:

Travesti, indivíduo que se veste com roupas do sexo oposto. Mais especificamente o homossexual masculino que veste com roupas de mulher e procura dar ao corpo aparência feminina. Em geral os travestis vivem de espetáculos ou da prostituição, na qual desempenham inclusive papel masculino com alguns clientes. (GOLDENSON & ANDERSON, 1989, p. 265).

Para o termo TRAVESTISMO, foram encontradas as seguintes definições: “Desvio em que o portador sente prazer erótico em usar vestes do sexo oposto. Embora possa vir associada à homossexualidade, não deve

ser confundida com ela, pois incide também em heterossexuais”. (VITIELLO, 1994, p. 229).

Na definição acima aparece o termo “desvio”, já na definição abaixo, aparece como “distúrbio psicosssexual”, o que indica que para os autores o TRAVESTISMO, foge dos parâmetros aceitos socialmente.

Travestismo, distúrbio psicosssexual caracterizado por uma persistente (e freqüentemente compulsiva) necessidades de vestir roupas do sexo oposto, como meio de conseguir excitação sexual. O travestismo geralmente é observado entre homens heterossexuais com limitada experiência sexual com mulheres, e que podem ter se envolvido em atos homossexuais... (GOLDENSON & ANDERSON, 1989, p. 265).

As definições acima foram citadas com o intuito de ilustrar e aumentar a compreensão do estudo. Portanto não será discutido mais profundamente a questão do TRAVESTISMO tendo base as definições dos autores citados acima.

Voltando ao termo TRAVESTI, a definição que mais se expressa a se aproxima do uso popular e rotineiro é a citada abaixo.

Travesti é um termo leigo que ficou consagrado no Brasil para designar os homens que nascem machos, são educados como meninos, mas têm uma identidade de gênero diversa da maioria. São pessoas que ao lado da identidade de gênero masculina, desenvolvida através do reconhecimento de seu corpo biológico e da educação, SENTEM-SE também femininos. (COSTA, 1994, p. 136).

A identidade do gênero é algo interno, é uma sensação de pertencer ao gênero masculino ou feminino e é a base para a construção na maneira de ser.

Como o termo TRAVESTI, se aplica popularmente ao indivíduo que se traveste ou que fica travestido 24 horas por dia, a partir deste momento neste estudo será usado entre aspas.

Os “travestis” sentem ao mesmo tempo homens e mulheres. O “travesti” sabe que biologicamente é um homem e não deseja eliminar seu órgão sexual. Geralmente busca um homem para se relacionar, mas alguns ocasionalmente relacionam-se com mulheres e outros são bissexuais.

Pelo fato desses indivíduos se sentir homem e mulher ao mesmo tempo, faz que se transformem em caricatura de mulher. Os gestos podem se tornar amaneirados estereotipados, exageros na maquiagem são cometidos, ingerem hormônios, fazem prótese nos seios e aplicam silicone em diversas partes do corpo (rosto, nádegas, coxas, quadris, etc.), procurando dar formar arredondadas, chegando o mais próximo possível do corpo feminino.

Segundo Moema que é um “travesti”: “Travesti não é o que se veste de mulher, é o que toma hormônio e silicone”. (SILVA, 1993, p. 17). Doses diárias de estrogênios para produzir um certo grau de feminilização anatômica; ocorrendo em alguns indivíduos discreto crescimento das mamas, vigiado dia a dia pelo indivíduo que está se “travestindo”, a textura da pele fica mais macia, os pêlos são tirados e sessões longas ele eletrólise ou com depilação à quente, principalmente os pêlos do peito, membros inferiores da região ano/genital. O estrogênio reduz em alguns indivíduos a frequência das ereções, para outros continua igual.

Os atributos físicos, ao contrário das mulheres são obtidos graças a uma feroz e persistente contra a natureza.

As roupas femininas que usam expressam a mulher (papel social aceito e reconhecido) SILVA, 1994, coloca que o “travesti”, de fato fantasia-se de mulher, através das roupas que veste, das posturas femininas que quer ter, exagerando-as as vezes para parecer o mais natural possível, assumindo o papel de mulher nas diversas situações de vida.

Há diferença entre “travesti” e “transexual”. O “travesti” não rejeita a genitália, convive bem com o órgão sexual masculino; apenas em seu ser falta algo feminino. A sua identidade de gênero é bigenérica, ou seja, ele se sentem homens e mulheres ao mesmo tempo”. (COSTA, 1994, p. 140).

O transexual masculino rejeita seu órgão sexual, querendo se livrar dele e ter uma genitália feminino. Os transexuais, colocam que sempre se sentiram mulheres num corpo de homem.

Alguns “travestis”, quando meninos tiveram características femininas. Durante a adolescência, quando as características secundárias masculinas, se definiam devido à exploração hormonal, é que a maioria dos “travestis”, acrescentam um comportamento diferente à aquele que vinha apresentado.

Neste período surgem os conflitos consigo mesmo e com a família (pais, irmãos, tios, avós, etc.). Poucos pais aceitam e apoiam com relativa compreensão este novo comportamento do filho. Por isto a maioria dos travestis, abandonam a casa paterna, buscando um espaço social onde Possam ser eles mesmos. Nas grandes cidades, o anonimato os protege: agrupam-se a outros indivíduos que estão na mesma situação, ou seja marginalizados, para que tenham condições de pelo menos sobreviver.

Como a sociedade não abre espaço dificultando que estes indivíduos de comportamento ambíguo, consiga trabalho, fica complicado resolver com dignidade as questões relacionadas, à sobrevivência.

Se a condição do travesti é por si mesma anibígua, o lugar onde se coloca e no qual se torna mais visível para a sociedade sobrecarregada essa ambigüidade de uma angulação contingente. (SILVA. 1993, p. 81).

Com grandes dificuldades para se manterem restam aos -travestis-, poucas opções de trabalho. Alguns conseguem colocações em salões de beleza ou ateliês de costura, funções reconhecidas como “tipicamente” femininas. Outros empregam-se em entidades de assistência médica, como auxiliares e atendentes de enfermagem; nestes locais geralmente exigem que se apresentem de acordo com o sexo biológico, assumindo a verdadeira identidade. Alguns outros com talentos artísticos conseguem se ingressar no meio artístico e fazem carreira e para muitos outros, para sobreviverem acabam se dedicando a prostituição.

FANTASIAS SEXUAIS DOS “TRAVESTIS”

Durante a revisão bibliográfica do material, que estava a mão, não foi localizado em momento algum relato sobre fantasias sexuais dos “travestis, especificamente.

Mas, SILVA, ALBUQUERQUE e JANNELLI, deixam antever em seus livros que as fantasias dos “travestis”, geralmente estão recheadas de gente bonita, dinheiro, luxo, fartura e desejo imenso de ser aceito pelos diversos segmentos que compõem a sociedade.

Um ingrediente bastante presentes nos depoimentos é a sedução, ou seja o “travesti”, fantasia que tem um poder de sedução irresistível, e que muitos “bofes” (homens) bonitos e charmosos com muito dinheiro irão cair aos seus pés. Fantasias de ir para o exterior, de preferência para a Itália “fazer a vida” e voltar rico, comprar apartamentos, carros e roupas chiquérrimas, são comuns entre eles.

O travesti que se dedica à prostituição, é talvez o que mais fantasia, como questões relacionadas à aceitação, conquistar bens materiais e de encontrar alguém para ajudar a melhorar na vida.

PROJETO DE “ASSISTÊNCIA À PROSTITUIÇÃO

Através deste projeto, que é subsidiado pela Secretaria Municipal de Saúde - SEMUS/Blumenau, cujo o objetivo principal é: promover a educação para a *saúde*, através da prevenção de DST, com especial atenção a AIDS. São desenvolvidas ações educativas através de abordagens individual e grupal, Junto aos indivíduos de ambos os sexos (homens e mulheres,) que se dedicam à Prostituição em Blumenau.

As ações do projeto são desenvolvidas “in loco”, casas noturnas onde os profissionais residem e nas ruas onde “batalham”. Com isto tem-se acesso aos “travestis”, que se dedicam à prostituição nas ruas de Blumenau.

Na tentativa de ilustrar este estudo, foi realizada uma pesquisa entre os “travestis”, visando conhecer um pouco de suas fantasias sexuais.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada junto aos “travestis” que “batalham” nas ruas de Blumenau, no período noturno. Foi elaborado um roteiro de entrevista, bem sintético, onde aparece a identificação, como idade, escolaridade, procedência e em seguida aparece a questão sobre fantasias sexuais, que foi deixada em aberto, para que pudessem discorrer. Ver roteiro de entrevista em anexo.

As entrevistas foram realizadas individualmente, no período noturno, junto a 12 “travestis”, que “batalhavam” no período compreendido entre 01.01 a 15.08.95. Neste período haviam entorno de 16 “travestis” na rua, mas dois não quiseram ser entrevistados e os demais, coincidentemente, não foram encontrados nos dias em que foram realizadas as entrevistas.

Os “travestis” foram entrevistados pela pós-graduanda, que já nos conhece através do projeto de “Assistência à Prostituição”.

RESULTADOS OBTIDOS

1. Faixa Etária

Idade	Nº	%
18 / 22	04	33,3
23 / 27	03	25,1
28 / 33	05	41,6
Total	12	100

2. Naturalidade

Estado	Nº	%
Paraná	06	50,0
Rio Grande do Sul	02	16,7
Santa Catarina	04	33,3
Total	12	100

3. *Grau de Instrução*

Escolaridade	Nº	%
1º Grau Incompleto	07	58,4
2º Grau Incompleto	05	41,6
Total	12	100

4. *Residência*

Com os Pais	Nº	%
Sim	02	16,6
Não	10	83,4
Total	12	100

5. *Tempo de Prostituição*

Anos	Nº	%
1 a 5	04	33,3
6 a 10	03	25,1
11 a 16	05	41,6
Total	12	100

6. *Conteúdo da Fantasias Sexuais*

Ao serem questionados sobre fantasias, os “travestis” relataram que costumam “fantasiar e sonhar acordados com muitas freqüências; é o que mais fazem”.

O conteúdo das fantasias geralmente diz respeito as questões relacionadas à afetividade, ao erótico, onde estão envolvidos o poder de sedução que todos eles acreditam ter em grau elevado. A conquista de um parceiro que deva estar perdidamente apaixonado por eles, e que tenha muito dinheiro e tesão, pois em matéria de sexo pode rolar de “tudo”, entre os dois.

As conquistas sempre são acompanhadas de muito luxo, viagens, roupas chiquérrimas, ambientes finos, bons restaurantes, onde “reinam” os “travestis” (cada um dentro de sua fantasia), sendo admirados, idolatrados, respeitados e amados como são.

Nas descrições das fantasias há uma mistura de poder, no sentido de se projetar socialmente, usando o corpo (atual) para seduzir e conquistar as

pessoas, pelos dotes corporais e também se possível através da posição financeira.

Relatam também, a fantasia de encontrar um “bofe”, homem, bonito, com muito dinheiro para viagens e terem uma vida “boa”, sem precisarem se prostituir.

Abaixo segue a síntese de 06 depoimentos:

Entrevistado A. “A fantasia sexual mais freqüente é encontrar um “bofe”, bem rico que a sustente; que a ame bastante e que a leve para viajar para lugares lindos. Que tenha muita tesão”.

Entrevistado B. “Fantasia com um homem legal, que seja sincero, que não a explore, ao contrário que a ajude financeiramente e que tenha bastante tesão. Que seja “bem ativo” sexualmente, “faça de tudo”, que um casal normal faz. Seja carinhoso, tenha um “pau” grande e que use-o bastante comigo”.

Entrevistado C. “Fantasia sempre com um parceiro bom, honesto, que a respeite, que tenha dinheiro e que seja bem “quente” na cama. Faça de “tudo”, pois ela adora ser “passivà”, na cama. Está cheia de “bofe”, que quer se aproveitar do seu dinheiro ganhado com sacrifício”.

Entrevistado D. “Fantasia em ser estrela de shows de boates de São Paulo e Rio, pois imita Frank Sinatra e Liza Minelli. Quer todo mundo aos seus pés aplaudindo-a e admirando-a. Quer também um homem lindo de morrer, que seja bastante afetuoso e tesudo, bom de cama, que faça “tudo” com ela. Sonha também em viajar bastante, sempre em companhia de alguém, que financie e lhe de afeto e que seja fiel”.

Entrevistado E. “Fantasia em ter suas próprias coisa; está conseguindo sair do vício da cocaína, após 10 anos. Está se “descobrimdo” como pessoa, cheia de vontade. Quer alguém que a respeite e ajude a comprar a manter suas “coisas”, conseguidas com esforço. Sonha em ter um carro, só seu para levar o companheiro para viajar e passear. Quer receber bastante carinho, pois acha que merece e quer ser “passiva” no relacionamento sexual. O “bofe” é quem deve ser “ativo”.

Entrevistado F. “Fantasia em ser famosa, participa sempre de concursos, nas boates gays, e ganha em todas etapas. Quer conquistar todos os títulos, com seus atributos corporais, ter um homem todinho, só para ela. Quer viajar com de para uma ilha deserta e ficar “se curtindo”, sendo porém atendido por vários empregados. Em matéria de sexo não há muito o que fazer de diferente, apenas quer muito carinho, beijos de arrepiar e afagos”.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

As fantasias sexuais são muito íntimas, mesmo tendo conhecimento entre entrevistados e entrevistadora, percebia-se que havia constrangimento ao colocarem suas intimidades. As fantasias relatadas, confundem-se com as metas de vida. Há realmente uma mistura entre as questões materiais, “status” e situação financeira, conforme pode se perceber na leitura dos livros de SILVA. ALBUQUERQUE e JANNELLI. Talvez se justifique pela situação em que se encontram, ou se seja todos sobrevivem da prostituição, o dinheiro é ganhado dia a dia. Alguns “travestis”, não gostam de se prostituírem, fazem por falta de opção e qualificação profissional, que esbarra na escolaridade.

De qualquer forma o elemento de poder está presente nas fantasias relatadas. O poder de conquistar um homem, as platéias, os concursos, etc., usando os atributos do corpo é marcante nos relatos. Todos querem “alguém”, que gostem deles da maneira como são que os ajude e ampare financeiramente e afetivamente. Entra também a questão da carência atual, como a necessidade de ter um companheiro afetuoso e com bastante tesão.

As demais entrevistas não foram relatadas pois os conteúdos são semelhantes.

CONCLUSÃO

Através da realização deste estudo, pode-se tomar conhecimento das várias definições que existem sobre fantasias, “travestis” e travestismo.

Sem dúvida, o estudo sobre fantasias sexuais é apaixonante e envolvente, principalmente devido a sua importância como higiene “mental”, tendo em vista as inúmeras possibilidades de realizações que se conseguem quando se fantasia. A sua utilização “dirigida” durante as práticas terapêuticas, possibilita que o indivíduo resgate seu potencial para inúmeras realizações afetivo/sexuais consigo mesmo e/ou parceiro.

Quanto aos “travestis”, é necessário a realização de vários estudos em campo, a fim de que se possa compreender melhor o “mundo”, ou melhor para que se possa sintonizar o mesmo canal em que eles vivem.

Mesmo com depoimentos até certo ponto “tímidos”, sem terem entrado em detalhes sobre suas fantasias sexuais mais íntimas como envolvimento de comportamento sexual; foi produtiva a realização desta pesquisa. Pois, não se forçou a situação deixando-os à vontade para as respostas.

De qualquer forma, observa-se que o conteúdo das fantasias, não foge aos conteúdos relatados no texto. Há envolvimento de poder, conquista, sedução sucesso material e de ribalta, luxo, amores e outros.

O importante é o respeito que se tem por eles enquanto cidadãos, pois antes de serem “travestis”, são seres humanos. A medida em que vão “abrindo” espaço em suas vidas, pode-se ampliar o universo para realização de pesquisas mais detalhadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBUQUERQUE, Fernanda F. e Maurizio Jannelli. *A Princesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1995.
2. COSTA, Ronaldo Pamplona da. *Os Onze Sexos*. São Paulo. Editora Gente. 1994.
3. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.
4. GOLDENSON, Robert M. & Kenneth Anderson. *Dicionário do Sexo*. São Paulo. Summus Editorial. 1992.
5. KAPLAN, Helen Singer. *A Nova Terapia do Sexo*. 5ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1977.
6. MASTERS, William & Virginia E. Johnson. *O Relacionamento Amoroso*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1988.
7. PARKER, Richard G. *Corpos, Prazeres e Paixões*. São Paulo. Editora Best Seller. 1991.
8. SILVA, Hélio R. S. *Travesti a Invenção do Feminino*. Rio de Janeiro. Relume-Dumará. 1993.
9. STRATTON, Peter & Nicky Huyes. *Dicionário de Psicologia*. São Paulo. Editora Pioneira. 1994.
10. TUCKER, Patrícia & John Money. *Os Papéis Sexuais*. São Paulo. Brasiliense. 1981.
11. VITIELLO, Nelson. *Reprodução e Sexualidade*. São Paulo. CEIDCH. 1994.

Ser homossexual no Brasil e não, o "ser" homossexual Brasileiro

3

Julio Cesar Cordeiro Nascimento*

Este trabalho é uma tentativa de pensar e “por em palavras” alguns fenômenos econômicos, sociais, culturais e políticos todos relacionados ao campo semântico homossexualidade-homoerotismo e à cena gay brasileira, os quais parecem suficientemente próximos no tempo e com repercussões suficientemente significativas, para podermos falar de algo da ordem de um processo. Pensar em processo não significa aqui pensar numa entidade auto gestora e transcendente, mas como na metáfora jurídica, pensar em um “ajuntar-se de coisas” não aleatório, conhecimentos correlacionados, sujeitos a toda sorte de forças, e resignificados a todo momento ao revelar-se de novos fatos: processo este sempre possível de uma investida interpretativa, a qual por sua vez redefine e redescreve a própria lógica processual.

Entendido como processo macro-histórico desejaríamos analisar, a posteriori, que repercussões a nível do sujeito podem estar neste momento histórico se engendrando, a saber, sobre que bases e a partir de quais lógicas se constroem explicita ou implicitamente, intencional ou casuisticamente

* Psicanalista. Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduandos em Psicologia Clínica da PUC-SP. Pesquisador do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise da PUC-USP. Bolsista do Programa Especial de Treinamento PET-CADES.

a noção de um “sujeito homossexual”. Desejamos questionar ainda a própria legitimidade de se falar em subjetividade homossexual em oposição a subjetividade heterossexual.

O HISTÓRICO

Ao tentarmos narrar fatos numa seqüência cronológica, nos apercebemos do que é próprio do histórico, a saber, que datas, inícios, seqüências são construídas pelos próprios agentes ou atores sociais, que num ato recente no tempo ressignificam e redefinem posições daquilo que já aconteceu, reconta-se assim o passado e recria-se a história.

Um exemplo disto é a matéria publicada no último domingo pela Revista da Folha, que tomou 9 páginas deste veículo de comunicação:

“Com o 1º festival de manifestações das sexualidades (93), o designer gráfico André Fischer e a jornalista Susy Capó, 32, levam a atitude gay para dentro de uma instituição pública, o Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Tá? Era o que faltava pro povo todo se animar e ganhar espaço. Deu tão certo, que nem o olho gordo de sempre atrapalhou a segunda versão do festival (94). Um sucesso de fila, vendas e mídia.

Virou conceito (Mix Brasil), virou revista (Mix Magazine), virou cartão de crédito (Club Mix), virou moda (Mundo Mix), virou consumo (Mercado Mix)”.

Assim os arautos oficiniais da história demarcam um início, um marco no tempo, o 1º MIX Brasil em 1993, Festival de Manifestações da Sexualidade; este ato lingüístico, que transforma este festival de cinema e vídeo em ato político social, funcionando ao meu ver como uma construção em análise, a qual destina-se a por em associação eventos da memória e das lembranças do paciente, é uma construção mítica para preencher lacunas da história rememorada, dando-lhe sentido. As construções em análise são tão legítimas quanto maior for a capacidade do analisando associar a partir delas, de produzir deslocamentos, insights, e falas plenas de significado e afeto, em poucas palavras: por em andamento o trabalho analítico de perlaboração. É neste sentido que esta versão da história se parece com uma construção em análise, uma vez que é uma construção mítica que visa preencher lacunas de história do movimento gay brasileiro, afirmando que algo foi engendrado de novo desde aquele Festival em 1993, redefinindo a história e produzindo novos atos lingüísticos, novos discursos e novas escritas sobre o assunto, em

resumo pondo em movimento as mais diferentes produções simbólicas sobre o tema.

Neste festival de cinema, além da mostra de filmes divulgada prioritariamente pela Folha de São Paulo e pela MTV, foi realizada uma pesquisa com o objetivo de traçar um perfil sócio econômico do público do festival. A grande maioria se definiu como homossexual e ao responder uma série de perguntas como: “você tem microondas?”, “você tem casa própria ou carro?”, esse público definiu-se e foi definido como pertencente a uma privilegiada “classe média alta brasileira”, leia-se consumidores em potencial.

OS GAYS TEM CELULAR

A divulgação desta pesquisa na mídia, mais ou menos no mesmo período que algumas matérias foram exibidas pelo Jornal Nacional sobre a descoberta do Filão gay de consumo pelo mercado norte americano a ainda divulgação do processo de empreendimentos semelhantes no Brasil, como por exemplo, a criação da Get Together Travel, uma agência de turismo voltada ao público gay, impulsionou a criação de uma série de empreendimentos comerciais e uma estratégia de marketing voltada à comunidade gay.

Hoje este público é visto como um mercado consumidor em potencial e a cada dia aumentam as iniciativas privadas de captura do “antílope de celular”.

É importante lembrar a essa altura que a redefinição de valores e normas sociais estão sempre associadas a pressões do poder econômico ou a variáveis econômicas. Como no caso do movimento feminista que ganhou forma conjuntamente com a constatação da necessidade de aproveitar e absorver a força de trabalho da mulher.

Assim, se pensarmos a crescente visibilidade da homossexualidade na mídia como um processo, temos que considerar a multideterminação destes fenômenos, neste sentido é possível avaliar esses acontecimentos também sobre o prisma econômico, considerando as vantagens e desvantagens que se produzem quando um grupo social se apresenta como sendo um grupo consumidor e influente na economia de um país.

OS GAYS TAMBÉM VÃO AO CINEMA

Foi nisso que apostou José Rosemblit o distribuidor do Filme “Priscilla, a rainha do deserto” (Oscar de melhor figurino): “não sei quantos gays existem no Brasil e se conseguisse atingir só eles já estaria satis-

feito”. Apostou e ganhou, pois só na primeira semana em cartas Priscilla foi vista em São Paulo por 19 mil espectadores. Este record foi analisado por uma matéria da revista isto é, onde Ivan Cláudio afirma que os filmes como: “Banquete de Casamento”, “Morango e Chocolate” e “Priscilla”, mostraram que há um público antes não imaginado que lota salas de cinemas durante semanas, que compra trilhas sonoras e todos os produtos e serviços que vem a rebote de uma produção cinematográfica. Segundo Ivan Cláudio:

“O filão está estabelecido há algum tempo no Exterior e, aos poucos, vem se configurando nas principais cidades brasileiras”,

passando a descrever uma série de acontecimentos que demonstram segundo este jornalista que a “cultura alegre” é uma das novas tendências no consumo de Artes e Espetáculos, “O universo gay abandona o gueto e conquista um público maior nas diferentes produções artísticas”. Cita dentre outros o investimento de US\$ 220 mil na montagem brasileira de Angels in América, uma peça que discute vários tópicos a partir do surgimento da AIDS, a receptividade do disco do Renato Russo “The Stonewall Celebrati on Concert”, que já vendeu 60 mil cópias, onde segundo o próprio Renato Russo estão “canções de amor, eu cantando para outro cara”, e ainda o sucesso da turnê brasileira do Grupo Pet Shop Boys que se apresentou com casas lotadas no Rio e em São Paulo, cantando músicas que descrevem situações homossexuais que no show foram ilustradas por audaciosos efeitos cênicos. Estas seriam algumas evidências de que a produção artística que investe na temática da homossexualidade encontra hoje um público mais aberto e receptivo.

Correndo o risco de sermos óbvios podemos afirmar que as produções artísticas que reconstroem o imaginário fantasmático da homossexualidade encontram eco e retorno em algum lugar na sociedade, ou seja, existem pessoas com demanda de ver e identificar suas fantasias sexuais, suas histórias e seus amores ditos “homossexuais” por via artística.

OS VEÍCULOS OFICIAIS DA COMUNICAÇÃO

Até o ano de 1993 as publicações que eram dirigidas ao público gay podiam ser classificadas em 2 grandes grupos: publicações eróticas, incluíam revistas pornôns, revistas de contos eróticos, etc. ou publicações locais, em geral manifestos ou pequenos jornais de pequena circulação, na sua maioria de grupos de militância.

A partir de 1993 a Revista da Folha, encarte da edição de domingo da Folha de São Paulo, passou a dedicar uma página e matérias de inte-

resse da comunidade gay, no final de 1994 este espaço era de duas páginas e em março de 1995 uma das edições editou nove páginas.

Iniciativa semelhante foi a própria Mix Magazine, publicação do Club Mix que apesar de também ter uma circulação restrita, tem algumas características de um veículo de comunicação de grande porte: anunciantes, serviços de assinatura, parcial divulgação e circulação fora do estado de origem.

Mas parece mesmo que o marco nesta área ficou reservado a Sui Generis, “a primeira revista brasileira a trazer discernimentos sérios e futilidades chics dirigidas para homens e mulheres gays. Mas sem exclusividade”, segundo o próprio editor da revista Nelson Feitosa. O importante é que mesmo sendo discutível o fato de que a Sui Generis é ou não a primeira revista do estilo, certamente não pode ser colocada em questão o mérito de que esta é a questão é a primeira publicação mensal do gênero com circulação nacional, contando com anunciantes de peso como a EMI, CD & Cassete; em outras palavras: a primeira revista de cultura gay que pode ser encontrada nas bancas como qualquer outra que não é pornoerótica. Isso parece uma obviedade, mas é um ato simbólico de ocupação de um espaço de escrita, que oferece uma escolha como a de comprar Playboy ou comprar Veja, nenhuma delas é melhor a priori, o que é escravizante é não poder escolher, não poder construir uma imagem identificatória a partir de modelos diversos.

A publicação da Sui Generis é um ato de efeito performativo sobre a cultura, e portanto é um ato político.

“Nossa intenção é levar a cultura gay de forma vibrante, inteligente, alegre, para fora dos guetos. Dar nossa contribuição, oferecendo um jornalismo de qualidade, para que surja em breve uma consciência social mais generalizada de que nossas semelhanças são maiores que nossas diferenças”, analisa Nelson Feitosa, deixando entrever que os próprios atores sociais envolvidos no projeto se representam com agentes de mudança e conscientização social.

KATIA, A RAINHA DA CAATINGA

Foi parodiando o filme Priscilla que a Folha de São Paulo analisa a transformação de um travesti em líder político no sertão nordestino: José Nogueira Tapeti Sobrinho, 42, codnome Kátia se elegeu pelo PFL, sendo o segundo vereador mais votado no município de Colônia, Piauí. Na câmara, Kátia exerce o posto de 1º secretário, é tratado par “ela” e freqüenta sessões vestida como as suas duas colegas vereadoras.

Kátia assiste aos carentes, arranca dentes, aplica injeções, ajuda partos, cuida de crianças, distribui comida, esclarece sobre a AIDS, milita na Câmara e gasta os R\$ 266,00 que recebe com caridade.

“Ela conseguiu com a sua competência, eliminar essa coisa de ser homem ou mulher” declara o presidente da Câmara, Elias da Costa Souza (PPR), 63, que á principio estranhou a candidatura de Kátia.

Kátia acredita que venceu o preconceito com seu trabalho a provou que os eleitores reconhecem esse trabalho através do voto na uma apesar dos a dversários terem alegado durante a campanha que a sua candidatura seria cassada por proibição da lei.

Parece que só nestes últimos dois anos é que a classe política começou a se aperceber de que a comunidade gay a seus simpatizantes são uma força política, uma massa de eleitores a ser conquistada, e é nisto que apostou o PT. O partido dos trabalhadores possui hoje uma “facção gay”, e nas últimas eleições fez campanhas com folhetos especialmente preparados para este tipo de eleitor. A psicanalista Marta Suplici fez campanha nas principais boates gays de São Paulo defendendo principalmente o casamento entre homossexuais; foi eleita e é bem provável que boa parte de seus votos tenham sido de pessoas identificadas a essa questão. A deputada federal prepara um projeto sobre a legalização da união entre homossexuais: “Não vejo empecilho em um casal homossexual adotar uma criança, mas o Brasil ainda é conservador com esses temas, temos que ir por etapas”.

A questão que por vezes passa despercebida, é que os deveres para com estado não são diferentes para pessoas de orientação sexual diferentes, mas os direitos tem sido negligenciados diferencialmente a partir de uma lógica das diferenças sexuais.

Kátia provou que o direito a eleição pode ser reivindicado a democraticamente garantido, mas o direito ao casamento entre homossexuais ainda está para ser conquistado. O interessante a ressaltar é que essa discussão está finalmente no âmbito das instituições governamentais, não é mais só uma discussão moral ou religiosa, mas uma discussão política, jurídica e legislativa.

Mas nem só de conquistas vive o movimento homossexual brasileiro, segundo a Folha de São Paulo: “No ano passado (1994), em Coqueiro Seco (AL), o vereador Remildo José dos Santos, que se dizia homossexual, foi esquartejado por inimigos que o aceitavam. Ele teve a cabeça jogada num rio e partes do corpo espalhadas pela cidade”. Tragédias a parte, este não é um fato isolado. Segundo pesquisa feita pelo antropólogo Luís Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia um homossexual é morto no Brasil a cada 4 dias. Este estudo vai virar denúncia internacional; através do relatório “A violação dos direitos humanos de Gays e Lésbicas no Brasil”, que será lançado no final do ano em São Francisco (EUA).

Segundo Mott a maioria das vítimas sofreu algum tipo de tortura, comp tesouradas superficiais, depilação, raspagem da pele, espancamento e até castração.

Entretanto novamente é significativo que estes sintomas sociais constem de uma escrita oficial, dirigida a um interlocutor institucionalizado, assim a violência, o preconceito e a desigualdade, ganham uma palavra desimediatizadora e socializadora, abrindo-se espaço para atos políticos transformadores. Inscreve-se o laço social perverso numa outra cena que não a do imaginário sexual, permitindo-se deslocamentos simbólicos, e produção de novos pensares e aprofundamento dessas questões. O sintoma da lógica da exclusão, é assim investigado, ampliado e relacionado com outras instâncias e processos sociais, facilitando o reconhecimento, a identificação e a cumplicidade de toda a sociedade, uma vez que toca em valores mais abrangentes com os quais nossa sociedade gosta de se representar.

O NÃO DITO

Parece-nos claro que diante dessas evidências podemos falar de algo da natureza de um processo, obviamente não importa aqui a objetividade dos fatos, mas os discursos que se produzem sobre eles, neste sentido não há dúvida de que exista sim um discurso sobre cena gay, movimento homossexual brasileiro, conscientização da homossexualidade. cidadania gay, militância homossexual e uma série de significantes que formam uma cadeia associativa, um campo semântico por onde deslizam os possíveis sentidos do “ ser homossexual no Brasil”, uma construção lingüística que visa configurar uma subjetividade homossexual valorativamente positiva. aceita despatologizada, despreconceitualizada, instituída através da conscientização dos indivíduos e da sociedade.

Desta forma os GLS, gays, lésbicas e simpatizantes, termo oficializado pela cultura Mix, promoveriam uma cruzada nacional em prol do respeito às diferenças e às minorias sexuais.

Podemos dizer que há um discurso enlaçado pelo campo semântico cena gay-homossexualidade-homoerotismo.

Esse discurso ou esses discursos enquanto performances lingüísticas produzem vários efeitos: políticos, sociais, culturais, dentre outros, mas nos interessa especialmente o fato de que quando falamos disso (ou por isso) constituímos um “sujeito-, ou seja, cada vez que a palavra gay ou homossexual é empregada para descrever fenômenos supostamente referentes a uma mesma classe de indivíduos constitui-se nesse momento um lugar para estes indivíduos, constitui-se um modo de subjetivação, uma posição a ser ocupada, um papel social. um lugar na cena social, uma posição subjetiva.

É cedo ainda para sabermos quais as características, traços, ou sentidos que são reservados a este lugar, mas certamente podemos afirmar que a construção deste lugar se faz sobre a crença axiomática de que estes indivíduos são em alguns níveis iguais, sendo que esta igualdade implícita e inconscientemente é sentida de alguma forma como central da constituição da “individualidades” ou “personalidades-”, reinventando-se e reificando-se assim a noção de indivíduos “homossexuais” em oposição ao seu outro complementar os indivíduos “heterossexuais”. Podemos afirmar também, grosso modo, que esta divisão imaginária se faz a partir de uma lógica disjuntiva: ou um, ou outro, assim existem duas posições mutuamente excludentes: ou se é “homossexual” ou se é “heterossexual”. Neste jogo narcísico ou se é o escolhido ou se é o preterido.

Bleichmar em seu livro “O Narcisismo - estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente- demonstra como essa lógica operatória é própria da lógica do ego ideal.

“O ego ideal, a nesse sentido um enorme edifício assentado sobre um pilar que ao manter a estrutura total, pode provocar seu desmoronamento no caso de se quebrar”.

Assim a escolha sexual é o atributo suporte do ego ideal contemporâneo, perdendo-se o interesse por toda a história inconsciente das identificações para focalizar uma das representações do Eu como sendo a pedra de torque da identidade do sujeito. Desta forma o atributo diferenciador dos sujeitos, é tornado como sendo a totalidade da representação do sujeito, assim o juízo e a reação afetiva que a parte merece passam a ser património de todo.

Então prossegue Bleichmar “mas que significado possui dizer que uma valoração estende-se de uma representação para outra’?... O atributo suporte do ego ideal põe em ação a capacidade do enunciante para classificar segundo a Seguinte regra operatória: todo atributo sobre o qual recaia a atenção será avaliado dentro de categorias que implicam aceitação e nelas ficará situado no grau máximo de aceitação”.

O que proponho aqui é que essa lógica funcionaria também para o discurso da homossexualidade.

Nesses discursos o pilar de sustentação dos sujeitos é a escolha sexual. O discurso do preconceituoso coloca como pilar de sustentação narcísica a “heterossexualidade” a qualquer atributo avaliado sobre a lógica terá aceitação máxima. em contrapartida a “homossexualidade” configuraria o lugar da rejeição, máxima, o lugar do outro, do estranho. Assim só haveriam dois únicos lugares o bom e o mau, o Eu e o Outro, o cidadão e o Bárbaro.

O discurso do preconceituoso assevera a diferença e marca uma valoração, restando a diferença e marca uma valoração, restando assim um lugar escravizante, desvalorado e totalizado, para aqueles que se tornam como destinatários deste discurso.

Como bem resumido Jurandir Freire Costa: “Assim a construção de subjetividades ideais implica, ipso facto, a figura da antinorma ou o desvio do ideal, representada pelos que não podem, não sabem ou não querem seguir as injunções ideais. A esses, diz Freud, é reservada a posição de objeto de desejo de destruição da maioria que em nome da norma ideal outorga-se o poder de atacar... É o mecanismo da rivalidade em torno do narcisismo das pequenas diferenças”.

Entretanto parece ser digno de nota que o discurso da conscientização gay, o qual é endereçado ao enunciante agressor da figura da antinorma, vai na direção de dizer mais ou menos assim: “Eu sou homossexual mas sou tão bom quanto você, nem melhor nem pior, apenas diferente”.

Ora, o que é falho desta estratégia é que tentar-se mudar a valoração sem mudar a regra de enunciação, a saber, que só há dois lugares possíveis. Reinverte-se libidinalmente o sistema lingüístico de crenças que deu origem à montagem imaginária na qual a escolha sexual é o traço fundante do sujeito, onde repousa o pilar de sustentação narcísica, a base da diferenciação e separação dos sujeitos em dois grupos distintos e internamente coerentes, ou seja, mantém-se o critério pelo qual engendra-se a diferença, só que desta vez, com a ilusão de que a mudança da valoração afetiva romperia a lógica da exclusão e do preconceito.

Freud numa nota de rodapé acrescenta em 1915 aos três ensaios questiona justamente a existência destes dois grupos.

“A pesquisa psicanalítica se opõe com o máximo de decisão que se destaquem os homossexuais, colocando-os num grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais... Assim do ponto de vista da psicanálise o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado, pois não é fato evidente em si mesmo, baseado em uma atração, afinal, de natureza química”.

O que Freud insiste aqui é que não há porque considerar a homossexualidade um significante sobre o qual devam se render todos os outros atributos de um sujeito, o que justificaria a criação de um grupo de indivíduos portador de características especiais, não há essa classe especial de indivíduos com suposta características semelhantes, a homossexualidade não é uma categoria da clínica psicanalítica.

É nesta direção que percebemos que não basta dizer “somos diferentes, mas temos igual valor”. É preciso sair do registro do igual X diferente, sair desta questão da igualdade e diferença via “escolha sexual”. Ou haveria um tipo homossexual de escolha de objeto?

A propósito desta questão Jurandir Freire Costa demonstra, em seu livro sobre homoerotismo, que o homossexual é definido como sendo aquele indivíduo com “escolha do objeto homossexual”, isto é, possui atração por pessoa do mesmo sexo, “mesmo sexo” entendido como mesma

realidade anatômica!? Ele então questiona exatamente o que é este “mesmo sexo”, uma vez que para a psicanálise, grosso modo, não faz sentido falar de feminino e masculino através de critério biológicos. O que Jurandir nos relembra nesta discussão é que “um mesmo sexo anatômico pode ser suporte de diversos investimentos eróticos” e que “o mesmo sexo, anatomicamente descrito, nem sempre é o “mesmo” eroticamente investido. No que concerne a finalidade do desejo a realidade anatômica é fragmentada na pluralidade dos objetos parciais e são objetos que determinam as características da estrutura psíquica”.

O que é forte neste discurso é que a lógica da diferença entre “homossexuais” e “heterossexuais” só se sustenta no plano anatômico imaginário, logo o discurso do preconceituoso e o discurso da “conscientização gay” só se sustentam sobre a lógica da diferença anatômica dos sexos.

Mas negar a existência da homossexualidade em oposição a heterossexualidade não seria a negação da diferença dos sexos? Ou um indivíduo homossexual não seria em última análise um indivíduo homossexual não seria em última análise um indivíduo que tenta negar a castração ao negar diferença de sexos?

Penso que não, pois é preciso sim reconhecer e suportar as diferenças, suportar o outro estranho e familiar a mim, entretanto cabe-se questionar a que nível reside e se sustentam realmente as diferenças.

Daniela Ropa resumiu esta discussão de maneira pontual:

“Com Freud e Lacan, vemos que a questão da sexuação no ser humano não está referida à presença ou ausência do pênis, mas sim à dialética fálica. O falo sendo aqui entendido como o referente simbólico máximo que aponta para uma diferença: não simplesmente para a diferença anatômica, mas para a diferença mais radical e mais trágica, própria ao ser humano - aquela que fala de sua falta e de sua incompletude. É esta a “diferença” que nos lança em nossa eterna busca desejante; nesta procura incessante que só vai se satisfazer parcialmente através do amor - ilusão necessária de completude que move o desejo e vem fazer barreira contra a morte e a ausência de sentido”.

E é por isso que com frequência ouvimos na clínica psicanalítica o depoimento de pessoas que por se tornarem como destinatários do discurso da homossexualidade, e que por se representarem e se auto definirem homossexuais queixam-se de não poderem amar, que “este mundo gay é promíscuo”, “que ninguém quer relacionamento sério”.

Entretanto quando tomamos pela linguagem falamos de um lugar livre das injunções defensivas. irrompe-se com frequência a percepção interna da dor, da ausência de sentido e da falta do amor, e é nestes momentos deslizantes que se vislumbra a falta para ser, a qual leva o sujeito a fazer um pedido legítimo de análise, para relembrar sua história, recontar suas mazelas e se reposicionar frente as suas fantasias, lançando-se para o infinito da linguagem, onde se aspira uma nova construção narrativa de si a dos outros, uma mitologia poética de sua própria história, uma tentativa de suportar seu próprio desejo.

É neste sentido que para um psicanalista não faz sentido falar de um paciente homossexual, pois o que há de fato é sempre um sujeito que narra sua história, um sujeito do inconsciente, um sujeito desejante.

É nesta direção que acredito que a reificação de uma categoria psicopatológica homossexual é muito próxima da metáfora de Manoel Tosta Berlinck de “modelos prêt-à-porter”, modelos psicopatológicos prontos para enquadrar os nossos pacientes, obturar nossa escuta e aliviar nossa angústia diante do outro estranho que aponta para nossa falta de saber.

De acordo com Berlinck a clínica psicanalítica solicita um modelo de “alta costura- para cada cliente:

“Essa solicitação pelo clínico, pelo clinicar, envolve seguramente um debruçar-se, um inclinar-se sobre o sujeito para escutar sua fala, aquilo que diz na relação transferencial desde um lugar sem rótulos, que resiste à própria classificação psicopatológica em direção a uma “veste” feita com exclusividade para ele, que lhe sirva bem e que lhe dê toda a liberdade possível em relação às classes que não lhes são próprias e que lhe dificulta o movimento psíquico”.

Assim dizer que um cliente nosso é homossexual não diz nada deste sujeito, não diz da transferência, não diz do inconsciente, não diz do conflito não diz da resistência ou melhor quase não diz da resistência, pois diz sim da resistência do analista de se “desvestir-se das vestes psicológicas existentes para escutar o sujeito o que deixa o psicoterapeuta com uma sensação de nudez, de nada saber de fragilidade, da confusão, etc.”

Jurandir Freire Costa em Inocência e Vício afirma que o “emprego frequente do termo (homossexual) leva-nos a crer que realmente existe um tipo humano específico designado por esse substantivo comum... A particularidade do homoerotismo em nossa cultura não se deve à pretensão uniformidade psíquica da estrutura do desejo comum a todos os homossexuais, deve-se, sugiro, ao fato de ser uma experiência subjetiva moralmente desaprovada pelo ideal sexual da maioria”.

O Jurandir relembra de Freud é que não há essa “substância” ou “essência” comum a todos os indivíduos que se representam ou são definidos como homossexuais.

Não há desta forma possibilidade de “conscientização gay” enquanto se insistir no aspecto valorativo da questão, sem se ater e questionar a própria lógica da construção destes dois lugares imaginários.

Estas classificações nada dizem das vivências, das dores, e das produções simbólicas dos sujeitos particulares.

Qual é a função destas classificações? Não posso responder melhor que Daniela Ropa.

“A que servem “ e aqui penso em termos éticos e morais todas estas classificações a partir das quais pensamos poder resumir e definir de vez a identidade das pessoas? Sendo que as classificações em “espécimes sexuais” parecem valer mais ainda para os que divergem das normas. Estas, então serão interpeladas quase unicamente em nome de seus gostos, inclinações ou escolhas sexuais. Deixarão de ser bons trabalhadores, amigos, cidadãos, maridos ou esposas, pais ou mães, para se tornarem, quase única e exclusivamente, homossexuais, bissexuais, travestis, etc., e toda a longa lista dos que se encontram no limbo, acusados de algum desvio moral ou patológico. Nossa sexualidade poderia representar um potencial para a escolha, para a mudança e para a diversidade. No entanto, nós a transformamos num desvio. naquilo que mais nos aprisiona. Nutri destino para “nós” e num inferno para os “outros”, para os que ousaram questionar os limites da prisão”.

Minha leitura do texto de Daniela não vai na direção de uma clínica da vitimização, uma vez que acredito que as piores prisões são aquelas que construímos através das teias e tramas inconscientes, ao nos deixarmos tomar como destinatários do discurso totalizante do outro. A questão é que a sexualidade “poderia representar um potencial para a sua escolha, para mudança e para diversidade”. como Ronaldo Pamplona deixa entrever em seu livro “Os Onze Sexos” usando a metáfora do “caleidoscópio”, no qual basta um novo giro para “fazer surgir as mais diversas imagens da sexualidade humana”.

Numa frase não acredito ser legítimo falarmos de uma subjetividade homossexual.

E foi isso que falou (por) Judy Nelson, miss Texas, namorada de Martina Navratilova:

“Passei toda a minha vida a sombra de um homem. Quando me dei conta, estava a sombra de uma mulher”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLEICHMAR, H. (1987). *O Narcisismo - Estudos sobre Enunção e a Gramática Inconsciente*. Porto Alegre, Artes Médicas.
2. FREUD, S. (1915). Três Ensaio sobre a Sexualidade in *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago.
3. JACKSON, A. (1995). Gay - Um roteiro pra quem frequenta in *Revista da Folha*, n° 153. Encarte da edição de domingo da Folha de São Paulo, 26 de março de 1995.
4. MIX, Magazine. *A Revista do Club MIX*. Ano 1, n° 0 e 1. São Paulo. Arte Digital.
5. FEITOSA, N. (1995). *Sui Generis* n° 1. Rio de Janeiro, Gráfica JB.
6. CLÁUDIO, I. (1995). Culture Alegre in *Isto É*, n° 1324. Editora Três, São Paulo.
7. SÁ, X (1995). KÁTIA, a Rainha da Caatinga in *Folha de São Paulo*. 26 de março, pág. 1-14.
8. CASTRO, D. (1994). Um homossexual é mono no Brasil a cada 4 dias in *Folha de São Paulo*, 20 de fevereiro, pág. 4-8.
9. ROPA, D. (1994). Ela é... o que você quiser in *Redescrições da Psicemcílise*. COSTA, J. R. (org.). Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
10. COSTA, J. F. (1992). *A inocência e o vício: estudos sobre o pornoerotismo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

CAOS: 4 o retorno do forcluido social

Arnaldo Domínguez*

A tragédia da vida contemporânea parece-me situar-se na atitude de rejeição aos vínculos sociais que se acentua no comportamento dos indivíduos, onde o gozo parece estar a deriva da civilização imposta pela palavra, exigindo uma resolução imediata e desrespeitando, de tal modo, as leis que regem o desejo.

Um gozo imediato e sem desejo que só pode precipitarmos na destruição. Um gozo quase sem a necessidade da existência do outro, convence o corpo numa máquina de prazer sem nenhuma significação possível.

Sem vínculos não há outro e sem significação não há lugar para outro; esse outro é um lugar: o lugar do objeto. E sem este, não há como encontrar uma economia do gozo, na ausência da qual, reduzímo-nos a um puro organismo animal, isto é, um ser tão falante.

Quero dizer, perdida a possibilidade discursivo que permite-nos estabelecer os vínculos sociais e a significação do verbo, por exemplo, amar ou existir com alguma ilusão que dê sentido, instaura-se o CAOS.

* Médico especializado em Psicanálise. Coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Minorias Sexuais da SBRASH.

Consequentemente, o sofrimento existencial extirpado do discurso torna-se um sofrimento narcísico, e é narcísico por que ignora o desejo a faz a vida perder o seu valor, portanto é da ordem da Pulsão de Morte.

Paradoxalmente, o discurso capitalista conjuntamente com o discurso da ciência ou da religião, etc” apontam em direção do ideal de um objeto prometedo do gozo, da panacéia ou da vida eterna, fácil de ser adquirido, inclusive, a prazo, pois os anúncios nos seduzem com um: **GOZE AGORA E PAGUE DEPOIS.**

Uma espécie de inferno de gozo sem limites, onde estes se introduzem apenas pelas leis dos sistemas de projeção ao critério ou pela morte dos corpos.

É curioso que nos habituamos melhor a inadimplência das dívidas externas do que as das simbólicas. Suportamos estoicamente corrupções várias e até holocaustos, parecendo não haver ali limites para o devir perverso.

No entanto, na clínica insistentemente atribuímos o rótulo da perversão ao outro que goza diferente, como se de fato o neurótico estivesse convencido de que o perversor é o único que consegue gozar.

E nós, os analistas, num movimento de inversão da demanda, passamos a lhes demandar um tratamento, chegando inclusive a disputá-los como se fossem um objeto ou elevando-os à categoria de objeto.

E elevando seus sintomas à dimensão de signo, freqüentemente ignorando sua dimensão significativa.

O perversor é o outro, no discurso do cientista normatizador ou do legislador em prol da moral ou bem supremo platônico. Por exemplo, aquele que corrompe o discurso dominante ao inverter os papéis. Sejam os papéis de gênero, as normas da genitalidade, ou até a biologia propriamente dita, como se tal existisse nos seres falantes que nós somos.

É preciso reconhecer os perversos. Identificá-los nomeá-los e estudarmos as causas de suas patologias, que iremos procurá-las na química, na anatomia e nas dinâmicas das inter-psicologias familiares.

Talvez na expectativa de, em se encontrando as causas, podermos regulamentá-las. (A medicina só se ocupa da vida ou do gozo para isto).

Porém, quando o discurso científico se direciona a procura das causas dos fatos, parece-me que vai no sentido contrário a tais fatos falados, impedindo que se crie (que o sujeito crie) um nome mais próprio para si.

“Eu sou homossexual”, diz o cliente ao se nomear, como se tratara-se de um nome assumido para o outro ou como se referindo a uma sina do sujeito. Quiçá como uma resposta ao discurso dominante que existe uma resposta que preexiste ao ser.

O heterossexual não se nomeia nem quando questionado numa língua-em-objetal. como se o anonimato o isentasse do desvio do risco de que tanto tem se falado. Como se a heterossexual idade fosse um antídoto contra a perversão.

Provavelmente o caminho percorrido desde a caça às bruxas, passando pelas prisões e hospícios e desembocando nas clínicas psicológicas nos centros de referência da AIDS, finalmente estimularam os ditos “homossexuais” a organizar-se em militância e a construir um discurso político que lhes garantisse a existência social, adquirindo assim o direito de inscrição na linguagem. Algo do tipo entrar pela porta principal da cadeia dos significantes e não mais pela porta dos fundos.

Mas ao atravessar tal porta, denominada “ liberation”, sofreram o interdito como todo ser falante. Mesmo que a intenção fosse questionar os imperativos do discurso dominador, aquele que, escravo do discurso da ciência, lhe dizia: Não é assim que se goza! E nas entrelinhas, - Gozo de verdade é o meu.

Disseres que situam o terapeuta no lugar do amo com o status do modelo de identificação, mediante o qual, por intermédio da estratégia da sugestão, tera a dependência eterna do cliente e operacionaliza a extirpação do gozo desviante.

Um lugar de voyeur que tudo-sabe. O lugar do pai. Père (Pai) Version (Versão).

Entretanto, os “amores perversos- que durante tanto tempo não diziam seu nome, não falavam, instaram a que deles se falasse. E muito! Transformando-se em uma espécie de objetos pulsionais que fizeram os cientistas falar e falar, quase sem parar.

Quem poderia acreditar que o beneficiário final fosse aquele que até então era o “estrangeiro” do discurso, vítima da ciência segregacionista que ajudou a sociedade a se comportar cada vez mais segregativa. Herança da razão iluminista que fez do capitalismo um instrumento apontado na direção do progresso, todos co-responsáveis pela criação dos sujeitos excluídos, desarticulados do significante, para que o recurso de entrada na língua como seres humanos foi-lhes negado. só lhes restando os caminhos da morte ou de modo de vida tal (marginal) onde desenvolvem-se mecanismos alternativos para sobreviver e para remediar à dor de uma existência insuportável.

Uma vida ficcional que possa enganar o promotor do discurso da norma e assim proteger-se do castigo, encarado aqui, possivelmente, como ameaça de castração.

Mas finalmente, apropriaram-se de um discurso, ou, como disse, adentraram na língua e isto implica em sujeitar-se as regras da linguagem, absorvendo-se das convencionais idades e introduzindo os fonemas secretos que haviam sido criados como códigos de comunicação “out-siders”.

Revelado o segredo, o sujeito esta exposto ao público e neste momento a ética do discurso o assujeita e o faz perder a possibilidade de dizer tudo (ou de ocultar tudo), descobrindo que isto era apenas uma ilusão da semiótica do gueto, onde apenas um olhar é suficiente para vislumbrar-se na penumbra a imagem do “petit-a”.

Mas o ingresso do excluído à civilização imposta esta palavra, dá-se num contexto social que negligencia os vínculos, pois encontra-se desviada no sentido de um gozo imediatista no conjunto de objetos elevados à condição da coisa. (Ou como a promessa de preencherem a falta).

Estando os indivíduos escravizados ao imperativo capitalista do gozo. (O sonho de todo empresário é inventar um produto sem o qual ninguém possa passar!) Como mencionei, máquinas mortíferas movidas a álcool... ou a cocaína ou a antidepressivos, etc. (como já disse a psicanalista Susana Palacios, da Escola da Causa Analítica).

Se tal ingresso foi estimulado pela desalienação do sujeito ou pelo impulso-HIV, uma vez integrados ao discurso, não faz muita diferença, pois de um modo ou de outro, acabarão por perceber o engodo.

Compreender-se-ão como mais uma vítima da tragédia contemporânea, que não é necessariamente a AIDS (embora a AIDS seja uma tragédia), e sim o Mal Estar da Cultura, ou poderíamos sugerir a Perversão do discurso dominante, pois este está intoxicado, à procura de objetos transacionais que acalmem a dor e propiciem um gozo imediato. (Um gozo outro)

Objetos que poderíamos denominar, sem o receio de estarmos exagerando, como DROGAS.

E o forcluido para mais além das bordas sociais, retorna reintrojetando-se e provocando um novo tipo de caos, que os psiquiatras (provavelmente por influência direta da indústria Farmacêutica), codificaram sob o rótulo de DEPRESSÃO, dividindo-a inclusive, em exógena e endógena, utilizando os conceitos de dentro e fora, talvez para negarem o que já foi dito como: inibição, sintoma e angústia.

Contribuições a formação de uma identidade travestista* 5

Mariana Freire Friedrich**

Há uma vasta gama de questões que permeiam a travestualidade e não são ponderadas seriamente, quer seja devido ao desconhecimento propriamente dito, quer seja pelo preconceito, ou mesmo a conveniência que traz a situação hora estabelecida no social.

QUEM SÃO OS TRAVESTIS?

A psicanalista francesa Catherine Desprats-Péquignot, em seu livro “A Psicopatologia da Vida Cotidiana”, diz que: “O transexual ocupa um lugar diferente da do travesti, com o qual era confundido no início do século pelo fato de usar roupas do outro sexo. No último, não existe questionamento subjetivo da anatomia e da identidade feminina ou masculina (embora certos travestis, em virtude da prostituição, cheguem a modifi-

* Comunicação apresentada em 2 de dezembro de 1995, na reunião do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Minorias sexuais. da SBRASH.

**Formanda em Psicologia.

cações morfológicas, como os que chegavam do Brasil nos anos 80). No plano individual, na vida cotidiana, a prática do travestismo recobre diversos modos de organização do desejo (fetichismo, exibicionismo, homossexualismo), todos colocando em jogo a relação com a castração e com o falo. A questão dos modos de acesso ao gozo encontra-se em primeiro plano aqui nessa prática que depende da perversão sexual ou de um traço de perversão”.

Do lado “Tupiniquim” o jornalista Arnaldo Jabor em uma coletânea de textos seus intitulada “Os Canibais Estão na Sala de Jantar define travestis com um outro olhar: “O travesti se identifica com uma terceira coisa, com um centauro, com um clone da mulher, corri um crime. Há um lado criminal no travesti... O travesti ameaça as famílias... Ele é uma alegoria da transparência do mal...” “Você não tira um travesti da vida, éle é quem pode tirar a tua... O travesti é perigoso, você é quem pode virar mulher dele... Ele é um casal. Se você entrar, você é o terceiro, e pode ser excluído... O travesti não deseja a identidade; ele quer a ambigüidade... O travesti viaja na identidade, por isso ele se disfarça o tempo todo. Ele é inovente, por isso pode ficar nu na rua, pois ele não é ninguém-.

No livro “As perversões sexuais - Um estudo psicanalítico”, Antonio Carlos Pacheco e Silva Filho traz as idéias de Stoler a Jucovy, onde o ato do travestimento encobre a dinâmica: frente a ameaça de castração o indivíduo finge não possuir o pênis, finge não ser homem no entanto engano e então exerço minha masculinidade. “O travesti parece então, de acordo com isso, acreditar na mulher fálica, tanto a sentida como poderosa na infância. atacando sua masculinidade, como a que representa com seu pênis (identificação) ereto, debaixo das roupas femininas. Jucovy fala que “as roupas simbolizaria a autocastração e submissão aparente a feminilidade. Disfarçando a masculinidade, os rivais ficariam desarmados, embora isso não elimine, no travestismo, a fantasia da mulher fálica, descrita por muitos analistas”.

Cabe aqui citar novamente Desprats-Péquignot: “a simbolização do sexo (ou seus impasses), as identificações (e suas transformações) com base nas quais cada um reivindica” ser um homem “ou” ser uma mulher “organizam-se em torno da identificação com o falo (significante)”.

Do ponto de vista do inconsciente não há diferenciação entre os sexos, esta se dará dentro da relação da criança com o outro, e os significantes do Falo que se constituem na mente infantil, a criança ao ter esta percepção irá fazer identificações com este. A mulher fálica se insere dentro do contexto de descoberta da anatomia feminina e a incongruência entre a falta efetiva do falo concreto e o possível poder representado pela figura materna. A mulher fálica concretiza o poder materno sem a falta.

Indefinidos em um critério psico-sexual são muitas vezes vistos como o lado marginal da homossexualidade, cuja face travestista se apresenta nas performances de Drag-Queens; e por outras como transexuais em “fase pré-cirúrgica”, esta indefinição se reflete neste meio fazendo com que não exista um senso de identidade mais ou menos concreto; a inseguros de si, do que propriamente são, encontram no isolamento da comunidade a força para se manterem coerentes consigo frente a um outro que procura desestruturar-lhe em seu sentido do “eu”. No entanto esta situação encontra-se em momento transitório, pois cada vez mais esta população mostra seu rosto e coloca seu discurso em sua boca, quer seja pela via literária com a publicação de livros como: “Princesa”, de Fernanda Farias ou “Conversa de Bonecas”, de Jovana Baby, ou pela atuação profissional como o da colunista do jornal “O Grito de Alerta”, Fabiana Brasil, pela atuação social como de Brenda Lee na direção de sua Casa de Apoio, ou ainda o trabalho social realizado pela vereadora Kátia no Piauí.

A ordem da menos-valia se insere na sociedade moderna sobre o feminino. anteriormente a marginalidade: nesta população se estabelece todo e qualquer preconceito possível, pode-se imaginar situação social menor do que um travesti negro, drogadito, velho, aidético, pobre e prostituído? Ainda que a prostituição seja o lado evidenciado, nem só dela sobrevive, muitas e variadas profissões se estabelecem, no desconhecimento social por não compactuarem na formação de um fundo a figura socio-valorizada, como se sentir melhor se não existe pior?

Há chances a estas pessoas de reverter este quadro? Segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia, a população de travestis no Brasil deve situar-se em torno de 6500 a 8000 pessoas e o total de habitantes coma-se em milhões, é no mínimo uma situação difícil.

Podemos dizer que o fenômeno travestista já existe de modo mais amplo há cerca de 25 anos e o que se fez no sentido social para compreender e assimilar esta cultura, este “modo de estar” no mundo? A filosofia mostra o caminho do mito como viável, é possível tenhamos que aguardar o aparecimento deste para que a sociedade venha a poder elaborar estas questões tão difíceis, talvez em uma vertente romântica possa-se elaborar um símbolo mítico para representá-los como a luz, que dual comporta-se como energia e como partícula, dois lados de uma mesma moeda. Luz simboliza crescimento, divindade, poder e dualidade. Sandra Lipsitz Bem (1974) mostra como indivíduos andróginos, com alta masculinidade e alta feminilidade possuem mais recursos perante o meio, onde o indivíduo, psicologicamente andrógino, não precisa limitar seus comportamentos àqueles tradicionalmente considerados apropriados para um ou outro sexo, ele estará psicologicamente livre para engajar-se no comportamento que perceber ser o mais adequado ao momento solicitante, sem necessitar

prestar contas à estereótipos masculinos ou femininos. Com menos pressões e repressões o ego pode se lançar com uma maior gama de possibilidades ao meio, assim o andrógino terá um repertório maior a se valer do que aquele que possui apenas uma das características mais desenvolvidas. O crescimento do ser humano, e sua flexibilidade frente ao mundo que o cerca passa pela integração e não pelo sub-julgo de partes de si.

No sentido de procurar desenvolver conceitos que possam estar mostrando dinâmicas mais particulares aos travestis o restante do trabalho se mostrará um pouco desarticulado em seu conteúdo, mas esperançoso de que o todo seja compreendido como uma forma de ponte a um universo desconhecido que transita por entre as ruas, calçadas, jornais, revistas, etc.

Se enquanto discurso à respeito de questões que tocam o meu ser procuro conseguir uma visão êmica, espero conseguir manter uma visão ética ao falar de um outro que não eu, olhando para esta população com olhos despidos de preconceitos, se isto é possível, procurando aproximar minhas lentes das lentes que olham do interior da questão.

A Gestalt possui uma lei básica da organização da percepção que diz:

“Não é possível distinguir um objeto como um todo mediante a soma das percepções de suas várias partes componentes, sendo ainda necessário considerar um conjunto de fatores que caracterizam as relações entre todas as partes do objeto”.

O conceito acima definido se por um lado diz muito, por outro torna o grau de dificuldade elevado quando o fenômeno a ser observado se apresenta complexo, deste modo, o traçado que aqui irá se configurar é cindido em particularidades nas quais espero poder configurar algum dia o todo e suas relações com as partes.

O SENTIDO DE IDENTIDADE

O sentido de ser é um dos sentidos mais básicos do ser humano. É a partir dele que se estrutura todo o repertório de comportamentos, as opções e crenças de se estar no mundo, enquanto parte do mesmo. Quando situações solicitantes extremas se impõe na vida, o ser humano procura suas melhores saídas para a resolução da mesma, ao analisar o processo da morte e o morrer. Elisabeth Kluber-Ross descreveu determinadas frases em

que o indivíduo transita para a aceitação da finitude de sua existência. Uma dessas frases é a “barganha” onde o indivíduo enfermo coloca-se a fazer trocas com um grande outro capaz imaginariamente de restituir-lhe a onipotentemente uma longa vida. Frente ao grande outro e a eminência do fim, todo tipo de compromisso possível, desde que seja este realmente possível de realizar.

O acompanhamento de travestis doentes de AIDS em uma Casa de Apoio, com regras bastante rígidas e restritivas no que se refere a liberdade de trânsito, liberdade de expressão, e outras tantas, mostrou-me que, podem ser observadas nesta população todas as frases descritas por Kluber-Ross, no entanto, a fase da barganha nunca se resolve no sentido do impossível, a identidade sexual se preserva e finaliza com a vida, não constitui objeto de barganha, e tampouco é acometido de sentimentos negativos, muitos outros aspectos podem vir a ser barganhados, e outros ainda subjulgados, como a liberdade, mas não o sentido de ser, pois não há troca possível com a morte, que seja ela própria.

Outro exemplo se mostra no livro “Princesa” onde a liberdade se cessa na penitenciária, mas com a diferenciação de setor no presídio a autora mostra quase um orgulho pelo tratamento diferenciado que recebe da justiça italiana por ser o que é.

A continuidade de identificação é também possível de ser vista na preservação do travestimento, no seu dia-a-dia um travesti continua a ser um travesti a todo momento e em qualquer situação, não existe uma troca de papéis sexo-social e ou de suas vestimentas, frente a toda e qualquer situação. O travesti também não tira férias de sê-lo.

AS VESTIMENTAS

De muitas formas podemos estudar o uso de vestimentas pelo ser humano, esta pode desde simplesmente agasalhar até mesmo representar poder (como no clero, nas forças armadas, etc.), em última análise a vestimenta responde a uma demanda significativa do indivíduo que deseja. Se caminhássemos por aqui teríamos um desenvolvimento no sentido de que para além da demanda de satisfação da necessidade, perfila-se a demanda do algo “a mais” que é antes de tudo demanda de amor. De uma maneira geral, a demanda é, portanto, sempre formulada e endereçada a outrem”, em palavras de Joel Dor, e este desenvolvimento é algo interessante, que deve trazer algumas contribuições. De momento no entanto, aqui me basta.

Uma outra forma de verificar este fenômeno, e que aqui utilizo é o de observá-lo enquanto objeto transacional.

Para que possamos particularizar o uso de vestimentas no travesti, vamos inicialmente desenvolver o conceito de D. W. Winnicott sobre o objeto transacional.

O objeto transacional se define por ser uma posse, não qualquer posse, mas sim a posse de algo que não pertence ao mundo externo e nem tampouco a sua realidade interna, ele ocupa um lugar intermediário entre estas duas realidades e por nenhuma delas é contestado. Sua origem se dá na experiência oral onde situa-se enquanto defesa onipotente contra a ansiedade, função sua por excelência, o objeto transacional sempre é encontrado nestas situações, quer seja por uma aquisição, quer seja por sua simples presença compartilhada, seu acesso é sempre fácil.

Como exemplo podemos citar a sua maior expressão, que é o de uma criança que leva junto a si seus “paninhos, ursinhos” e/ou outros objetos que só pertencem a ela, seu uso é exclusivo e quase nunca possuem uma outra serventia, simplesmente existem, e se encontram à disposição em momentos difíceis. No adulto é facilmente vislumbrável desde o sutil brinco em uma das orelhas, nunca retirado, até o uso em grandes quantidades de adornos, sendo estas as formas mais visíveis de uso do objeto transacional.

Se pensarmos primeiramente em como ele não faz parte nem do mundo externo e nem do interno para depois associarmos a toda a realização da aquisição de uma nova roupa veremos que esta também não faz parte de nenhuma das suas realidades, não falo aqui de qualquer roupa, refiro-me a roupa eleita e não a necessária (como o agasalho ganho para o abrigo do tempo). Há sempre uma roupa que se adequa especial a ser usada em determinadas situações especiais. A vestimenta antes de ser adquirida é concebida internamente para então ser buscada e encontrada no meio exterior, nos fazendo a todos travestis de nós mesmos.

A roupa, o estilo vivido pelo indivíduo no seu modo de se trajar determina um patrimônio intransferível que o identifica no tempo a no espaço que ocupa trazendo-lhe individualização psicossocial.

E como esta teoria pode levar a uma melhor compreensão do fenômeno da transvestualidade? O resumo da teoria acima descrito está colocado e válido de uma maneira ampla, aplicável a todo ser humano que tenha condições de efetuar escolha e assim não difere do travesti que ao eleger um vestuário leva ao real, ao concreto, seu universo interior. O modo como apresenta-se ao meio, e quer ser reconhecido pelo mesmo é a expressão de seu ser, assim como acontece e homens e mulheres quer sejam homossexuais ou heterossexuais.

A QUESTÃO DO NOME

No trabalho “Totem e Tabu” de Freud encontramos uma significativa introdução ao tema, que se segue: além de uma vasta gama de exemplos de cultura em que os indivíduos, por vezes, trocam seus nomes sistematicamente.

“O tabu sobre nomes parecerá menos misterioso se tivermos em mente o fato de que os selvagens encaram o nome como uma parte essencial da personalidade de um homem e como uma posse importante: eles tratam as palavras, em todos os sentidos como coisas. Como já salientei em outro trabalho (Freud 1905c, Cap. IV), nossos próprios filhos fazem o mesmo. Nunca estão dispostos a aceitar uma semelhança entre duas palavras como desprovidas de sentido: coerentemente presumem que se duas coisas são chamadas por nomes de som semelhante, isto deve implicar na existência de algum ponto profundo de concordância entre elas. Mesmo um adulto civilizado pode ser capaz de inferir, de certas peculiaridades de seu próprio comportamento, que não se acha tão distante quanto poderia pensar de atribuir importância aos nomes próprios e que seu próprio nome tornou-se, de uma maneira muito marcante, ligado à sua personalidade. Também a prática psicanalítica se depara com freqüentes confirmações disto nas provas que encontra da importância dos nomes nas atividades mentais inconscientes”.

O desenvolvimento à seguir não só baseia-se nos textos de Gérard Pommier como em alguns momentos se transcreve-os, à medida que sejam mais clarificadores.

O nome próprio serve para nomear um único ser humano, formado por um prenome (simples ou múltiplo) e por um patronímico. Onde o primeiro muito freqüentemente existe antes do indivíduo, e evoca todas as outras pessoas que também o portaram, designando uma espécie de signo do destino, ao se buscar um prenome substituto há um rompimento com estas expectativas, e a busca se dá no sentido de um prenome que possa dar sustento a algo de si. que seu significante possua maior poder fálico. A escolha de um prenome pode ser pensado enquanto objeto transacional, como descrito anteriormente, objetivando uma melhor e facilitada relação com o meio.

Ao contrário de uma grande parcela da população masculina as mulheres são geralmente designadas, e se designam apenas pelo prenome, fazendo inserir-se em uma corte que pertence a seus semelhantes, o patronímico não traz contribuição a identidade feminina, como no caso do homem que tem em seu patronímico valorizado a herança do falo paterno.

Diferentemente de mulheres e transexuais, que efetuam mudanças em seus nomes, travestis efetuam uma reformaradical em seus prenomes e retiram o patronímico, usualmente o transexual não só preserva o

patronímico, como se possível faz mudanças sutis em seu prenome, e a mulher realiza uma permuta de patronímico.

“... o nome resiste tanto à aparência quanto ao ser vivo: sua unicidade é o sinal daquele que fala, o traço que ele pode deixar para atestar um dizer, e permite dispor de um referencial aparentemente seguro da identidade e da singularidade”.

A perda, ou abandono do patronímico traz a ruptura do indivíduo com seu universo familiar e expectativas com ao seu papel nesta...” Não se trata de uma ausência, mas de ter tido algo legado por um pai e, depois abandoná-lo. A perda assegura uma identidade diferente da concedida pelo patronímico”.

Travestis muitas vezes se utilizam de prenomes famosos, conhecidos, ou de mitos, o fazem de modo a homenagear aquelas figuras... “O prenome está sob a influência da analogia, senão da identificação imaginária, e é nessa qualidade, na maioria das vezes, que ele é concedido e discernido.” Ainda que estejamos no campo do imaginário é assim que nos constituímos, nos construímos e vivemos enquanto indivíduos nomeados por outrem, seria a autonegação diferenciada enquanto recurso identificatório? Pode-se pensar em um poder fálico maior? Se a determinação de um prenome por um dos pais a criança responde este a um significante seu, a eleição de um substitutivo traz significantes próprios do indivíduo para consigo próprio.

Será no entanto a construção e vivência do indivíduo modificada no que tange a identificação sexual?

CONCLUINDO

Analizadas três dinâmicas diferentes da prática travestista, em todas podemos encontrar bases para que exista uma condição de personalidade estruturada em si, e que apesar de ser indefinida de modo científico a não reconhecida socialmente perpetua-se na essência do próprio ser. O texto aqui apresentado pretende ser uma semente de discussão a esta problemática, que mostra-se extensa e complexa interagindo com outros grupos sociais de muitas maneiras e em vários graus. Sendo que muito das dificuldades se apresentam como referência à prostituição, que por excelência não se constitui em campo restrito à travestualidade, e mesmo nesta dinâmica de quem é o gozo? Do travesti, do cliente ou da Sociedade (com S maiúsculo e tudo o que representa) “maior” que pode pensar-se não prostituída, integra em seu ser.

A psicanálise traz a figura do travesti como sendo a concretização da fantasia da “mulher com falo”, se assim o é, que assim o seja, mulher sim, com falo sim, mas um indivíduo que assim se constituiu e assim se apresenta à vida, ao mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERENSTEIN, Isidoro. Família e doença mental. Ed. Escuta, 1988.
2. OLIVEIRA, Lázaro Sanches de. Masculinidade, feminilidade, androgenia. Ed. Achiamé. 1983.
3. DESPRATS-PÉQUIGNOT. Catherine. A psicopatologia da vida sexual. Ed. Papirus. 1992.
4. PACHECO E SILVA FILHO, Antonio Carlos. Perversões sexuais - Um estudo psicanalítico. E.P.U., 1987.
5. POMMIER. Gérard. A ordem sexual. Jorge Zahar Editor. 1992.
6. WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Ed. Imago, 1975.

Há uma santa com seu nome? **6**

Carlos André F. Passarelli*

Tento pensar aqui a identidade sexual. O que faz de alguém idêntico? Idêntico a quem ou a quê? Se transitamos no terreno da anatomia, as coisas parecem um pouco melhor definidas do que nas ditas ciências humanas. Homem tem pênis. Mulher não o tem. Ou seja, pode-se falar de uma identidade sexual que se garante geneticamente, fenotipicamente caracterizada pela posse ou não de um órgão.

Porém, ao propor estas formulações nestes termos - esta premissa genética - percebo que meu discurso está impregnado de uma ética, a saber, aquela que elege o binômio *ausência/presença* do órgão masculino como definidor de uma identidade psíquica ou sexual. Se ética, tal definição é cultural, e o corpo de que falo é um corpo falado e falante, imerso em linguagem e não mais em líquido amniótico - transcendemos a biologia. Ou seja, homem e mulher são construtos lingüísticos - ora imaginários, ora

* Psicólogo graduado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pós-graduando do Programa de Psicologia Social da PUC-SP. Pesquisador do Projeto Bela Vista.

simbólicos, nunca inscritos no real - significantes que se colam e descolam dos corpos desfigurados pela palavra.

Quase todo o discurso da e sobre a homossexualidade parece negligenciar estas metáforas e deslocamentos a que os papéis de gênero estão sujeitados, que nos desviam daquilo que queremos *querer* para aquilo que queremos *ser*; na tentativa de identificarmo-nos com o desejo do Outro. Procura-se desesperadamente definir e diferenciar este corpo homossexual, encontrar outros iguais e daí dizer: “isto é homossexual”. Constrói-se um altar e coloca-se a estátua da Santa, nem homem, nem mulher, nem lá, nem cá, e sempre além ou aquém do prazer. “Viva a Múmia do Tyrol!” gritam os idênticos, “Nossa Senhora dos Gays, rogai por nós”.

Estou dizendo que não existe identidade homossexual? Acho que estou, na mesma medida em que digo que não existe identidade sexual masculina ou feminina, enquanto rótulos capazes de definir uma forma de estar no mundo, comum a todos aqueles que se abrigam no conforto de suas identidades: são inumeráveis as maneiras de ser mulher, homem, criança, gay, lésbica, animal, planta e até mineral. E se a pergunta vinha: “*eu sou nequinha?*”, ela vinha para todos, dado que Zeus, ao dividir-nos em duas metades, apontou-nos para o sempre e mesmo corte: o sexo. A terra prometida do desejo não é prioridade de nenhum povo eleito. É terra de ninguém.

No entanto, uma grande romaria de fiéis marcha, aos trancos e barrancos, para a Meca do prazer, e nesta peregrinação, cruzam com outros grupos que dizem que, eles sim é que estão se dirigindo para a verdadeira Meca, formando um alvoroço tamanho que ninguém encontra mais uma bússola que defina um Norte qualquer. O desejo desorientou-se, principalmente quando algumas pessoas começaram a aventar que talvez exista mais de uma cidade sagrada. Estava deflagrada a guerra santa, onde não se sabe bem ao certo qual o território que se pretende ocupar.

Enquanto isto, peregrinos errantes se apossam de terrenos provisórios. De um lado temos a supremacia da normalidade, invadindo nossas casas através da pequena tela onde se estampam beijos coloridos entre a mocinha fállica e o mocinho que parece egresso da capa de uma revista gay, a perseguição sexual das gatas e ratos dos enlatados norte-americanos, a estereotipia dos galãs viris e das divas dóceis, os longos passeios na orla da praia do jovem casal - ele e ela - de mãos dadas. As vezes um desvio, para fazer rir ou chocar, mas logo voltar à conformidade da monogamia heterossexista.

E seguimos adiante, acreditando que nossas vidas não diferem muito daquelas que desfilam na nossa frente, depois que o Cid Moreira anunciou urea tragédia e, sorrindo, disse “boa noite”.

E nos outros territórios, estes que vemos nos programas sensacionalistas da madrugada e nas capas da imprensa marrom, lugares públicos que “*não são de ver pra crer - estão na cara*” - lá circulam os zumbis dos parques proibidos, roçando seus corpos sem se tocar de verdade - pegando em paus que crescem em meio ao cheiro de urina dentro dos banheiros, também públicos, nas caixas escuras de sons ensurdecedores e anestésicos; nas clínicas - estas clandestinas - onde pênis se transformam em vaginas; nas ruas, onde aquela que você jura que é uma mulher mais perfeita que Eva exibe um seu grosso e enorme pau para um senhor idoso e bem casado, camuflado no seu grosso e enorme carro importado, provido da mais *High Tec* que um japonês pôde sonhar e realizar.

Aí estão eles: os pervertidos, devassos, sadomitas, pederastas, criminosos, doentes, bichas-loucas, desajustados, imorais, invertidos, sapatões, aberrações da natureza, estes que não gozam como a maioria, que usam outros buracos. E, na urgência de se afirmar como alguma coisa, pois a sociedade sempre nos quer idênticos a algo. buscam um coro dos contrários, onde, em uníssono, podem gritar: “*eu sou homossexual!*”. Mesmo que à noite todos sonhem com a idéia de liberdade veiculada pelas imagens da telinha, entre a propaganda de cigarros (“*alguma coisa a gente tem em comum*”) e a novela das oito.

Nesta trama perversa, que prioriza um desejo em detrimento de tantos outros, não consigo perceber nenhuma outra identificação possível que não esta construção ideológica que vem a se chamar “*identidade heterossexual*”, sendo a “*identidade homossexual*” mais outra construção que só tem sentido ontológico quando se torna a primeira como referência: a luz e sua sombra.

Assim, penso que uma mesma orientação sexual não define uma identidade psíquica comum a um certo número de mortais desejantes, pois orientação sexual, isto é, o desejo, é uma questão clínica, ou seja, particular, que se resolve na cama ou no divã, conforme o gosto do freguês.

Agora, se se trata de reivindicar o direito que sempre foi negado a uma minoria (?) de realizar livremente suas práticas (homo?) eróticas, aqui saímos da esfera da psicanálise, e passamos a questão política, que implica na necessidade de se organizar este grupo social, que não mais caracterizar-se-ia por uma igualdade na identidade psíquica ou sexual, mas cujos integrantes têm em comum o estigma da exclusão por parte de uma sociedade marcadamente heterossexista, homofóbica, intolerante em relação à diferença.

Este processo pede a desconstrução do altar - o “*desmonte*” da Santa - que permitiria o afloramento das diferenças e dos desejos em meio à procissão. uma pluralidade de hinos, crenças e, por que não dizer, de novas e outras santas teria voz e vez e, numa festa alegre (*gay*), ocuparia os espaços da cidade (*polis*), revertendo a maldição do Deus único (“*onipotente*”), bem-dizendo o prazer.

E desculpem se abuso de Caetano Velloso, mas termino com palavras dele:

*Minha identificação, registro geral, carece de revisão
Cara, careta, dedão, isso não é legal, em frase de transição
Sou celacanto do mar, adolescendo solar
Não pensem que é um papo torto, é só um jeito de corpo
Não precisa ninguém me acompanhar.*

O rochedo e a lírica 7

Arnaldo Dominguez*

“Não será o temor da loucura que nos forçará a hastear a meio pau a bandeira da imaginação

Manifesto surrealista - A. Breton

NADA é a primeira palavra que me ocorre ao tentar definir o caminho do escritor. Talvez pretenda *tudo*, mas a lei de Tudo ou Nada é por demais radical.

Me encontro num dilema paradigmático. Como conciliar a ética com a estética? Sei que há uma lei que rege meu desejo, algo assim como um rochedo e então vejo na lírica um recurso que ultrapassa os limites. (Será uma escrita perversa'?)

De modo abstrato tenho inúmeras fantasias. Mas, de fato, o que tenho? Tenho uma estante abarrotada de livros. Muitos livros que já li. Porém, não todos. Inclusive os lidos por vezes, me resultam incompreensíveis.

* Médico. Especialista em Psicanálise. Coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Memórias Sexuais da SBRASH.

Vejo que estou aprontando minha mala. Breve estarei viajando na metáfora dos significantes mais deslocados possíveis.

Deixar fluir associações livres. Vide a mim as musas com seus atos falos! Elas produzirão alguma verdade com sentido. De resto, o inconscível continuará “coisa”.

Será preciso um prólogo, pró-forma para introduzi-los?

Deveria, ao menos, situar-me temporo-espacialmente? Ressaltar o home próprio? Receio que meu nome de batismo não me seja de todo próprio.

Assumo meu delírio a homenagem às históricas em vez de fazê-lo aos psicanalistas. A turma de André Breton já fez isto no manifesto surrealista e no cinquentenário de morte de Charcot. Quiçá mostrando que os santos estão mais próximos do diabo que de Deus.

(Escrevi Deus com maiúscula. Reconheço a metáfora paterna e aceito a perda do primeiro significante? Estarei aceitando finalmente a castração?)

Como me assustam um pouco os perversos polimorfos e me chateiam os obsessivos que me cobram fios condutores, e como prefiro uma borboleta ao Rockefeller Center, digo que sou idólatra dentro de qualquer ateísmo, ceticismo ou pessimismo que me for atribuído.

Idolatria a vida, logo seria incapaz de cometer suicídio, a não ser em estado de caos, como Deleuze (ou o Paulo, do meu prédio, que pulou do 24º em total dependência bio-psico-social, aproveitando o último fio de sanidade e cidadania que lhe sobrou).

(O viajante deverá escolher a solidão para cumprir o seu roteiro?)

Nada, escrevera minha caneta tinteiro. Uma multidão de amigos mortos em plena juventude, muitos deles, em vida. Uma política suspeita. Uma exigência epistemológica. Um final de milênio.

Eis a viagem, como Chronos, rumo ao futuro. Rumo a era de Aquarius.

Começo a me situar. Um delirante que se situa marca o retorno no estado habitual de neurose com direito a laços e nós.

Então releio o texto que ainda não foi escrito e pressinto a anastomose circular dos discursos. Um, fazendo o pedido e o outro, ao construir uma resposta, fechando o buraco.

A complementaridade dos discursos concede ao devir da loucura à dimensão essencial da saída. Mas fica uma hiância na intersecção dos escritos. No espaço da vida. O lugar do Real.

Nada é a primeira palavra que me ocorre. Deve ser o primeiro significante. Tudo, é o delírio de lírica.

Em meio disto há algo, que convencionou-se em chamar de realidade.

Eu não sei bem porque. Não estava na hora em que foi dito. Todos os ditos são anteriores a mim.

Anastomose, uma pulsão desesperada.

Eu não quero morrer. Por isso sugo tua alma como um vampiro.

Como um “michê afetivo”, sorvo a essência do teu hálito.

Me anastomososo a teu corpo, enxertando-me em ti. Pois não quero morrer. Ou será que estou morto? De tanto absorver o teu cheiro, receio ter perdido o meu. Por tanto desejar ser teu desejo, implorar ser teu objeto, aspirar ser teu, agora, se você me deixar, não sobraria nada.

Eu já não seria. Não consigo pensar em outra coisa, a não ser em ti. Logo, não existo. Nem cógito nem res-extensa.

Meu cogito só tem um símbolo: teu nome; e uma imagem: teu corpo-, que incorporado a minha res-extensa, fê-la desencarnar.

Portanto, não me deixe. pois não quero morrer. Você não pode me deixar. Não pode fazer isto comigo. Eu não sobreviveria.

Entretanto, ao mesmo tempo, é preciso que me abandone.

É preciso separar-se para que se rompa a nossa igualdade-branca.

Pressinto que se não nos separarmos iremos nos afogar na unidade anastomótica, pois parecemos uma solução de continuidade. Estamos geminados. Respiramos os mesmos vapores. Metabolizamos os mesmos humores. Evacuamos os mesmos excrementos.

Eu quero viver a sinto-me sufocado.

Estou apavorado. Percebo a menor mudança no teu olhar e me amedronta.

É como se a cada instante você fosse me abandonar.

Leio a legenda dos teus desejos com a esperteza imbecil de um clarividente, capaz de prever o porvir, mas sem saber o que fazer com a previsão. A não ser encenações disparatadas frente ao sinal mais insignificante, alertando-te, inclusive, do que para ti passasse despercebido (Ai, como gostaria de ter pau, boceta e cú, para preencher a satisfação de todos os desejos).

Mas somente consigo enxergar os meus defeitos, o que pode te levar a abandonar-me. Por isso me defendo expressando meus ciúmes.

Como, por exemplo: - Você está olhando para aquele cara lá... Pensa que eu não vi? Pensar que eu sou trouxa e que não vejo suas paqueras?

Sou um tolo, sim.

Sei que você estava olhando para o cara, mas não tinha visto.

Agora você já viu, graças a mim.

Mas fique despreocupado. Hei de me vingar. Vou lhe trair com o primeiro cara que me dê bola; estaremos quites.

Quites de que?

O cara com o qual lhe trairei será um fiasco. Não terá teu corpo que é meu. Não saberá lidar comigo portanto, a camisinha irá se romper. E não perceberemos. Então, ele gozará dentro de mim.

Um estranho qualquer de uma sauna gozará dentro de mim.

Será o fim. O fim do tormento que este amor me provoca.

Mas não pode ter fim? Juramos ficar juntos para além da eternidade!

Não posso te contar o que fiz. Devo te proteger, caso eu tenha me contaminado. Estou contaminado! E eu não quero morrer.

É tudo uma loucura, estou enfermo. Acabei de perder o que restava de razão em mim. Você tem que me cuidar. Afinal, és meu Anjo da Guarda.

Socorro... minha vida depende do teu cuidado!

Ao absorver tua vida, tomando-a para ruim a te incorporando passei a jurar que te amo. Mas, será amor ou será puro desejo de te destruir?

Sinto que te invejo profundamente. Invejo tuas qualidades que eu não tenho. Mais do que amor, parece ulna maneira de obter poder.

De ser “especial”. Especial no teu amor.

Creio que vou te matar para morrer contigo.

Como? O que quer dizer com que está tudo acabado? Porque vai me deixar? Porque vai embora? Não seja cruel... Não me deixe sem sentido. Você esta me matando. Eu não consigo carregar sozinho este insustentável vazio de existir. Sozinho não dou conta.

E demasiado para mim...

A relação afetiva se transformou numa morte. Há algo no amor que destrói feito cupins. Há uma contaminação afetiva.

Procurava uma fórmula para a felicidade, mas desse jeito não dá para ser feliz. Nesse contexto não há lugar para a felicidade.

Se for fállico, destrói o outro. Se for castrado, será destruído e humilhado. A única alternativa que aparece é a da morte. Uma forma de recuperar a dissipação da individualidade, todavia, a relação sexual se transforma numa morte.

Se ficar o bicho pega. se correr o bicho come... Não há saída. Qual será a saída possível?

Tinha sido, até conhecê-lo, extremamente racional. Mas a razão era a defesa que impedia o incesto. Entretanto, chega um momento em que a razão passa a ser usada pelos sentidos, pois seduz.

Então tenta coibir a razão. Bloqueia a razão. Pois esta passa a significar a relação sexual. E a relação sexual é mortal. Logo, a razão torna-se ameaçadora. Deste modo, fica acuado e improdutivo.

Usar a razão contra os impulsos cria uma bagunça, pois a razão vira o próprio impulso.

Qual é o problema de se entregar aos impulsos’?

O problema é que, ao que parece, não existe realmente uma ameaça de castração. Se se entrega, tende a acontecer a dissipação. Incorpora o corpo do outro e deixa de ser. Morre.

Está mais vinculado ao gozo do aberto. Tudo se transforma num eu universal. Sem distinção. Toda a genitalidade reunida na utopia de ser único: fático.

A inexistência de um que funcione como exceção, elimina a ameaça de castração.

Gozo do aberto: eliminação da castração. Gozo da loucura: eliminação das diferenças. Gozo fático de um único falo universal.

Seduz com a razão, mas destrona. Isso significa mostrar a castração no outro. E a utopia não lhe permite. Todos é um. Um é o falo. Todos são o falo.

Nada breca o desejo, nem a morte, pois haverá vida eterna.

O outro, em desespero, afasta-se de maneira ambígua. Numa dualidade de confusão a sanidade.

Eis um caso de amor e gratidão. É preciso que se pague um preço pela felicidade. Pagasse pelo amor com sexo. Mas será castigado por amar.

A sauna é o único lugar onde faz sexo sem pagar. Sem saber com quem, não deve nada. Com um estranho, mesmo que seja um michê e lhe cobre, fica então, de graça.

A questão é? Será que sou amado?

Pois o fato de ter que pagar pelo amor de alguma forma, lhe cria uma situação de desprestígio e de humilhação. O faz sentir-se um michê afetivo. Um prostituto.

Parece que nunca sentiu-se amado como garantias (pelo pai?).

Necessita incorporar esse homem que lhe falta. Mas imediatamente sente vontade de matá-lo. De se vingar.

Enfrenta o pai, o desacata e se vinga. Num movimento histérico de derrogação do poder do mestre procura um poder acima do pai. Assim o pai não conseguirá castrá-lo. A sensação de onipotência tem o objetivo de evitar o anterior, de humilhação.

Ele corta o pinto do pai toda vez que o pai vêm cortar o pinto dele.

Essa derrocada do poder do pai, fica extremamente persecutória.

Pois se conseguir tal vitória, poderá conseguir qualquer coisa que desejar.

Levará a cabo, sem culpa, todo o seu desejo de destruição.

Mas a destruição tem suas conseqüências: ela faz enlouquecer.

A ruptura da aliança, o fim do sofrimento narcísico incoerente, após a aceitação da perda do objeto - que sempre esteve perdido na nebulosidade do que preexiste - permite o devir criativo. O do sujeito que ingressa no simbólico no reencontro com a sua história.

Então a lírica ganha a proporção estética conjuntamente com o rochedo da ética, e assim pode fluir como delírio, pois tratasse de um delírio reificado. A coisa recupera sua dimensão de coisa incognoscível e abandona-se a ilusão de vê-la refletida no espelho imaginário do pequeno outro.

A escrita não é mais perversa.

É simplesmente poética. Expressão da sensibilidade, que, no caso, ao dizer do cineasta Wilson Honório da Silva, da ECA/USP, poderia ser chamada de “sensibilidade Gay”. E porque não?

JÉ VOEUX MATERNÉ!

Sonhou que eu (o analista), estava na sala da casa dele, com um aspirador de pó limpando o tapete. Parece que havia algo oculto embaixo do tapete e eu poderia vir a descobrir. No caso, a metáfora do tapete refere-se ao suprimento no pré-consciente. Essa falsa aparência de bondade tratava-se de uma formação reativa cujo propósito era ocultar o oposto, de certo modo, conhecido e assustador. Um monstro censurado (apenas fantasia).

Eu lhe disse: - Um aspirador de pó?

E respondeu: - Sim... um aspirador de mente.

- Mente?

Não, eu não digo mentiras. Estou me referindo a um aspirador de cabeça...

- Aspira dor de cabeça?

(Era este o motivo que o trouxera para análise. Uma enxaqueca crônica).

Após uma pausa contou-me que a dor de cabeça era por causa do namorado que iria pegar “uma marginal”.

- Como assim? (o namorado estava aprendendo a dirigir seu automóvel).

- Ele vai sair hoje a noite. Tem uma festa e pretende ir de carro. Eu não posso ir e me preocupa pois terá que pegar uma marginal...

- Pegar uma marginal... na festa!

(silêncio) - Creio que estou enciumado e inseguro...

Meu cliente ocupava um cargo importante numa repartição pública. Dizia sentir-se “Sur de la melé”. Pedi-lhe para explicar melhor e contou-me que na França, o Juiz, por exemplo, pelo poder de julgar, está “Sur de la melé” (acima de todos, acima do povo).

Devido ao fato de lhe colocar a mão na cabeça para indicar o término da sessão, lembrou-se de um incidente, até então esquecido, e que deveria ter ocorrido quando era muito pequeno. Naquela ocasião estava sentindo dor de cabeça e uma senhora que não recorda quem era, “invadiu” a casa e entrou no

quarto onde ele estava, que não era o quarto dele, pois a cama era muito grande (??) e colocando-lhe a mão na testa disse-lhe que ficaria bom. E assim foi, tanto que melhorou e adormeceu no colo desta desconhecida.

A seguir contou-me que sua mãe era muito formal e que o pai só se ocupava das questões pessoais, esquecendo da existência dos filhos.

A mãe tinha um discurso “pró-forma”. Um discurso “paterné” (autoritário, professora), distante, cheio de formalidades. Disse: paternalista, e o disse em inglês pois, segundo ele, nessa língua soa exatamente como “significa”). O Seu próprio discurso tinha sido até então, um discurso “pró-forma”.

O namorado havia sido carinhoso, mas agora, proprietário de um veículo, estava se distanciando.

E meu cliente estava ficando preocupado, esperando que alguma coisa acontecesse, não sabendo ao certo, o quê.’

Parecia não saber o que, de fato, estava procurando...

Em lugar de tocá-lo na cabeça para indicar o término lógico da sessão, desta vez coloquei suavemente a mão e tal atitude minha o assustou muito.

Na imagem que eu havia construído a partir da escuta, soaram (como que contratransferencialmente) as palavras: “Jé voeux materné...”

Mas pronunciá-las, disse-me o bom senso, seria cometer o próprio incesto.

Como fiquei absorto neste pensamento além do que fico habitualmente, percebi que o eco das palavras do meu cliente havia batido em algum dos meus diapasões.

“Sur de la melé”... Analisei’??’ É o próprio tapete. Este semblante que ostentamos, respondendo as ditas “expectativas sociais” da nossa cultura. Pensei posteriormente, em termos de gênero, na tentativa de associar esse discurso “pró-forma” a uma espécie de “protesto da masculinidade”, do modo em que me fora apresentado pelo cliente nas metáforas metonizadas em outra língua, que não a materna.

“Materné” - “Paterné”.

Deveria ser dissociado, é claro, do que se pensa ser “homem” e “mulher”, pois nesta história, o pai e a mãe aparecem “formais”, mas há um terceiro: uma mão misteriosa (materné) que passa a ocupar o lugar do objeto-perdido-para-sempre, reencontrado a posteriori no namorado, porém, por tratar-se de um reencontro, surge um carro e uma ameaça marginal que representam à dimensão essencial da separação.

A inexorabilidade futura da perda (já ocorrida).

Sabíamos, até agora, que o sujeito formal (paterné) ocultava um desejo incestuoso: Jé voeux materné. Que o fazia desejanste.

Que o sujeito desejanste (materné) expressava um pedido de amparo. Apelava por um objeto que sabia, perdido. Portanto, a saída era tornar-se formal (paterné).

Mas a marca registrada na cabeça era a impressão da “letra”. Registro aparentemente deixado por um ser misterioso. Essa “zorra erógena” tornara-se dolorosa, desprazerosa, procurando incessantemente por uma mão maternal (como parecia ser a mão do namorado, em outra época, ou a mão do médico-analista, agora). Mão esta, que proporcionasse a satisfação do desejo - o toque - porém, sendo preciso, a qualquer custo, o gozo - a cura.

Pois a cura- atingira uma perspectiva fálica e o lugar do “doente” (da enxaqueca), o lugar do gozo impossível. Minha mãe na cabeça era a possibilidade de se concretizar esse gozo-outro, proibido e ao mesmo tempo, tão intensamente desejado.

Uma leitura que foi feita a respeito do trabalho freudiano sobre o “homem dos ratos”, é que as frases interrompidas deste cliente representavam intestinos e o tato dele evitar de pronunciar a última palavra (ratz), implicava em impedir de mencionar o ânus da fala, como se deste jeito impedisse a entrada dos ratos. No entanto, Freud ao completar a falta, dizendo: Ratz, quase que sadicamente permitia ao rato entrar, causando um grande mal-estar no seu paciente.

Penso que quase fiz o mesmo que o mestre, ao colocar a mão na cabeça do cliente. Caso tivesse pronunciado seu desejo: *Jé voeux Materné*, teria completado incestuosamente sua falta.

O diapasão que vibrou deve ser o do meu “sadismo-paterné”.

O aspirador de mente. O juiz, que ao ficar no lugar de objeto-outro introduz uma lei perversa, anulando a castração ao ocupar o lugar imaginário de “*Sur de la melé*”.

(Estar acima da lei significa ficar fora do alcance daquilo que acontece aos “simples mortais”, isto é, de castração. Talvez porque a fantasia envolvida crie a imagem de que a castração implique em se perder a cabeça. Ao mesmo tempo em que, perder a cabeça, signifique entregar-se a esse gozo que aniquila o ser. Um gozo de morte. Um gozo-materné).

Ao sair desse lugar onde meu cliente havia me colocado, ele pode se entregar (se submeter) a análise sem o temor fantasístico de que fossemos “perder a cabeça”.

Desde o novo lugar, mostrei-lhe que sou apenas seu parceiro nesta caminhada em direção a travessia da angústia. Angústia para a qual ninguém está “*Sur de la melé*” (a enxaqueca havia desaparecido).

EPÍLOGO

Para a filosofia, dispersão e recolhimento são os dois movimentos encontrados no pensamento humano (e há outro?). Um de expansão e um de retração, do tipo Bang e Crash, na física.

Na psicanálise aprendemos que o mecanismo de repetição tenta infrutuosamente ultrapassar os limites da neurose. Sem frutos, sem usufrutos (sem o gozo esperado).

Logo as metáforas e metonímias da lingüística, ou o deslocamento e a condensação do ID freudiano mostram (ocultam) as falhas do discurso que pretende, ao estabelecer o laço, nomear o objeto perdido (dizer uma verdade impossível).

Quando o discurso se endereça para a escuta analítica, permite ao analista desvendar o lugar do gozo do cliente e agir para fazê-lo perceber a impossibilidade do que busca, podendo assim mudar e diminuir o sofrimento incoerente enquadrado no sintoma (o desejo do outro).

Mudar o lugar do gozo não significa trocar sua orientação afetivo-sexual por outra “melhor” (como muitos promulgam ao comparar heterossexualidade a homossexualidade - como se a genitalidade heterossexual estivesse “Sur de la melé”).

Sair desse gozo narcísico significa adentrar na alteridade.

Neste ensaio que ora apresento e que denominei “O rochedo e a lírca”, tento, fundamentalmente, chamar a atenção para os lugares do analista.

Lugares que devem ser éticos (não estéticos), que podem ser do Juiz, desde que a lei que implante seja justa (sem abuso de poder), do louco que embarca no delírio do cliente, deixando-se levar. Do amante perverso, quase a ponto de cometer o incesto, mas que recua em tempo evitando a loucura do gozo do aberto, ao mudar para o lugar do amigo castrado, etc, etc.

Porém, quando meus clientes gays, lésbicas, travestis ou transexuais contam-me que já procuraram outros analistas e os abandonaram quando estes disseram que “queriam” ajudá-los a “deixarem de ser”, parece-me que os clientes tiveram a suficiente lucidez para escapar, pois, aqueles, iriam enlouquecê-los. Dominá-los pelo desejo deles - os analistas - para que se transformassem em “outra coisa” mais desejável.

Quando ouço profissionais diagnosticarem o que é “perverso”, “psicótico”. “psicopata”, etc., lembro-me da faculdade de medicina, quando tratava-mos de “diabéticos”, “cardiopatas” ou “ulcerosos”, ou, o que é ainda pior, de *leitos*.

Será que falta aos PROPEDEUTAS um pouco de lirismo?

Ou serei eu tão delirante, como um “amigo” analista já me di.

To be or not to be... that is the question!

Publicar um pensamento é colocá-lo no espaço público (o da política, conforme dizem os sociólogos). É submetê-lo a apreciação (e crítica) de “Um Grande Outro da Cultura” - aliás, para quem está sendo escrito.

Mas é política, sobretudo, porque tem remetente.

Se provocar reações, será preciso arcar com as conseqüências.

Dado que a política é o único dispositivo humanitário de que dispomos se pretendemos melhorar o mal-estar desta culture narcísica, como o é a nossa. Se ficamos conformados com a “falta”, esta pode vir a ser a falta de iniciativa (por não dizer, covardia).

O Rochedo, no caso, é este Grande Outro paternalista que nos bawa socialmente. Uma metáfora paterna imperativa.

A lírica, então, será um modo de protestar contra a injustiça do discurso dominante (se há algo em comum entre os oprimidos, é precisamente o lugar discursivo - o lugar do oprimido).

A “pena de Jean Genet” (minha caneta tinteiro) é a espada do perverso, segundo Serge André. Ora, pois que seja!

Se for esse o preço que terá que ser pago por aspirar a um mundo melhor para mim e para os meus semelhantes, pois pague-mo-lo!

Se é isto a perversão, neste exato momento, assumo-me PERVERSO, e por sinal, com muito orgulho.

Identidade masculina: paradoxos na sexualidade 8

Oswaldo M. Rodrigues Jr.*

O estudo da identidade masculina somente foi iniciado recentemente. Com os movimentos feministas deste início de século, a identidade feminina tem relatada, discutida e apresentada em muitos estudos e pesquisas, em especial desde a década de 60.

Propomo-nos a sumariar alguns termos que conduza o leitor a refletir sobre a identidade masculina, em especial associada à sexualidade masculina.

A identidade de gênero deve implicar na identidade pessoal e nos gêneros criados, masculino e feminino.

DO CONCEITO DE GÊNERO

Sorj (1992) refere o conceito de gênero envolvendo duas dimensões. A primeira compreende a idéia que o equipamento biológico sexual inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado masculino.

* Psicólogo e Terapeuta Sexual associado ao Instituto H. Ellis (SP). Diretor de Publicações da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (1995-97).

no e feminino observado na sociedade. Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. A segunda dimensão envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social. Sorj (1992) aponta para a universalidade da categoria de gênero, a qual pressupõe uma experiência comum das mulheres, generalizável a partir da vivência de gênero e coletivamente compartilhada através das culturas e da história. Este seria um elemento central na construção teórica do feminismo.

Machado (1992) citando Gayle Rubin, aponta a idéia de que gênero é uma instauração arbitrária, então podendo desaparecer ou pode ser movediço, mutável e recobrir várias áreas de classificação não somente a de poder. Machado (1992) refere que a constituição simbólica do gênero se faz num contexto social determinado no tempo e no espaço, mas sendo uma categoria universal do pensamento humano (proposição também aceita por Heilborn, 1992), arbitrária atribuindo aos elementos a idéia de masculino, feminino e neutro. A noção de gênero, inscrita no pensamento da Ciência Social, é construída socialmente, sendo sempre instaurada no social, na diferença e na historicidade.

Machado (1992) afirma que a Lingüística permite que se perceba mais claramente o plano da produção simbólica do conceito de gênero. A afirmação da diferença de gênero, coloca um dilema pela Lingüística, Psicanálise e Antropologia: afirmando-se caráter arbitrário (cultural) do gênero, mantinbase a relação de imanência (não arbitrária) com o sexo biológico. Machado refere que Lacan aponta a possibilidade da mulher empiricamente realizar a “função da lei-do-pai” (do poder), instituída pelo fallus, simbolização do pênis, mas não através da simbolização através da vagina e/ou do clitóris; que embora a mulher possa chegar ao fallus (arbitrário entre sexo biológico e *fallus*), consegue-o fazendo-se masculina (função da lei), ou gestando o masculino (o desejo do filho como o desejo do *fallus*); a mulher pode simbolizar a lei, mas a lei continua masculina. O gênero nestas perspectivas sempre gira em torno de um.

Machado (1992) refere que a noção de gênero masculino, através da concepção do fallus (função da lei) como associando ao gênero masculino a concepção de controle e poder da cultura ocidental. Assim Machado afirma que a psicanálise afirma a dupla imanência de sentido: fallus em direção a pênis (biológico) e *fallus* em direção a poder (ocidental), apesar de reconhecer a instauração do arbitrário do *fallus* e da castração na ordem do contrato sócio-simbólico.

Heilbom (1992) refere que a categoria de Gênero foi tomada de empréstimo à gramática, definindo-o como o emprego de desinências diferenciadas para designar indivíduos de sexos diferentes ou ainda sexuais, mas que adquiriu significado de distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos. O gênero é apontado como uma categoria de importância para a pesquisa antropológica, como dado constitutivo da identidade do sujeito de pesquisa.

Heilbom (1992) refere o gênero enquanto constructo abstrato, princípio de classificação emergente da observação do real: diferenciação sexual do reino animal e vegetal. Segundo Héri-tier (1979) o gênero representa a alteridade, descontinuidade.

Heilbom (1992) afirma que os trabalhos brasileiros utilizam a expressão de relações de gênero como definidora de identidade teórica.

Rubin (1975) desenvolveu o conceito de sistemas de sexo-gênero com o intuito de demarcar os dois níveis diferenciais que a condição sexual comporta. Rubin afirma ainda que a teoria marxista não inclui o sexo na análise da realidade, sobrando para Freud e Lévi-Strauss fornecem a resposta através de uma teoria social onde a sexualidade tem o papel dominante. Rubin destaca dois elementos distintos naquilo que outrora se chamava de papéis sexuais, agora referido como gênero: o indicador anatômico e a elaboração cultural.

DO CONCEITO DE IDENTIDADE

Slugoski e Ginsburg (1992) referem a identidade pessoal como um paradoxo: a qualquer momento somos os mesmos, porém diferentes do que acabamos de ser ou das quais poderemos vir a ser. Apontam para vários autores que tentaram resolver este paradoxo: Descartes, Hume, Locke, Kant e Sartre dentre os proeminentes filósofos. Explicar a unidade, continuidade e a percepção de sermos sempre a mesma pessoa é uma das preocupações da filosofia.

Ciampa (1990) refere que “cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais”.

Sawaia (1994) descreve a identidade como entidade catalisadora da utopia do homem livre, a salvação do homem vivente em sociedades massificadoras.

Ciampa (1977, 1986a,b, 1990) nos apresentou o conceito de identidade enquanto metamorfose. Assim, a identidade-metamorfose é um processo através do qual, segundo Ciampa, “descreve a constituição de uma identidade que representa a pessoa e a engendra” (Ciampa, 1990, p. 243). A identidade é uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto uma.

Identidade, além de questão científica, é uma questão política para Ciampa, que busca mostrar o indivíduo como conjunto das relações sociais dentro da História.

A identidade é constituída pelos grupos dos quais se participa. A pergunta “Quem sou eu?” traz em sua resposta a representação da identidade, então estudar identidade implica em analisar o próprio processo de produção da identidade enquanto fenômeno social e não natural. Uma vez que a identidade seja reconhecida numa relação, ela é assumida como produto e não como produção, e para se manter assim, se faz necessária a re-atualização através de rituais sociais, reposição como algo já dado, retirando em consequência, o caráter de historicidade, aproximando-a da noção de mito que prescreve condutas corretas, reproduzindo o social. A reposição da identidade deixa de ser vista como sucessão temporal passando a ser vista como simples manifestação de um ser idêntico a si-mesmo em permanência e estabilidade (Ciampa, 1986, pág. 67). As atividades de indivíduos identificados são normatizadas tendo em vista manter a estrutura social, vale dizer, conserva a identidade produzida, paralisando o processo de identificação pela reposição de identidades pressupostas, que um dia foram postas. A identidade é a representação do estar sendo, onde o ser que se está sendo é uma parcela da humanidade que nega o que se é sem se estar sendo, a humanidade total. “A identidade, que surge como representação do meu estar-sendo, se converte num pressuposto de meu ser (como totalidade), o que *formalmente*, transforma minha identidade concreta (entendida como um *dar-se* numa sucessão temporal) em identidade abstrata, num *dado* atemporal-sempre presente (entendida como identidade pressuposta re-posta)”. “Delta forma eu me represento a outrem, não sendo minha totalidade nem me mostrando “sendo”; *representação*:

- 1 - eu me represento enquanto estou sendo o representante de mim (com uma identidade pressuposta e dada fantasmagoricamente como sempre idêntica);
- 2 - eu represento, em consequência, enquanto desempenho papéis (decorrentes de minhas posições) ocultando outras partes de mim não contidas na minha identidade pressuposta e resposta (caso contrário eu não sou o representante de mim);

3 - eu represento, finalmente. enquanto reponho no presente o que tenho sido, enquanto reitero a apresentação de mim - re-apresentado como o que estou sendo - dado o caráter formalmente atemporal atribuído à minha identidade pressuposta que está sendo repostada, encobrindo o verdadeiro de minha identidade (como uma sucessão do que estou sendo, como devir).” (Ciampa, 1986, pág. 69).

Heilbom (1992) refere que quando se fala da identidade socialmente construída, o discurso antropológico está enfatizando a perspectiva sistêmica que domina o jogo de construção de papéis e identidades para ambos os sexos, retirando a aparência de “natural”, mesmo que o discurso em que se apresente assim o designe.

DA DEFINIÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

A identidade ou papel de gênero é singular e não plural, mas também é bi-dimensional, tal qual uma moeda e seus dois lados. Gênero engloba sexo e eroticismo (Money, 1985).

Money refere que a identidade de gênero é muito mais que o sexo que inclui, muito mais do que apenas o fenótipo ou o critério da genitália externa. A identidade de gênero engloba o status de homem ou mulher, masculino ou feminino (ou misto) no critério de premissas múltiplas pessoais, sociais e legais, incluindo a orientação sexuográfica¹ (Money, 1985).

Embora as atribuições físicas sempre tenham sido usadas para corroborar a identidade de mulher ou de homem, na década de 70 médicos iniciam o discurso que as diferenciações musculares e de distribuição de gordura, esqueleto e cabelos não estão por completo sob domínio genético (Andrade, 1970).

Na década de 70, autores, a exemplo de Hampson (1970) iniciam o discurso de que “o papel genérico do sexo psicológico” parece ser aprendido, ou seja diferenciado por meio de aprendizagem durante o crescimento do indivíduo. O ser humano nasceria neutro no que respeitaria ao conceito de identidade de gênero, no que apontava a diferenciação de postulados psicanalíticos de uma bissexualidade psicológica constitucional inata.

Mas nem tudo segue o mesmo caminho na ciência. Questões políticas, nem sempre racionais e claras, surgem para confundir os rumos ante-

1. Preferência sexual, preferência por objeto sexual.

riormente traçados e desenvolvidos. Associações de funções cerebrais e o sexo genérico tem sido tentadas desde a década de 60, e apontam para mulheres usando mais o hemisfério direito para tratar informações verbais do que o homem, embora com lateralização menor do que no homem (Sonenreich e Bassitt, 1980).

John Money, da Johns Hopkins University, aponta para a função hormonal no desenvolvimento embriológico atuando sobre centros pré-ópticos do hipotálamo na formação biológica da identidade de gênero (Money, 1985, 1990). Autores, médicos, continuaram procurando referências orgânicas nas diferenças entre homens e mulheres para explicarem a identidade de gênero e as preferências sexuais, a exemplo de Swaab e Hofman (1988), anunciando que o núcleo supraquiasmico do hipotálamo era maior em 15 cérebros de homens mortos por AIDS e considerados homossexuais, o que os aproximava das mulheres. Simon Le Vay também divulgou “pesquisas” sobre cérebros de homossexuais, cuja estrutura seria “mais parecida” com as de mulheres (Folha de S. Paulo, 1991)². Esta corrente foi engrossada em 1992, com a divulgação de outros associados ao Departamento de Anatomia e Biologia Celular da Universidade da Califórnia. Laura Allen e Roger Gorski (Folha de S. Paulo, 1992). Ao dissecarem 41 cérebros afirmaram que a comissura anterior, seria mais larga em homossexuais do que em homens heterossexuais.

As explicações para identidade-gênero-objeto sexual-orientação sexual sempre foram tentadas através de contextos biológicos. Um exemplo foi a primeira explicação para homossexualidade foi feita por Ulrichs, em 1864, ao descobrir embriões hermafroditas, como base para a primeira explicação científica da homossexualidade masculina, nominalmente “uma mente de mulher presa num corpo de homem”.

A busca de “provar” que as questões sexuais são causadas pelos componentes biológicos-orgânicos continua pela década de 90. Em 1991, Michael Bailey e Richard Pillard, de universidades americanas, “concluem” que os fatores genéticos com entre 30 e 70% dos fatores da homossexualidade. Isto equiivale tentar dizer que a identidade de um homem depende de fatores genéticos. O estudo (!) de tais americanos comparava gêmeos univitelinos, gêmeos bivitelinos e irmãos adotivos (Folha de S. Paulo, 1991)³.

Rist (1992) considera a apresentação da defesa da homossexualidade genética uma crença inquestionada de que os homossexuais são inerentes diferentes. Co-fundador da *Gay and Lesbian Allince Against*

2. Simon Le Vay, era à época diretor do Instituto para a Educação de Homossexuais e Lésbicas de West Hollywood, na Califórnia, USA.

3. Pillard afirmara à época que a noção de organicidade acabaria com a idéia de homossexualidade ser adquirida, ser uma opção ou um desvio.

Defamation, Rist acredita que tais buscas genéticas da homossexualidade seja fruto de preconceito e da ideologia. Rist lembra que o médico ativista húngaro, de pseudônimo K. M. Kertbeny, que cunhou o termo homossexualidade, referida que esta condição se tratava de “uma propensão inata, e portanto irreprimível”. A proposição claramente política, buscando descriminalizar a homossexualidade, tornava-a “natural”, enquanto inata, o que deveriam conduzir ao respeito às forças da natureza.

Naturalmente muitas contestações passaram a ser efetuadas contra o determinismo genético. Passa a ser uma questão política, da mesma forma que a identidade o é.

A identidade de gênero é autorrevelada aos outros através de palavras e comportamento, e é publicamente conhecida e reconhecida. Porém, as outras pessoas sempre sabem menos do que o indivíduo, cujas evidências são de acesso apenas dele. O gênero somente pode ser certeza para o indivíduo.

DA IDENTIDADE MASCULINA

Story (1981) baseando-se em entrevistas com disfunções sexuais, aponta para a identidade masculina venezuelana: “um homem é “UM MACHO” quando se gaba de possuir o maior número de mulheres, intimamente, sendo que as virgens são mais importantes.

O machismo, segundo Story (1981) uma conduta a mais do organismo humano, compõe-se de dois fatores, complementares:

- os genitais participam da atividade humana em foco;
- fator intelectual, que nos permite selecionar, dirigir as ações com a finalidade de sentirmos satisfação, desfrute de prazer.

O machismo é considerado uma situação de prestígio, vivido pela humanidade há décadas, mas aquele que se considera “MACHO” deveria compreender que é um homem insatisfeito sexualmente, e que tampouco chega ao que deseja a personalidade feminina, a qual é transformada em objeto sexual. Quando um homem tem alguma dificuldade em suas relações sexuais, desenvolve-se um transtorno importante em sua personalidade que o conduz a um estado de angústia, de insegurança, de crise, depressão (incluindo pensamento de suicídio e homossexualidade), diminui o rendimento intelectual e a memória, etc. Há uma neurose depressiva ou agressiva, tornando-os muito irritáveis e de afastamento das relações sexuais pelo “terror do fracasso”.

A psicóloga Maria Cristina Antunes (apud Gentile, 1994) refere-se à genitália masculina como fonte do sentido de poder e força masculinos,

símbolo da masculinidade e da identidade masculina. Antunes referiu pesquisas com adolescentes de baixa renda realizada pelo Núcleo de Estudos para Prevenção da AIDS, da Universidade de São Paulo: ao se solicitar a 400 jovens, de 13 a 20 anos de idade, que modelassem com farinha, água e sal qualquer órgão genital que quisessem, todos os garotos modelaram penis enormes.

Paradoxalmente, o homem, social e genericamente determinado, seguro da própria identidade sexo-genital, distorce-se em sua personalidade, por não conseguir manter os parâmetros rigidamente exigidos pelos pilares mantenedores da identidade sexual masculina. Ao mesmo tempo que a identidade masculina é produzida e mantida pelo ambiente social, esta identidade não se suporta quando caem por terra as condições nas quais estão embasadas a identidade masculina.

A identidade masculina é antes um papel desenvolvido, mas que é assumido como “a” identidade do homem pelo homem. Ao não poder pronunciar-se a expressar-se com os papéis que lhe são exigidos, o homem sente-se despersonalizado, deixando de ser o homem que julga que deva ser.

Podemos entender a identidade de gênero no homem como a identificação de uma pessoa com o gênero masculina, dentre duas possibilidades (masculino ou feminina). A identidade de gênero forma-se a partir do grupo social imediato nos primeiros anos de vida. A identificação produzida por objetivação constrói a identidade de gênero.

A identidade sexual implica num discurso geral do sexo dentro do gênero, e em singularidade. O “eu” liga-se a normas externas. O preenchimento da identidade sexual é subjetiva e sustentada pelo grupo dos iguais. teremos uma infinidade de identidades sexuais masculinas, pois dentro da identidade de gênero, que contém as normas gerais pare a identidade sexual, encontram-se as possibilidades e variabilidade da identidade sexual. A identidade sexual é uma parte da identidade menos pública, sendo a formação mais dependente de construções subjetiva, dependendo mais de si, a menos da relação de gênero homem/mulher.

O homem, para sentir-se “homem”, sentir-se identificado em seu papel identificatório masculina, busca a reposição constante da identidade masculina. Ao buscar a constante reposição desta identidade masculina, o homem nega a variabilidade e a possibilidade de encontrar soluções e saídas para as dificuldades que o homem venha a enfrentar. A crença genérica do homem sobre a causalidade de seu problema sexual ser de origem física, é coerente com a re-posição o constante e continuada da identidade sexual masculina (Rodrigues Jr. e cols., 1992). O corpo é usado como justificativa a única solução para o problema sexual; o homem impossibilita-se em obter soluções para problemas perturbadores de sua identidade masculina devido a constante reposição desta identidade (Rodrigues Jr., 1995).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, R. D. (1970): Sex differences and cultural institutions. In HUDSON, L.: *The ecology of human intelligence*. London: Pinguin.
2. CIAMPA, A. C. (1977): *A identidade social e suas relações com a ideologia*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
3. CIAMPA, A. C. (1986a): Identidade. I. e LANE, S. T. M. e CODO, W. (orgs.): *Psicologia Social, o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª edição, pp. 58-75.
4. CIAMPA, A. C. (1986b): *Identidade: um estudo de Psicologia social sobre a estória do Severino e a história da Severina*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC/SP.
5. CIAMPA, A. C. (1990): *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo, Editora Brasiliense.
6. COSTA, A. O.: BRUSCHINI, C. (orgs.) (1992): *Uma questão de gênero*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.
7. FOLHA DE S. PAULO (1991): Gêmeos homossexuais reforçam tese genética. *Folha de S. Paulo*, 17 de dezembro: caderno Mundo (2):3.
8. FOLHA DE S. PAULO (1992): Homossexual “nasce pronto”, diz estudo. *Folha de S. Paulo*, 72(23176). 15 de setembro: caderno Ciência (1):12.
9. GENTILE, R. (1994): Problema é psicológico-especialistas dizem que tamanho não influi. *Jornal da Tarde*, 30 de setembro de 1994: 10B.
10. HAMPSON, J. L. (1970): Causas determinantes de la orientación sexual. In BEACH, F. A.: *Sexo y conducta*. México: Siglo XXI.
11. HEILBORN, M. L. (1992): Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In COSTA, A. O.: BRUSCHINI, C. (orgs.): *Uma questão de gênero*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.
12. MACHADO, L. Z. (1992): Feminismo, academia e interdisciplinariedade. In COSTA, A. O.: BRUSCHINI, C. (orgs.): *Uma questão de gênero*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.
13. MONEY, J. (1990): Homossexual/heterossexual gender research: from sin to science to secret police. In BIANCO, F. J. e HERNANDEZ-SERRANO, R. (ed.): *Sexology as an independent field*. Caracas: Elsevier Science Publishers.
14. MONEY, J. (1985): History, theory and usage of the term. In *Sexology and its relationship to nature/nurture. Journal of Sex and Marital Therapy*, 11:71-9.
15. RITS, D. Y. (1992): Ativista contesta teoria do homossexualismo genético. *Folha de S. Paulo*, 18 de outubro: caderno Ciência (6):12.
16. RODRIGUES JR., O. M.; SARTORI, M.: COSTA, M. (1992): Disfunção erétil secundária: aceitação de tratamento e determinação de etiologia pelo paciente. *Revista Brasileira*, RODRIGUES JR., O. M. (1995): *Psicologia e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Medsi.
17. SAWAIA, B. B. (1994): Identidade é figura central do final do século XX. In MAHEIRE, K.: *Agenor no mundo - um estudo psicossocial da identidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas (Coleção Teses).
18. SLUGOSKI, B. R.; GINSBURG, G. P (1992): Ego identity and explanatory speech. In SHOTTER, J.; GERGEN, K. J. (ed.): *Texts of identity*. London: Sage Publications. 3ª reimpressão.

19. SONENREICH, C.; BASSITT, W (1980): *Sexualidade a repressão sexual*. São Paulo: Editora Manole.
20. SORJ, B. (1992): O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (orgs.): *uma Questão de gênero*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.
21. STORY, L. A. (1981): El machismo y la sexualidad masculina. In HERNANDEZ-SERRANO, R. e PARRA-COLMENAREZ, A. (eds.): *IV Simposium internacional sexualidad en el impedido*. Caracas: Colégio Médico del Edo Miranda.
22. SWAAB, D. F.; HOFMAN, M. A. (1988): Sexual differentiation of the human hypothalamus: ontogeny of the sexually dimorphic nucleons of the preoptic area. *Developmental Brain Research*, 44:314-8.
23. ULRICH, K. H. (1864): *Forschungen ueber das Rathsel der mannmaennlichen Liebe* (questionamento sobre o enigma do amor de homem para homem). Vol. 2. Leipzig: Selbstverlag der Verfassers.

Prostituição masculina - as alternativas de uma política sexual: uma abordagem semiótica¹ **9**

Wilton Garcia²

Se procurar bem, você acaba encontrando não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida.

Carlos Drummond de Andrade

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal refletir, sob uma perspectiva semiótica, algumas questões que perpassam a prostituição masculina na cidade de São Paulo, tendo em vista uma gama de elementos que permeiam este Ser/Objeto. Tal estudo baseia-se nas semióticas aplicadas, utilizando-se dos códigos intersemióticos que possibilitam destacar fragmentos intertextuais, como por exemplo: “garoto de programa”, bem como

1. Este trabalho contou com a colaboração da socióloga Rosana Rosa. Mestrando do Programa de Pós-graduação de Psicologia Social da PUC/SP.

2. Wilton Garcia é mestrando em Imagem e Som pela Eca/USP; bolsista Fapesp; integrante do grupo ETC&TAL e integrante da Comissão Coordenadora do Núcleo de Estudos das Relações de Gêneros nas Minorias Sexuais, da SBRASH.

os mais derivados segmentos que ampliam uma discussão acerca da prostituição masculina, dentro do mercado do sexo. Um *Flâneur/Vover*³ observador/observado, absorvidor/absorvido na metrópole.

Onde se instaura a relação *michê/cliente*? Muitas são as indagações a esse respeito. As relações no mercado do sexo, entre o prostituto e o cliente, ocorrem através do ponto de vista de critérios avaliados por ambas as partes, pode-se dizer uma reverberação de espelhos. Desta forma, esses critérios visam uma leitura do produto a ser negociado, gerando confrontos na hora da oferta/procura, bem como o desfecho do encontro. Aventura, sexo, dinheiro, poder e sedução, são elementos que intercambeiam entre este emaranhado comércio do corpo “macho”. Em suma, a natureza humana traz consigo, em sua raiz, uma série de questões críticas à respeito desta troca simbólica com outro. As diferentes possibilidades de circulação comercial ampliar a discussão desta evolução sexual, em que a imagem do preservativo aparece como uma solução que evidencia, mais ainda, o distanciamento entre dois corpos. Diante disso, o preservativo funciona como um utilitário da desvinculação de qualquer compromisso, ou seja, elimina o contato da genitália no inconsciente.

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

A intertextualidade de signos, que podemos considerar junto ao contexto da prostituição masculina, reflete uma hibridação de códigos intersemióticos que propõem a intercambialidade de fatos, e consequentemente, aos poucos, vão tecendo um variado perfil deste grupo.

A pesquisa de campo ocorreu de uma maneira um tanto quanto irregular, tendo em vista a grande abrangência do mercado sexual na cidade de São Paulo. Através de intervenções (que culminaram em algumas entrevistas, conversas e bate-papos) pode-se constatar categorias que revelam alguns traços expressivos nos *michês*. Realizou-se, ainda, observações e contatos em saunas especializadas (04 saunas); como também, foram realizadas algumas tentativas de contatos com “garotos de programas” que trabalham por telefone, anunciados em jornais; além de algumas interferências com “boys de rua” (encontrados normalmente à noite, na rua do Arouche, avenida São Luiz e Trianon); por último, foram contactados alguns “garotos digitais”, que já começam a aparecer nas redes de computação (informática).

3. Ver BAUDELAIRE. Charles. *O homem na multidão*.

Partindo de uma distinção deste grupo, em suas partes, conforme descritas acima, pôde-se perceber um leque de variedades entre os mais diferentes tipos de experimentos da percepção, tais como:

- 1) Os “boys de rua” trabalham com um tipo de vestuários que apresenta as forma volumosas do corpo. Ondas marcadas do corpo (costas, coxas e pênis), pelas roupas dos *michês*, implicando no desejo do cliente que translada pelas ruas da metrópole. Nesse instante o vestuário deve estar bem expressado, pois a sedução está diretamente incorporada nas vestimentas;
- 2) Os “garotos de sauna” trabalham o Apolíneo. O corpo, normalmente, é utilizado como elemento de sedução, portanto o físico, i.é, a imagem corporal está exposta como uma extensão artificial da fala. Neste sentido, a visualidade produz um encantamento eficaz. Assim, o pênis argumenta como sendo um outro corpo, um outro objeto que também deve estar explicitamente demonstrado;
- 3) Para os “garotos do telefone”, a voz será utilizada como elemento radicalizador de efeito, ou seja, a sedução funciona a partir da expressividade fonética (tom, timbre, volume, entre outros), além de qualidade conteudística dos termos. Portanto, julga-se necessário um grau maior de escolaridade, bem como a manutenção das despesas de telefone, anúncio na imprensa escrita, culminando numa tabela de preço mais elevada;
- 4) Por fim, os “garotos digitais” estão inseridos na rede de computação, desenvolvendo um trabalho de sedução através da escrita. O dinamismo da apresentação do texto escrito aponta para a significação de metáforas sedutoras, formuladas a partir das propostas surgidas no video-monitor do computador. Pode-se considerar, então, que o nível do discurso apresenta uma maior elaboração com relação aos demais descritos anteriormente.

O MERCADO DO SEXO

Existem três crises que normatizam as relações no mercado da prostituição masculina. São elas: *Crise de Identidade, Crise Social e Crise Econômica*.

4. Aqui faz-se referência ao culto do corpo praticado pelos gregos.

A *Crise de Identidade* incorpora todo o discurso da sexualidade, em que tenta estabelecer o gênero do *michê*. Heterossexual, bissexual, homossexual são termos que presentificam o questionamento a cerca dos garotos. Por outro lado, não há questionamentos quanto a figura do usuário - o cliente. O qual aparece como “espectador noturno” para solicitar a prestação de serviço do *boy*.

A *Crise Social* está inserida no discurso sedimentar do ato sexual, comercializado como uma profissão. Cabe-nos aqui perguntar: o que você faria ao saber que alguém do seu círculo de relações exercesse essa profissão? Por outro lado, como você reagiria ao saber que alguém de seu círculo de relações utiliza este serviço de prostituição? Portanto, há um certo vínculo que perpassa as questões sociais, e que englobam a participação do sujeito e do outro. É correto afirmar, então, essas representações são acompanhadas de valores estabelecidos socialmente.

A *Crise Econômica* está vinculada como justificativa para o exercício pleno desta profissão. O crescente número de desempregados, cria, por outro lado, novas fontes informais de obter capital. Assim, o mercado da prostituição masculina não está alheio a essa realidade. Ou seja, existe a lei da oferta e da procura que circunscreve esse mercado na ótica capitalista. Seguindo esses ditames, cabe no mercado de negócio empenhar-se na luta pela competitividade, nesse caso, a sexual.

Dentre essas crises perpassa uma abordagem acerca do contexto dos garotos de programa e seus clientes inseridos num lugar⁵. A fala desse discurso, tanto do garoto quanto do cliente, traz a especularidade da aventura, bem como a contemplação do prazer. Um *Flâneur*, um *Voyer - personagens* de uma condição social pautada no olhar contemplativo, estendendo-se exercício pleno que estabelece a comunicação. E, conseqüentemente uma troca simbólica situada num tempo/espaço.

Pode-se afirmar que, o Desejo torna-se público quando encontra-se exposto em relação a “um outro qualquer”⁶. Noutro modo, seria a perda da individualidade, quando esse Desejo vincula-se à exposição do prazer, conforme um certo contrato que dita as regras a serem imbricadas no ato sexual.

Nesse contrato há pontos que são rigorosamente discutido, analisados e deferidos conforme interesse de ambas as partes, tanto do prestador de serviço quanto do usuário. De fato, o beijo, como um bom exemplo, traz

5. Lugar do discurso, segundo uma perspectiva da Psicanálise Lacaniana.

6. Considero que na medida que um cliente procura um *michê*, ou mesmo este se exhibe para atrair alguém de fato há um certo descomprometimento em ter seu Desejo privado.

consigo o conteúdo simbólico da paixão, sendo assim, geralmente, não deve ser colocado em aceitação pelo contratado. Existe uma tentativa de não-vinculação, por parte dos garotos de programas, que não têm objetivo de permanecer com alguém. Contudo, o beijo é o limite do prostituto, uma reificação do corpo. Corpo este utilizado como objeto distinto do pênis que funciona como objeto-outro, à parte.

Nesse movimento de trocas, toques e sedução fica difícil estabelecer um código único e exclusivo para denominar o perfil deste profissional. O *michê*, talvez, se sente na obrigação de provocar o gozo no outro. Agora, se isso é o seu próprio Desejo ou até mesmo a sua Perversidade, isso é uma longa história pois no desfrute dessa oportunidade de estar com o outro, este ato implica um gasto de ambas as partes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANGARANI, Tânia. *Garotos de programa*. In *Revista Nova*, nº 26, junho/1995.
2. BAUDELAIRE. Charles. *O homem na multidão*.
3. COSTA, Jurandir Freire. *A construção cultural da diferença dos sexos*. In *Sexualidade - gênero e sociedade*, ano 2, nº 3, junho/1995.
4. PAMPLONA, Gleides. *Prostituição - garotos de programa*. In *Revista Isto É*, nº 1312, 23/novembro/1994.
5. ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. Cia das letras, São Paulo, 1992.

As químicas do amor 10

Arnaldo Dominguez*

*“A luxúria em ação é alma dissipada
em gosto vergonhoso, e até passar à ação
ela perjura e mata, é bárbara e culpada,
rude, extrema, sangrenta e cheia de traição;
relegada ao desprezo assim que possuída;
buscada além do juízo e, assim que desfrutada,
acima da razão odiada: isca engolida,
só para enlouquecer o engolidor amado;
insana ao perseguir e assim na possessão,
extrema ao ter depois de ter e quando à espera
bênção na prova, mas provada, uma aflição,
antes uma alegria, após, uma quimera:
tudo isso o mundo sabe, embora saiba mal
como evitar o céu que leva a inferno tal”*

* Médico. Especialista em Psicanálise. Coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Minorias Sexuais

O tapete do consultório tem inspirado metáforas por diversas vezes, por um lado para ocultar e por outro, revelar, os secretos metabolismos de aquelas químicas que poderia chamar: do amor (evito aqui, o termo "humano", pois parece-me um pleonasma. O amor, a sexualidade, enfim, a linguagem, são sempre: humanos).

*“Que duro jornadaear é o meu por esta estrada
Quando o que busco, o fim para que ansioso sigo,
faz que me diga a calma e a paz sempre sonhada:
quantas milhas está longe o meu amigo”*

Estes trechos escolhidos de sonetos escritos por W. Shakespeare, a que utilizo, se quiserem, como prólogo, são ilustrativos por si sós para os fins que procuro neste ensaio (a arte ilustra *per-se*).

Trata-se, em primeira instância, de levantar o tapete para desvendar os enigmas que aprisionam aos clientes a rituais de acasalamento (muitas vezes verdadeiras “atuações” do inconsciente), fundamentalmente quando estes, *a posteriori*, os atormentam com angústias e culpas incorporadas a partir do desejo do Outro, através de construções morais do sagrado e do profano, postuladas pelos discursos dominadores (talvez aqui faça algum sentido a idéia de Gerard Pommier a respeito do monoteísmo, que citarei mais adiante).

Na minha atuação psicanalítica observo com freqüência, que o tapete representa a autodenominação outorgada (valha a ambigüidade da expressão) às “identidades sexuais” dos indivíduos sociais, sob o qual esconde-se o “duro jornadaear por esta estrada” cujo propósito de “calma e paz” parece apontar à dimensão do encontro desse “amigo” tão distante. Esse objeto perdido. Ou como disse-me um dos clientes, “esse quebra-cabeça que veio com uma peça a menos”. É claro que é esta a peça procurada (se não fosse de algum modo conhecida. não se saberia que está faltando).

Peça-causa-do-desejo, uma verdade incognoscível, um mistério, é esse “objeto-outro”. O amor -célebre informal -é também, uma metáfora de uma verdade impossível de ser dita para o outro com o qual se faz o laço.

Não é possível, portanto, uma objetividade ou uma tal genitalidade normal, capazes de resolver esta questão (perdoem-me os positivistas das teorias evolutivas, mas em princípio, penso que toda fantasia é perversa, pois trata-se de uma ilusão). A da plena e absoluta satisfação do desejo. A paz, que provavelmente só se consegue ao descansar em paz. Nunca antes! (talvez isto justifique a assertativa de Serge André a respeito do perverso que procura a morte). Este desejo perverso já era discutido por Freud, por exemplo, no “mais além do princípio do prazer”.

Não quero me centrar na contra-argumentação aos conceitos de aqueles autores que continuam a situar a “homossexualidade” no capítulo das perversões pois, do mesmo modo que Jurandir Freire Costa (guardan-

do as devidas proporções), resulta-me desanimador debater com interlocutores contaminados pelas ladainhas dos discursos iluministas, logo, obsoletos e caducos, encapados por falsos moralismos de um suposto-saber de maestria, colocando-se no lugar dos legisladores em prol de um bem supremo.

Sabemos que na clínica, todos os clientes sofrem independentemente da genitália do objeto amado.

Não gostaria, todavia, banalizar o pesar acrescentado aos excluídos do discurso da norma, precisamente por que esta exclusão fóbica a que encontram-se submetidos, subtraí-lhes, mais ainda, o direito de amar e de procurar a felicidade, uma vez desalienados do desejo do Outro.

*“Também o jogador é prisioneiro / de outro tabuleiro,
de negras noites / e de brancos dias.
Deus move o jogador / e este, a peça
Que Deus, detrás de Deus / a trama impeça ?
de pó e tempo e sonho e agonia... “*

Jorge L. Borges

Concordando com o Convencionalismo Moderado de Duhem (1861-1916), sem cair em idealismos neo-positivistas, entendo que a Ciência tem reconhecidamente o caráter de convenção, mas onde isto não afeta o seu valor enquanto conhecimento objetivo. Pois como a natureza não pára de produzir e o humano não cessa de compreender, a teoria científica pretende formular, de maneira mais simples e concisa, representações dessa realidade para o acesso à mente humana.

A neutralidade do cientista ou do clínico é, basicamente, impossível.

Não há como se alcançar o ideal das posturas, ética ou *emica*. Por isso é necessário o incessante reconhecimento dos preconceitos e das apologias.

O que não significa que duas hipóteses incompatíveis possam conviver (como a teoria corpuscular e a teoria ondulatória da luz). Uma vez que sua validade deverá ser vista, como propõe Duhem, pela possibilidade de sua aplicação no conjunto das teorias aceitas nessa época, e não pela experimentação com aquela hipótese isolada buscando comprová-la ou negá-la de modo irrefutável e inequívoco.

A ciência não pode ser uma paralisação do espírito, como disse Bergson (1859-1941), visando a objetividade, ou seja, visando a percepção para fins utilitários de ação na realidade.

Poincaré (1854-1912) reconhece que não há a possibilidade de conhecer nada, mas como somos obrigados a agir, é necessário estabelecer algumas normas convencionais, que não tem o caráter de verdade em relação a outras regras, mas sim de normas de ação através das quais é possível obter êxito quando comparadas com essas outras regras.

Qual é o êxito esperado pela psicanálise, por exemplo?

No meu caso particular, o desejo de analisar destina-se a criar uma parceria com os clientes, e assim levá-los ao encontro com a angústia do ponto de partida, para que possam resolvê-la, através de uma melhor saída que a do medo, da conversão, da atuação, do deslocamento, da projeção, etc.

Então, o analisando, poderá engajar-se no discurso, como um sujeito do ato, do desejo e do prazer. Castrado, sim, mas com dignidade.

Melhor ainda se for como ressalta o nome do grupo de militância que foi montado pelos nossos clientes: CORSA. E que significa: cidadania, orgulho, respeito, solidariedade e amor.

Pois bem, feitas estas considerações, creio que posso começar a elaborar questionamentos, porque situo-me na posição da dúvida, para refletir, isto é, formular pensamentos que se pensam a si mesmos. De início, já pergunto: Que entendo por “Minorias Sexuais”?

Estou me propondo a estudar as relações de Gênero existentes nesta categorização, e esta ainda me resulta arbitrária!

Tratar-se-ia de um conceito sociológico, antropológico, filosófico ou psicanalítico?

Como faltam-me conhecimentos, vou ter que pedir a ajuda da equipe (para tal, congregamo-nos num Núcleo de Estudos).

De minha modesta contribuição, arrisco-me a sugerir: as Minorias Sexuais são as diversas partículas que constroem o EU, pensado como um Eu Sexual. Como sendo uma MÔNADA, tais partículas. Cada um dos seres indivisíveis, porém, de natureza distinta, que segundo o sistema de Leibniz (1646-1716) compõe o Universo (este filósofo e matemático alemão, criou o conceito do cálculo infinitesimal).

Logo, representariam fragmentos impossíveis de serem unificados caso quiséssemos construir uma “totalidade”. A totalidade é tão só um Falo imaginário, que segundo Lacan, encontrar-se-ia no núcleo vazio de EU do sujeito.

O NÚCLEO NARCÍSICO

“Quando alguém pensa que o narcisismo é amar a si mesmo, ele dá uma definição geral, boa, que até um leigo aceitaria. Mas em psicanálise, amar a si mesmo não é o narcisismo. O narcisismo, estritamente falando, e mais precisamente o narcisismo secundário, não é amar a si mesmo, é amar a si mesmo através das imagens, como amo meu sexo. Mas o si que amo não é meu membro sexual, o si que amo é o “eu sexual”. O narcisismo secundário é amar a si mesmo através das imagens, amar a si mesmo como amo meu sexo, amar a si mesmo entendendo que o si mesmo é o sexo. Porque o eu, aí, está identificado com o sexo. Claro, teríamos que definir o que é sexo”.

Mas isto é uma tarefa muito complexa, como a de definir o que são as ditas “Minorias Sexuais” a não ser que me baseie em conceitos que levam em consideração as oportunidades sociais e a questão da VISIBILIDADE, sendo esta o valor ético fundamental se destinada à liberdade humana, que é da ordem do público, portanto inscrito no campo da política.

Vou, por ora, contentar-me em falar de desejo, pois é o “sujeito do desejo” que está em pauta, e o “objeto desejado”, evidentemente.

“Qualquer objeto pode, em princípio, desencadear o movimento do desejo, a curva de um ombro ou um pedaço de borracha, o cabelo ou o pé, o outro sexo, mas também o próprio, podem, conforme os corpos, evocar o prazer (...)

Diferentemente, necessariamente, da diferença que reaviva como prazer de zona, o objeto deve ser concebido como elemento estranho ao corpo que ele excita (...) O objeto é fundamentalmente o outro corpo cujo encontro atualiza ou torna sensível a dimensão essencial da separação. Mas esta separação do entre-dois-corpos através da qual se revela o modelo primordial da alteridade não basta para explicar o fato de que o objeto apareça na prática, não somente como outro corpo-em sua coerência ou em sua unidade orgânica - mas muito mais freqüentemente como um pedaço por sua vez desprendido ou caído do conjunto (...) Vê-se que assim como qualquer parte do corpo é uma zona erógena- portanto uma “letra “ em potência - paralelamente qualquer parte do corpo pode se tornar objeto (...) Essa relação - entre a letra e o objeto - surge como um modelo daquela que constitui a relação sexual propriamente dita”.

“(...) O corpo é o primeiro livro em que se inscreve o rastro antes que seja, como traço, abstrato, e desde então dotado de sua essencial propriedade de poder ser repetido semelhante a si mesmo, ou quase, em sua elementar materialidade (materialidade abstrata), que faz aparecer a necessária referência ao objeto. por conseguinte, ao corpo (...)

(...) A função subjetiva surge como algo que parece suportar ou suscitar o desvanecimento do prazer, ao mesmo tempo em que, por seu privilégio, oculta a anulação do gozo. Não há sujeito concebível a não ser nessa relação de anulação com o gozo e não se pode falar de gozo fora dessa relação de oscilação com o sujeito assim evocado. Ninguém pode dizer “eu gozo” sem se referir a um abuso intrínseco à linüagem, ao instante do prazer passado ou futuro - instante esse em que precisamente toda possibilidade de dizer se desvanece.”

A dialética do corpo em análise

11

Arnaldo Dominguez*

“Ver algo a captar propriamente com o olhar aquilo que se vê são duas coisas diferentes”.

Heidegger - O princípio da razão

Este corpo que me significa através do que fala e por intermédio do que faz, pensa e registra das sensações que o habitam.

Este corpo que fez, fala e pensa: sente. E se expressa percorrendo os caminhos que conduzem ao gozo-suposto. Pois uma parte deste corpo, o quer. Enquanto outra presente de algum modo sua impossibilidade.

* O autor é médico formado em 1979 pela Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, residente no Brasil desde 1932, fez especialização em Pneumologia, Eletrocardiografia, Geriatria e Gerontologia, Gerontologia Social, Medicina Psicossomática, Sexualidade Humana e Psicanálise, com leituras, supervisão e análise, segundo as teorias de Freud e Lacan. Atualmente é coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Minorias Sexuais, na Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana. Este núcleo faz parte do projeto: *Etcetera e Tal...* que inclui grupos de homoerotismo e psicanálise, grupos de reflexão sobre homoerotismo e grupos e militância dentro do Movimento Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis.

Este corpo desejante que se constitui nas imagens das percepções oriundas do íntimo e do extímo: trata-se de um corpo histórico, obsessivo, fóbico, perverso, hipocondríaco a concêntrico a um núcleo psicótico.

Este corpo que é normal quando se sociabiliza ao reconhecer o outro com seu corpo desejante, psicotiza quando funde-se apaixonado no memento impreciso em que um brilho ilumina-lhe o ponto de fascinação.¹

Então este corpo se estremece e se perde das razões que lhe davam sustento como tal, e precipitasse em instantes ao reencontro como que está perdido para sempre. E no mesmo memento intensamente a ameaça da perda reaparece e perante tal perspectiva, este corpo se defende, resiste e sofre.

Sofre pois revela-se a incompletude. Revela-se na pele que se transforma envelhecendo conforme a pressa da pós-modernidade.

E o corpo sai correndo atrás da imagem como o cachorro o faz do próprio rabo.

E dói. Na matéria e na alma, sendo que raramente sabe-se distinguir a procedência da dor. E duando insuportável, leva-o ao médico ou ao analista para que “eu” lhes pergunte: afinal, quem sou?

Como se eles soubessem!

Este corpo erotizado, apaixonado, examinado, analisado, finalmente se depara com o luta da irremediável perda.

E assim começa o inquérito do corpo. Que sai à caça de respostas.

Só que se nesta ocasião (como em outras), alguém lhe dá respostas, instala um problema. Pois então o “certifica”, oficializa a patenteia com um nome que o despacha à busca da “identidade”. Quando não o trata para “deixar de ser” e passar a ser aquilo que é “o melhor”.

O melhor para quem?

Ora, para o Outro. Mas, que Outro?

Um Outro que sabe. Um Mestre!

O analista ou o médico? Bom, se porventura algum analista pensa que sabe o que é “o melhor” para seu cliente, parece-me que estará tentando dominá-lo para que se torne “normal” mediante a “submissão”.

O que transforma o analista em sádico construtor de Eu-cracias evolutivas da libido em busca do “bem supremo platônico ou aristotélico”. Uma espécie de legislador das terapêuticas normatizantes.

Não, isso é perversa! O discurso do analista é exatamente o oposto.

1. A fascinação é uma experiência limite porque se produz no limite do imaginário. O Eu já não é eu porque lhe faltam as imagens em que ele se reconhece. Todo o mundo imaginário desaparece. Não há mais reconhecimento. E no entanto, simultaneamente, o eu é mais eu do que nunca porque se dá e se mostra em sua essência radical de ser ele, essencialmente, uma imagem sexual, um falo imaginário. É aí que somos fascinados, e é aí que ficamos engeguicados. E é nessas condições que ficamos engeguicados. E é nessas condições que surge o olhar.

É o da escuta que olha as palavras deste “corpo-analisando” que desprende-se da biologia, cindido entre a forma e o conteúdo, entre o discurso da poesia retórica e a verdade da ciência. Entre a beleza da vida e o real do buraco negro que angustia.

O analista recria as condições para que o corpo possa assim descobrir que já não mais se significa. O significado lhe escapa.

Logo, as fardas que o corpo ostenta, de repente o fazem sentir-se “travestido como uma Drag-Queen qualquer. E o eu já não é mais o eu.

Surge a dúvida cartesiana diante do retorno transexual a nossa androgimía embrionária.

A metade perdida dos amantes de Aristófanes, perdesse na sombra de Jung. E o hífen que separa o sagrado do profano se perfura, assomando-se no orifício um resquício “perverso-polimorfo”.

Tal resquício denuncia a mentira da aparência do que sou.

E voltasse ao cachorro e a seu rabo. Com uma diferença. O cachorro não tem a menor idéia a este respeito. Ele simplesmente sabe.

Este “meu corpo”, não. Portanto, se pôs a falar na tentativa de nomear o objeto-gozo-suposto. Mas quando chega perto, prestes a tocá-lo, deparasse com a ruptura objetal do hífen.

E o corpo percebe o engano que o impulsionava a ser hermafrodita. Compreendo que o hermafroditismo nunca pode ser “verdadeiro”. E a perda secundária o retorna ao luto original.

O corpo que acreditava que na análise iria se recompor... está totalmente fragmentado, transformado, sob esta ótica, em “Minorias Sexuais”.

Vocês perguntarão: E o que sobra’?

Pois eu lhes digo: sobra o gozo do corpo que é o gozar da vida. Se for como sujeito do ato, do desejo e do prazer já é muitíssimo.

Sobra um corpo imaginário que se libertou dos sintomas neuróticos ou da atuação psicossomática. Entendendo por tal, aquela realidade enquistada no órgão com grande insensatez. E assim adquire um sentido simbólico ganhando idéias novas para resignificar-se.

Incorporada a separação, o acasalamento deste corpo não será mais a fusão de dois seres idênticos, como no mergulho de Narciso no lago.

A língua que sem palavra era morta, põe-se a falar, respeitando agora as regras de linguagem. Mas após ter construído uma nova ética da enunciação. Uma ética abrangente que desfaz o engano do ser que era: a

2. Olhar-se no espelho é descobrir a mentira do corpo em relação a imagem. Esse que vejo no espelho não sou Eu. O Eu é um ser sexual”. J. Lacan.

3. “O objeto é fundamentalmente o outro corpo cujo encontro atualiza ou torna sensível a dimensão essencial da separação”. J. Lacan.

falta de ser. E a seguir, a libido atravessa o borde corporal, se descorporificando ao separar-se do corpo poderoso (falo). Desligando-se do aspecto psicossomático que simbolizava o Desejo Materno. Como assim?

Bom, todos os sintomas incluindo os das sexualidades, são metáforas de uma verdade impossível de ser dita para o outro (mãe) que exige uma resposta para ter preenchido o seu vazio de ser. Claro que uma resposta eleva o corpo à condição de objeto do desejo do outro (de mamãe) e o narcisismo, ao extremo. Isto é o falo. Espera-se que o sujeito da linguagem, desalienado após ter endereçado seu sintoma para a análise, se encaminhe em direção a angústia original, o ponto de partida da neurose. Podendo agora, encontrar novas e mais eficazes saídas.

E as arcaicas identidades de homem ou mulher desvanecer-se-ão pelo próprio efeito do discurso, recuperando o corpo, a identidade de ser sexuado.

Heterossexual ou homossexual passam a ser, de tal sorte, apenas categorias sócio-políticas que reivindicam seus direitos humanos.

E o Eu, um ser sexual. Melhor preparado para aceitar a recusa à separação dos corpos, que levava a alucinação de ser um só corpo, uma só psique. Um hermafrodita.

A construção estética da libido estará reconstruída na ética de saber o objeto perdido para sempre.

FRAGMENTOS DE UM DISCURSO AMOROSO

Negociações sexuais nas experiências homoeróticas da vertente masculina.

Pesquisa qualitativa

Descreva, com a menor censura possível, o conteúdo de suas fantasias eróticas e, por outro lado, de suas práticas sexuais, incluindo como nelas se dá a negociação do tipo de prazer (ativo/passivo; penetrado/penetrador, etc.).

(Identifique-se apenas colocando a idade, escolaridade e formação religiosa. Solicita-se o favor de utilizar letra legível e enviar para o endereço acima).

Roland Barthes, em seu “Fragmentos de um discurso amoroso”, perguntava-se:

“Eis um grande enigma do qual nunca terei solução. Por que desejo esse”? Por que o desejo por tanto tempo, languidamente?

É ele inteiro que desejo (uma silhueta, uma forma, uma aparência)? Ou é apenas uma parte de seu corpo'? E nesse caso, o que nesse corpo amado, tem tendência de fetiche em mim? Que porção, talvez incrivelmente pequena, que acidente?

“A alma é uma coleção de belos quadros adormecidos”. diz Rubem Alves, “os seus rostos envolvidos pela sombra. Sua beleza é triste e nostálgica porque, sendo moradores da alma, sonhos, eles não existem no lado de fora.

Veza por outra, defrontamo-nos com um rosto (ou sera apenas uma voz, ou uma maneira de olhar, ou um jeito da mão...) que sem razões, faz a bela cena acordar. E sornos possuídos pela certeza de que este rosto que os olhos contemplam, é o mesmo que, no quadro, está escondido pela sombra. O corpo estremece. Está apaixonado”.

Para ocupar-me do corpo apaixonado situado dentro das “Minorias Sexuais”, fiz um recorte com fins pragmáticos, isolando como objeto de estudo o significante constituído pelos homens que amam outros homens, que representam grande parte da minha clientela. Trabalhei também num debate do Grupo Pela Vida, de São Paulo e numa reunião do Grupo Arco íris, do Rio de Janeiro.

Distribuí questionários contendo a pergunta citada. para cuja elaboração inspirei-me num amigo de vários anos atrás, com quem costumava sair nos finais de semana, ambos solteiros, à procura de amor.

No percurso até a boate de moda (que já não existe mais: a Corintho), ele exprimia o desejo de conhecer um homem másculo, viril, rude, etc- algo assim como um “macho-masculino”, supunha eu.

O meu amigo imaginava entregar-se a este homem, sendo para ele uma espécie de “mulher-submissa”. Entretanto, o que mais despertava-me a curiosidade era o fato de, quando ele conquistava finalmente algum rapaz, este representara invariavelmente, o estereótipo oposto. Meus insignificantes conhecimentos de psicanálise da época não me permitiam compreender a dinâmica que envolvia-se nesta atitude. Psicologismos aparte, percebia, isto sim, os preconceitos que aprisionavam meu amigo e que lhe impossibilitavam de sustentar um vínculo afetivo duradouro, ao envergonhar-se dos parceiros habituais, por serem negros, pobres, etc., mas e, fundamentalmente, “desmunhecados”, sendo isto o que denunciava ao público o homoerotismo de ambos.

Quando Serge André questiona “O que realmente pode querer dizer ‘ser homem’ e não ser em relação à mulher’?” e logo depois afirma “(...) para o homossexual a virilidade não se define em relação à mulher. mas em relação à morte e a lei”, ou quando Gerard Pommier refere: “(...) é como se o vínculo homossexual masculino - que nasce na dependência de um poder paterno inominável e angustiante - tivesse que permanecer associado a uma

certa forma de repressão, ou por ser preciso sofrê-la ou por ser preciso exercê-la. Assim, a homossexualidade masculina ocupa um lugar desviante desde a aurora de nossa civilização (...)", e acrescenta que a forma de ligação homossexual só começou a se exercer a partir do advento do monoteísmo. E até quando Ser e Leclair escreve: "Para o homossexual masculino cujo objeto é o pênis, sua identidade contestada, surgida em circunstâncias diversas, parece referir-se ao pai, ou mais precisamente ainda, a seu nome: "Não é ele". A nossa "reconstrução" corresponde a eleição do objeto-pênis, como substituto do "nome do pai" e sustentáculo do desejo. De maneira mais oeral ainda aparece claramente que, nas evoluções ditas normais, a determinação do objeto sexual participa desse processo. Assim para o homem, a atração eletiva por certo tipo de corpo feminino implica sempre, mais ou menos, um: "Não é ela minha mãe", como modo de reconhecimento da relação incestuosa, da mesma maneira que, para uma mulher, o homem como objeto sexual resulta, sem dúvida, de um: "Não é ele meu pai".

Todos parecem, além de, mais uma vez, esquecer a Lésbica, excluindo-a, concordar com a idéia de um terceiro sexo, ou, que seja, de um terceiro gênero, determinado a partir das relações objetais, como se tais fossem, efetivamente, constitutivas da identidade do sujeito, sem levar em consideração as vicissitudes da sexualidade humana ou, a possibilidade desta identidade, construir-se como defesa sexual contra a sexualidade, que é aquilo que aparece ao levantarmos o tapete metafórico do consultório.

Em definitiva, o que quer um homossexual masculino?

Bom. Como considero que homossexual é um verbo, um ato, e não um adjetivo, voltamos a velha questão freudiana, a respeito da mulher.

Se fosse um adjetivo qualificativo do indivíduo, custa pouco perguntar. Com tal propósito (e sem grandes entusiasmos, a não ser o de brincar de pesquisador), foi exatamente o que fiz.

E obtive as seguintes respostas: (selecionadas e resumidas)

"No primeiro encontro não gosto que haja penetração".

"Será que é preciso negociar o prazer".

"O importante é estar trepando com alguém que tenha pau".

"Minha prática é limitada".

"Sou ativo e passivo. Eu prefiro penetrar primeiro e depois que me penetrem. Mas posso reconsiderar".

"Dou mais valor ao afeto".

"Imponho regras de quase assepsia".

"Gosto de um homem bem limpo e discreto".

Observe que as fantasias não são levadas à prática. Dois medos diferentes surgem como interdito. Primeiro, o de se quebrar o encantamento e a magia: segundo o de sofrer violências, chantagens, humilhações, doenças, etc.

No entanto, é muito comum a excitação aparecer vinculada a situações de perigo. Trens, metrô, ônibus, igrejas, salas de aula, elevadores, etc.

Há uma constante de objeto. Homens de “verdade”, fortes, dominadores, super-heróis, senhores da situação, sodomizam, dão tapas, mordem, amarram. São soldados, militares, jogadores de futebol, que os tratam como “mulher”. Embora esclareçam que não é bem “mulher”. É mais bem, um homem “feminino” o submetido, escravizado, etc.

Um jogo de dominação-sedução, do tipo “senhor-escravo”. Voyeurismos, acessórios eróticos e pitadas de violência nas fantasias, contrastam com dúvidas e frustrações na prática. E algumas surpresas provocadas pelos parceiros que os levam a questionar a existência do tal “homem de verdade” tornando-se necessário continuar a fantasiá-lo quando se está com o parceiro da realidade.

Outra constante é a busca do “companheiro ideal”, estável, que faça desnecessária qualquer negociação, conversação desgastante ou todo malabarismo destinado a combater a solidão. Mas a frustração “vêm galopante”, pois tal parceiro parece “impossível”.

Gostariam de amá-lo e de ser amados.

A frustração da impossibilidade provoca angústia e esta levou-os ao analista.

Sim. As respostas que obtive vieram de meus clientes.

Apenas dois formulários preenchidos foram enviados pelo correio paulista. Nada do Rio de Janeiro. Além do que, desconfio, que as cartas sejam também de clientes.

Será que o processo de análise ajudou-os a tratar do assunto com maior espontaneidade ou aqueles mais espontâneos é que procuraram um “terapeuta”?

Logo, entra em jogo o vínculo transferencial, portanto vejo-me obrigado a questionar: Estas enunciações além de impregnadas pelos discursos que antecedem ao nascimento do ser, terão sofrido, ainda, a influência do analista?

Como não tenho a resposta, digo, só para concluir, e dar lugar ao debate, que os homens que amam homens, buscam, ao igual que os outros, um objeto ideal. No entanto, muitos conseguem, após várias frustrações, construir vínculos que, utilizando a nomenclatura psicanalítica, funcionam como *substitutivos*. E criam o amor.

Muitos outros, pegam carona nos preconceitos sociais para justificar a inércia, elevando, assim, o preconceito, ao *status* de um Grande Outro que conduz, invariavelmente, a insatisfação (não quero significar que a discriminação não seja um fato. “Triste época - disse Albert Einstein, 1879- 1955 - é mais fácil desintegrar um átomo que um preconceito”).

Todavia, outros tantos permanecem alienados ao IDEAL e sucumbem, invariavelmente à desilusão.

*“Não quero rosas, desde que haja rosas -
 escreve Fernando Pessoa - quero-as-só quando não as possa haver
 que hei de fazer das coisas
 que qualquer mão pode colher?
 Não quero a noite senão quando a aurora
 a fez em ouro e azul se diluir
 o que a minha alma ignora
 é isso que quero possuir
 Para que ?... se o soubesse, não faria
 versos para dizer que inda o não sei.
 Tenho a alma pobre e fria...
 Ah, com que esmola a aquecerei?”*

O que parece-me mais relevante de destacar, neste pequeno ensaio, diz respeito a castração. Um dos conceitos fundamentais da psicanálise.

À satisfação da fantasia interpõe-se um interdito. Que se não for simbolizado, aparecerá de modo concreto, representado por preconceitos, violência, culpa, chantagem, perigo. Aids, morte, etc.

O desejo tentará ultrapassar esta barreira, pois o “do-outro-lado” é atraente, principalmente porque lá, no Real, existe o “petit-a”. Este super-homem do corpo-pênis-falo - pai imaginário - cuja visão especular faz possível amar a si mesmo como um “eu sexual” através do olhar (escopofilia), e que ao submeter sexualmente, injeta a “porra da virilidade”, permitindo roubar o “néctar hormonal” que deve ter (ou ser).

Como fazem de maneira ritualística certos grupos étnicos, onde os jovens chupam os adultos e engolem o esperma, a que se atribui poderes sagrados).

Na nossa cultura - e em tempos de Aids - isto nos é proibido. Há um interdito, que em princípio, angustia. Pois implica em ter que se renunciar a busca da plena satisfação.

Entendo os quadros clínicos como os modos possíveis de se lidar com a impossibilidade de gozo, diria que os neuróticos desistem amargamente e sofrem, pois acreditam que vencendo o impedimento imposto por um “monstro imaginário”, atingiriam-no. Mas foram privados de tal possibilidade por estas ameaças imensas colocadas no outro associadas a defeitos colocados em si próprios.

Os perversos insistem em alcançá-lo. Mas para isto devem pular para o lado de lá, e o fazem pois não encontram o primeiro significante que os situe, e então deparam-se com o forcluído que retorna como um limite cruel e muitas vezes, mortal.

Finalmente, os sujeitos castrados, renunciam ao admitir que o lado de lá é a “terra do nunca”. Deste modo conseguem Gozar da Vida e escolher conscientemente a melhor maneira de se viver. Isto é, a possibilidade de se construir o próprio caminho libidinal desalienados do desejo materno. Ao dizer de Antonio Machado:

*“Caminhante, são teus passos
O caminho. E nada mais.
Caminhante, não há caminho.
Se faz caminho no andar
Ao andar se faz caminho,
E ao voltar a vista atrás.
Se vêem as pisadas que nunca,
se não de voltar a pisar
Caminhante, não há caminho,
há só espuma no mar”.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LECLAIRE, Serge: *Psicanalisar*. Debates de psicologia. 2ª edição, 1986, Ed. Perspectiva.
2. NASIO, Juan-David: *O olhar- em psicanálise*. Transmissão da psicanálise. 1995. Jorge Zahar Editor.
3. AUTORES VÁRIOS: *Arriscado*. Coletânea de textos de psicanálise. Ano V, nº 5, 1989. Escola de Psicanálise de Niterói.
4. ANDRÉ, Serge: *A impostura perversa*. Campo Freudiano no Brasil. 1995. Jorge Zahar Editor.
5. CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine: *Ética e estética da perversão*. 1991, Ed. Artes Médicas.
6. LAMANNO, Vera Lúcia C.: *Repetição e transformação da vida conjugal*. A psicotrapa do casal. 1994. Summus Ed.
7. NASIO, J. D.: *A histeria*. Teoria e clínica psicanalítica - Transmissão da psicanálise. 1991. Jorge Zahar Editor.
8. NASIO, J. D.: *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. 1995, Jorge Zahar Editor.
9. PALACIOS, Susana Amalia: *A ética do desejo*. Seminários, 1991, Relume Dumará.
10. POMMIER, Gérard: *A ordem sexual*. Perversão, desejo e gozo. 1992, Jorge Zahar Editor.
11. REALE, G. e ANTISERI, D.: *História da filosofia*. © Transcrição livre. 1991. Ed. Paulinas.

Os casais gays criam beleza

12

Arnaldo Dominguez*

Dois homens que se amavam e compartilhavam suas vidas, repentinamente foram surpreendidos por uma crise de relacionamento.

Como poderia se evitar o “burn out” (a queima total)?

Como se sustentar o compromisso de uma relação afetiva quando a ruptura da paixão e seus encantamentos, libera os fantasmas do desamparo’?

E as individualidades retomam impositivas obrigando os indivíduos a enfrentarem a transformação do casal’?

O que se fez necessário para ultrapassar esta situação tão dramática que destrói a alma dos amantes, quando não, as conquistas materiais que simbolizam a união, os produtos da relação, os “filhos”.’

Esgotam-se todas as alternativas mas parece que a “pulsão de morte” reina no absolutismo empurrando-os à impotência que se articula com a angústia de castração.

Os corpos cindem-se enlouquecidos. A temida fragmentação da totalidade mostra-se crua, nua e cruel.

1. Médico, Especialista em Psicanálise. Coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Minorias Sexuais da SBRASH.

Já não há mais uma relação-psicótica (se é possível utilizar esta expressão ambígua). Apsicose agora situa-se no individual atormentado pela solidão. Perante a sensação de um pedaço arrancado. Uma metade amputada. Um vazio de ser ou uma falta de ser. Solidão a dois.

Era-se um casal. Eis dois sujeitos barrados. Impossibilitados de atingir a felicidade, tal qual haviam imaginado fantasisticamente ao abraçar o corpo do amante numa cópula simbiótica de completude.

Narciso afogou-se no lago. E o casamento acabou!

Alguém toma a iniciativa. Um deles. Geralmente aquele que se sente sufocado e que não mais suporta as cobranças de amor do amante desejante. Cobranças que ele não poderia pagar, logicamente.

Então, inadimplente, decide livrar-se desta “dívida simbólica” (que antecedia em muito tempo ao casamento) e respirando com alívio “sai de casa” retomando ao apoio do seio familiar, onde mora “mamãe”, esta senhora possuidora dos seios kleinianos.

Chegou a hora da divisão dos bens. Dos bens? Parece-me que a divisão é dos “maus”. Os bens ficam por conta dos bons momentos que passaram juntos e que futuramente recordarão ao folhearem os álbuns das épocas em que “eram felizes e não sabiam”.

Curioso é que muitas pessoas ajudam para acelerar a ruptura do vínculo, dando palpites negativos.

- Você não percebia que ele não te amava? Era evidente que estava contigo por causa da comodidade que lhe era proporcionada.

O parceiro será sempre o último em saber. Ele era um cafajeste! Embora os amigos dele devam dizer coisas semelhantes a respeito deste.

Machucados e paranóicos em vão tentam encontrar, dentro da lógica, motivos que venham justificar o desenlace fatal.

Falácias, traições. Sintomas do “mal” projetados no outro.

A lógica doentia do terceiro excluído. Uma história já vivida.

Mas se o casamento tornara-se uma loucura, a separação transforma a vida das pessoas, num hospício. Um hospício de dor.

A ilusão do número “UM” está morta. Sucede-se o luto pela morte de um só corpo, uma só psique. Aquele hermafrodita de Aristófanos no banquete de Platão, antes da decisão de Zeus castrador.

Mas Deus existe! A prova é que o número “UM” está dilacerado.

E o nascimento do número “DOIS”, mais parece um aborto. Um aborto do casamento.

Será possível a ressurreição do número “UM”?

É o único modelo que eles conheciam!

Essa questão os trouxe ao consultório, buscando uma terapia de casal.

Sentados na minha frente estes dois homens quebrados pela situação que atravessam. parecem dois meninos. Estupefatos diante do inco-

municável. Do indizível. Da vivência individual (O *Erlebnis* de Benjamim): um lugar sem palavras.

Dirigem-me um olhar suplicante como se acreditassem que a “sabedoria” do analista pudesse responder-lhes os porquês.

Assim cada um conta uma história do casal. Uma história singular, conjugada em plural por mero acaso da fascinação.

Se confrontam quando há discordâncias.

- Ele é teimoso, diz um deles.

- Ele é que é teimoso, retruca o outro.

Pronto, já sei algum detalhe importante. Ambos são teimosos.

Minha mente de poeta ouve as imagens do que me dizem enquanto meu lugar de analista, olha as palavras.

ANGUSTIA

*Amargo no conflito,
sofro...
me defendo como posso.
Fico aflito.
Gozo.
Peço apoio,
encontro um interdito.
Desafio, enfrento
Desabafo, desabo.
Amargo no conflito,
Sofro...
Me defendo como posso
Fico aflito,
Gozo.
Peço apoio... encontro...
repito.*

Trato de enxergar por detrás das palavras. Penetrando nas histórias, enlouquecendo junto. Digo-lhes que estamos numa lavanderia (minha adorável lavanderia) e que roupa suja se lava na Lapa (o bairro do consultório). Me intrometo na relação. Estremecem. Eles não querem uma terapia de casal!

Querem me convencer das razões individuais.

Sinto isso. Interpreto isso. Ficam ambos em silêncio. Um silêncio profundo, parecido ao da angústia, porém com uma pequena diferença. Esta angústia começa a receber um nome. Acabou a sessão. Até terça.

Terça. Parecem animados. Contam-me que fizeram amor e foram juntos à feira. Querem informações sobre a Conferência Internacional da ILGA que ocorrerá no Rio. Eles sabem que participo do Movimento Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis. E que fui co-autor da constituição que deu origem a Associação Brasileira de Transexuais, através dos ideais da nossa filosofia “Etcétera e tal... pela livre orientação sexual e de gênero”.

As secretárias da clínica dar-lhes-ão os detalhes. Isto os deixa mais à vontade. Facilita o vínculo transferencial. O analista não é repressor. Nem legislador em prol da moral. O analista é o lugar da escuta.

Continuam semanalmente nas sessões. Aos poucos revela-se o “núcleo vivencial” da relação. Aquele modelo original a partir do qual se apaixonaram. E que parece ser o único que conhecem pois a ele retornam incessantemente.

Cruzaram-se numa boate há oito anos, por ocasião do aniversário de, vamos chamá-lo “A”. O outro “B”, sedutor, ofereceu-se como “Presente”.

Em pouco tempo já estavam apaixonados, portanto abandonaram os preservativos e o “Safer-Sex” (sexo mais seguro). Sabe-se que o “amor” eliminar ou torna improváveis as possibilidades de contágio pelas DST AIDS!

No entanto “A” contraiu uma blenorragia. Ele estava ciente de que a única alternativa de contaminação era seu relacionamento com “B”.

Logo “B” era um “Presente de Grego”. Um cavalo de Tróia, enganoso ardid que ingressara no território inimigo para destruí-lo.

Continuaram juntos, fazendo mentalmente a contagem regressiva até o aparecimento dos primeiros sintomas da imunodeficiência. Não fizeram os testes. Continuaram sendo HIV Interrogativos.

Estava prontificado o território para o Sadomasoquismo.

Acusar e desconfiar do contagiante passou a ser o hábito, num jogo completar de Dominação-Submissão.

“A” era estrangeiro. “B” nativo e negro. O prólogo perfeito para brincarem de Robinson Crusoe e Sexta-Feira.

Pena que dentre os sonhos, fantasias e associações, interpunha-se sua majestade: AS QUEIXAS.

Fantasmas que perturbavam o desejo de tornar-se invísíveis, mudos e cegos perante a realidade. Quebrando todos os artifícios que poderiam ser bem sucedidos no propósito de habitarem no imaginário. “O casal 20 na Terra do Nunca”.

As queixas descobriam o subterrâneo: onde conjugasse um verbo assustador: casamento e HIV. Presente e morte.

Defendiam-se um sustentando a falsa superioridade e onipotência do outro, ora com recursos místicos, ora intelectuais.

Mas havia um entrave para evoluírem do conluio inicial em direção à cumplicidade.

Isto sem contar que “mamãe” Ihes inculcara a idéia de serem “preciosos tesouros”, como podem os “tesouros” admitirem suas falhas?

Quantas revelações importantes Ihes trazia a análise.

Dava-Ihes esperança. Surgiria uma noa tonalidade na relação.

Estavam se “dando” tão bem agora. Comunicavam-me isto com entusiasmo.

A “paixão atuava” novamente. Elogiavam meu trabalho.

Davam-me elogios como “presente”.

“Presentes de Grego-?”

Semana após semana traziam expectativas insatisfeitas, desarmonias diversas, confrontos com amigos do outro (os gays casam-se com seus namorados e os amigos destes, menos frequentemente com seus parentes).

Ciúmes. divergências financeiras, sexuais, sociais. Infidelidades.

O mercado de orgasmos tão fáceis de consumir no gueto extenso da cidade.

A dimensão moral do Sagrado e do Profano retomada do modelo ortodoxo.

A velhice, a morte e a ameaça sempre presente da separação dos amantes “O objeto é fundamentalmente o outro corpo cujo encontro atualiza ou torna sensível a dimensão essencial da separação” - J. Lacan).

Até que finalmente desistem de salvar o casamento. Delineando-se assim a perspectiva de salvamento. Vieram procurando um Messias Salvador e tal como ocorreu com Cristo. houve uma ruptura no curso da história. tornando-se o presente, presente.

Descobria-se um outro tipo de Beleza. A beleza das múltiplas dinâmicas que eclodiram e muito bem substituíam a ilusão da Totalidade.

Após o súbito aparecimento da fragmentação dos sentidos podia-se brincar por estarem de luto.

As alegorias construídas prendiam parcialmente os buracos da relação.

Expressavam a insuficiência do símbolo, na tentativa de abarcar a dimensão sensível da beleza ou do sofrimento ou seu sentido transcendente.

A falsa aparência da totalidade se desfez e o “casal vinte” compreendeu que estavam juntos para subtrair, não para somar.

Isto tornou possível construir algum luxo, por Deus. Eu também preciso. Amém, prá todos nós.

Trata-se de um show inacabado porque lhe falta resposta.

E não creio que ninguém, no mundo, me dê...

O único jeito é acreditar... e acreditar chorando. Pois este show acontece em estado de emergência e calamidade pública e não se pode dar uma prova de existência daquilo que é mais verdadeiro...

Apenas é um show em *technicolor*.. para ter algum luxo. Até terça.